



**Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Sociologia**

**Beatriz Bento Gargano**

**Dinâmicas identitárias e migrações: histórias de vida de migrantes venezuelanos em Brasília**

**Brasília  
2025**

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Sociologia

Beatriz Bento Gargano

**Dinâmicas identitárias e migrações: histórias de vida de migrantes venezuelanos em Brasília**

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharela em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Stefan Fornos Klein

**Brasília  
2025**

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Sociologia

**Dinâmicas identitárias e migrações: histórias de vida de migrantes venezuelanos em Brasília**

Autora: Beatriz Bento Gargano

Banca Examinadora:

---

Orientador: Prof. Dr. Stefan Fornos Klein (SOL/UnB)

---

Examinadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Zakia Ismail Hachem (SOL/UnB)

---

Examinadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Thaysa Andréia de Miranda Rodrigues (Externa)

Brasília

2025

## **Agradecimentos**

Gostaria de dedicar, primeiramente, este trabalho à minha mãe Darlene, ao meu pai Ricardo, minha irmã Cecília e a minha prima Giovana. Sem o apoio de vocês durante todo esse período, este trabalho não teria existido. Também gostaria de agradecer ao meu parceiro de vida, Breno, por ter passado comigo esse momento importante da minha graduação e me dado forças todos os dias.

Agradeço ao Stefan pela paciência, atenção e carinho que teve comigo não só durante meu processo de escrita desta monografia, mas por todos esses anos que trabalhamos juntos, desde 2019. Obrigada por confiar em mim e por me inspirar continuamente.

Gostaria de agradecer a minha psicóloga que tornou possível esse momento acontecer, me lembrando sempre que eu era capaz de chegar até aqui.

Além disso, agradeço à professora Zakia Ismail Hachem e à Thaysa Andréia de Miranda Rodrigues por aceitarem participar da banca de avaliação desta monografia.

Um muito obrigado aos meus amigos com quem compartilho essa vida desde os tempos do ensino médio e também aqueles que me acompanham desde o ensino fundamental. Com vocês a vida é muito mais leve e cheia de graça.

Também expresso meu imenso carinho pelos amigos que fiz durante esses 6 anos na Universidade de Brasília e que dividiram comigo momentos altos e baixos, mas sempre juntos e tornando cada experiência memorável.

Agradeço, com imenso carinho, a todas as pessoas que compartilharam comigo experiências além do ambiente acadêmico. Em especial, sou profundamente grata às pessoas incríveis que conheci durante meu período como voluntária no Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH) e quando atuei no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), que desempenharam papéis fundamentais na minha trajetória profissional.

À Universidade de Brasília, gostaria de dedicar minha profunda gratidão por ter feito parte da minha formação acadêmica. Ser aluna dessa instituição foi a realização de um sonho, e agora, sinto um imenso orgulho em dizer que faço parte da história desta universidade.

Por fim, agradeço a Carlos, Ana, Adriana, Luciana e Sofia que confiaram em mim e dedicaram seu tempo a compartilharem comigo suas histórias de vida para a realização desta pesquisa. Torço por vocês sempre e espero que tenha conseguido expressar nessas páginas a força e a grandeza que cada história carrega.

## Resumo

A presente monografia reflete sobre a relação entre migração e identidade nas histórias de vida de venezuelanas(os) residentes em Brasília. Este estudo surgiu do interesse em compreender como pessoas migrantes lidam com suas identidades culturais e nacionais ao atravessarem fronteiras e enfrentarem novas realidades em outro país. A pesquisa buscou investigar como diversas influências atuam na vida dos imigrantes, especialmente aqueles que transitam entre múltiplas influências, para então entender como esses se identificam e são identificados, um tema que despertou meu interesse ao longo da trajetória pessoal e acadêmica. Além da universidade, minha experiência no Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH) também tornou-se essencial para a minha vontade de pesquisar sobre a temática, agora me permitindo aprofundar no contexto de crescente fluxo migratório proveniente da Venezuela, em especial, aqui no Distrito Federal. Assim, para realizar esta pesquisa, foi adotada a metodologia de História de Vida, uma abordagem que possibilitou captar a subjetividade nas experiências dos entrevistados que possibilitou observar dinâmicas identitárias em suas trajetórias. Por meio dessa técnica, foram entrevistados cinco imigrantes venezuelanos residentes em Brasília, cujas narrativas revelam desafios e realidades dentro do contexto migratório, cada um com sua perspectiva única sobre como a identidade é vivida, reconstruída e negociada. A análise dos relatos constatou que as identidades são dinâmicas e atravessadas por múltiplos fatores, como a experiência do deslocamento, as interações com a sociedade de acolhida e os laços mantidos com a cultura de origem e as diversas situações de classificação tanto pelas sociedades quanto pelo próprio indivíduo. Esses aspectos mostram como as(os) entrevistadas(os) conciliam questões de pertencimento e identificação na nova realidade, destacando elementos que impactam diretamente a construção de suas identidades — seja as afirmando, as questionando ou criando novas formas de existir em meio às fronteiras culturais e sociais. Por fim, esta pesquisa buscou enriquecer a compreensão sobre os desafios e as possibilidades de construção identitária em contextos de deslocamento e, além disso, somar aos debates que repensam uma identidade rígida, reforçando assim seu caráter dinâmico, processual e múltiplo.

**Palavras-chave:** Identidade, Migração, Venezuelanos, Dinâmicas identitárias, História de Vida.

## **Abstract**

This bachelor honors thesis reflects on the relationship between migration and identity in the life stories of Venezuelans living in Brasília. This study emerged from an interest in understanding how migrants deal with their cultural and national identities when crossing borders and facing new realities in another country. The research sought to investigate how various influences shape the lives of immigrants, especially those who move between multiple cultural references, to understand how they identify themselves and are identified by others, a theme that has drawn my attention throughout my personal and academic journey. Beyond the university, my experience at the Institute of Migration and Human Rights (IMDH) also became essential to my desire to research this topic, now allowing me to delve deeper into the context of the growing migratory flow from Venezuela, particularly here in the Federal District. To conduct this research, the Life History methodology was adopted, an approach that made it possible to capture the subjectivity in the experiences of the interviewees, enabling the observation of identity dynamics throughout their trajectories. Using this technique, five Venezuelan immigrants residing in Brasília were interviewed, whose narratives reveal challenges and realities within the migratory context, each offering a unique perspective on how identity is lived, reconstructed, and negotiated. The analysis of these stories confirmed that identities are dynamic and shaped by multiple factors, such as the experience of displacement, interactions with the host society, and the ties maintained with their culture of origin, as well as the various ways in which they are classified both by society and by themselves. These aspects illustrate how the interviewees reconcile issues of belonging and identification in their new reality, highlighting elements that directly impact their identity construction—whether by affirming, questioning, or creating new ways of existing amidst cultural and social borders. Finally, this research sought to enrich the understanding of the challenges and possibilities of identity construction in contexts of displacement and, moreover, to contribute to debates that rethink rigid notions of identity, thus reinforcing its dynamic, processual, and multifaceted nature.

**Keywords:** Identity, Migration, Venezuelans, Identity Dynamics, Life History.

## Sumário

<b>Agradecimentos.....</b>	<b>4</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>5</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>5</b>
<b>Sumário.....</b>	<b>7</b>
<b>1. Contextos.....</b>	<b>8</b>
1.1 Contexto do surgimento da pesquisa.....	8
1.2 Contexto da migração venezuelana.....	10
1.3 Apontamentos metodológicos.....	14
<b>2. Movimentos migratórios e a construção da identidade.....</b>	<b>20</b>
2.1 Migração e identidade.....	20
2.2 Dinâmicas identitárias.....	29
2.2.1 Dinâmica Transnacional.....	30
2.2.2 Dinâmica em meio a marcas.....	32
2.2.3 Ser Fronteiriça.....	35
<b>3. Histórias que cruzam fronteiras.....</b>	<b>40</b>
3.1 Carlos e Ana: Construindo uma rede de apoio.....	43
3.2 Adriana: A importância de um sotaque.....	49
3.3 Luciana e Sofia: O peso de ser vista como diferente.....	55
3.4 Entrelaçando as histórias de vida.....	63
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>80</b>
<b>Apêndice - Perguntas Guia para a História de Vida.....</b>	<b>85</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>87</b>

## **1. Contextos**

Ao dar início à monografia, esta etapa apresentará os contextos que embasaram o surgimento deste trabalho. Neste momento inicial, antes de adentrar a discussão bibliográfica sobre os eixos identidade, migração e dinâmicas identitárias, esta seção apresentará meu contexto com vistas a essa temática e como surgiu o meu interesse em trabalhá-la. Além disso, o contexto venezuelano também será abordado neste espaço, trazendo informações relevantes sobre a situação atual do país. Isso permitirá que as reflexões sobre migração e identidade, bem como o cenário dos migrantes venezuelanos entrevistados, sejam compreendidas adequadamente. Dessa forma, as histórias de vida dos migrantes não estarão desconectadas dos eventos gerais ocorridos no âmbito nacional, estabelecendo uma ligação clara entre as experiências individuais e a realidade do país.

Por fim, o contexto que envolveu a construção metodológica da investigação, incluindo-se os raciocínios que fundamentaram a escolha das técnicas de pesquisa, quais foram utilizadas e suas justificativas, também estarão presentes neste primeiro momento a fim de ambientar o restante do trabalho.

### **1.1 Contexto do surgimento da pesquisa**

De modo geral, o presente trabalho visa investigar as dinâmicas identitárias que se apresentam na história migratória de venezuelanos residentes em Brasília. Diante das bibliografias com que tive contato na graduação, me deparei com diversos estudos que investigam a questão identitária nas relações sociais e outros que encaram o tema dentro dos deslocamentos da modernidade. Em um primeiro momento, ao enxergar recortes como as perspectivas decolonial e latino americana, o tema da identidade começou a aparecer e a me incentivar a buscar mais trabalhos que me mostrassem outras formas de existir e ser. Esses estudos levantaram o tema identitário no âmbito de uma agenda que denunciava o sistema hegemônico de classificação e que o desconstruía ao apresentar outras formas de identificação nos entremeios, nas fronteiras das definições rígidas. A partir dessa exposição, minha curiosidade acerca dessa temática seguiu a ponto de estudá-la nos dois trabalhos de iniciação científica que realizei durante a graduação, mas junto com esse interesse, desdobrei minhas pesquisas com outra curiosidade investigativa que também tinha: a temática da migração.

A migração sempre foi um tema que me envolveu. Minha história com questões de nacionalidade e de deslocamentos sociais surgiram desde muito cedo, por meio das minhas relações de amizade com pessoas imigrantes, pelos períodos em que morei fora do país, por meio de livros literários e as notícias que sempre apareciam. Entretanto, também havia uma motivação pessoal com esse tema em sempre observar casos que desafiavam um pouco o sistema de identificação



nacional, pois eles se entrelaçaram com a minha história de vida: ser brasileira e possuir a nacionalidade italiana sem nunca ter visitado a Itália. Desde o momento em que me foi colocado esse espaço, na condição de dupla nacionalidade, nunca mais parei de refletir e a me questionar sobre as relações de pertencimento nacional e cultural das pessoas, dos processos que existem de identificação nacional, como pessoas possuem mais de uma nacionalidade, como há pessoas que não têm nenhuma (ao menos do ponto de vista jurídico), como funcionam e operam as leis internacionais acerca das classificações de nacionalidades, como as pessoas lidam e se sentem na questão de pertencimento. Essas reflexões tinham como origem a minha tentativa de compreender a minha própria dupla nacionalidade, o que ela significava e como eu me entendia ou deveria me entender nela. Essa investigação foi se ampliando para outras esferas até chegar no âmbito da imigração, pois é a partir desse fenômeno de deslocamento físico que os questionamentos acerca de identidades nacionais surgiram e assim quis entender como pessoas que se movimentam entre culturas lidavam com suas nacionalidades. Essa foi minha trajetória para chegar nas palavras chave desta pesquisa: identidade, nacionalidade e migração.

Entretanto, por mais que tivesse uma base bibliográfica para investigar a identidade e a migração, não havia muitas que trataram desses temas de maneira conjunta, até encontrar o trabalho de Gloria Anzaldúa (2005 [1987]). Ao ser introduzida ao texto *Borderlands La frontera* de Anzaldúa, me foi apresentado algo que, pela primeira vez, abarcava os eixos de identidade, de nacionalidade e de migração entrelaçados de uma forma que, também, contribui como estudo que desconstrói as ideias hegemônicas implementadas nos eixos culturais/nacionais de identificação. Ao falar de atravessamento de fronteiras, tanto físicas como psíquicas e identitárias, de fluir entre as definições e categorizações que nos são impostas por esse sistema, Gloria Anzaldúa me mostrou esse mundo de formação identitária dinâmica, plural e fluída que vai ao encontro do que já refletia e me questionava na área.

Assim, a partir desse encontro, comecei a me envolver em diversos projetos que me trouxessem conhecimento na área de modo prático. Dessa forma, cursei disciplinas das relações internacionais voltadas à migração e ao refúgio, me envolvi em simulações do sistema ONU que tratavam de temas migratórios e de refugiados internos, fui tutora no Programa Raízes, que auxilia estudantes refugiados, PEC-G e de povos indígenas a se integrarem na UnB, e também procurei me informar nas organizações e políticas públicas organizadas pela sociedade civil na cidade de Brasília. Logo, comecei a ter experiências com a área fora do meio acadêmico, em especial, sendo voluntária no Instituto de Migração e Direitos Humanos (IMDH) sob a orientação da Irmã Rosita, referência na área de auxílio migratório da sociedade civil. Esse momento foi o em que mais me inteirei, na prática, da situação migratória em um âmbito geral do país. Entendendo e trabalhando com as leis brasileiras de migração e os sistemas de normas internacionais também aprendi sobre o

cenário migratório em Brasília. Nessa experiência, além de conhecer pessoas incríveis que estão na linha de frente no auxílio a imigrantes no país, fui colocada dentro da realidade da migração mais expressiva agora no Brasil: a migração venezuelana. A maioria das pessoas atendidas e que solicitaram algum auxílio eram venezuelanas, um número que se expressava tanto nos bancos de dados mantidos pelo IMDH como pelo Observatório de Migrações (Obmigra), uma das grandes referências em dados migratórios do país.

A partir desse voluntariado no IMDH, abriram-se oportunidades para os estudos sobre a migração venezuelana em Brasília. Tanto os dados quanto os atendimentos realizados no instituto me aproximaram desse contexto migratório e despertaram meu interesse em investigar a imigração venezuelana em Brasília na monografia de conclusão de curso. Assim, por meio dessa experiência apresentada, é possível entender como surgiu meu interesse e o desenho desse tema de pesquisa: investigar dinâmicas identitárias relacionadas ao pertencimentos a culturas e nacionalidades no âmbito do contexto migratório de venezuelanas(os) que moram, atualmente, em Brasília. Pensar a migração e como esse deslocamento físico também pode movimentar identidades foi o que me guiou a realizar essa pesquisa.

Assim, a partir desse primeiro direcionamento do recorte da temática selecionada, é necessário buscar o contexto da migração venezuelana. Passo, assim, para a contextualização da migração venezuelana, os principais acontecimentos que me foram necessários ao estudo para compreender esse deslocamento e, então, conseguir adentrar com mais precisão o cenário em que as(os) entrevistadas(os) estão inseridas(os).

## **1.2 Contexto da migração venezuelana**

Nos últimos anos, o número de refugiados ao redor do mundo aumentou significativamente. Desde conflitos políticos, passando pelas crises econômicas e chegando às crises ambientais, diversos fatores têm causado uma série de deslocamentos forçados entre nações e intra Estado. Nesse cenário, a Venezuela enfrentou uma grave crise de abastecimento de produtos básicos, como alimentos e remédios, o que fez muitos venezuelanos começarem a emigrar e a tornar o Brasil um dos principais destinos de migração e refúgio.

Assim, para compreender os fenômenos e acontecimentos que envolvem o contexto migratório venezuelano, em especial a migração para o Brasil, serão brevemente apresentados os contextos da crise humanitária venezuelana e suas consequências, as fases migratórias e os conflitos diplomáticos nas fronteiras e de que maneira o Brasil se posiciona face a esse fluxo migratório. Esses eventos causaram grandes amplitudes de consequências não só entre os países envolvidos, mas também na vida dos indivíduos que entremeiam o conflito, influenciando suas trajetórias.

Primeiramente, observa-se como a crise política e humanitária na Venezuela levou cerca de cinco milhões de pessoas a abandonarem o país desde 2015<sup>1</sup>. Ao estudar a sua história, é possível ver o aumento de instabilidades nas áreas política, econômica e social ao longo do tempo: desde o governo de Hugo Chávez, com medidas nacionalistas e de controle da oposição e da imprensa, até seu sucessor Nicolás Maduro, que continuou a alimentar uma economia extremamente dependente das exportações de petróleo (Rotermel *et al.*, 2019). Com esse cenário em mente, em 2012 começou uma desestruturação das bases criadas pelo governo, advinda das crises petrolíferas, e em 2014 a situação se agrava com o preço dos barris caindo gradualmente, desmascarando assim vários problemas que acompanhavam a economia do país. Esse episódio resultou na falta de produtos essenciais nos supermercados, uma inflação bastante elevada e, em consequência de disputas ideológicas, sanções econômicas aplicadas pelos EUA que impossibilitaram a reestruturação do país. A conjuntura desses episódios tornou inviável para muitos venezuelanos uma forma segura de dar continuidade a suas vidas diante da falta de emprego, de alimentos e de energia, da escassez de recursos básicos e do aumento dos índices de criminalidade (Rotermel *et al.*, 2019).

Ao caminhar para o ano de 2019, a Venezuela enfrentou um novo abalo político com a autoproclamação de Juan Guaidó como presidente interino. Alegando fraude nas eleições de 2018, que reconduziram Nicolás Maduro ao poder, Guaidó entrou no cenário político buscando apoio internacional para reverter o quadro político do país. No entanto, essa situação intensificou os conflitos políticos e sociais, já que ambos os líderes receberam apoios externos distintos, resultando em uma disputa de influência sobre o poder na Venezuela. Após diversas tentativas de destituir Maduro, Guaidó foi removido do cargo pela oposição venezuelana em dezembro de 2022. Esse desfecho reforçou o cenário de insegurança contribuindo para a continuidade da crise migratória, tornando-a ainda mais alarmante.

Ao desvendar esses conflitos da conjuntura venezuelana, é possível perceber como o fluxo migratório se comportou em cada momento da história, afetando de formas diversas quem se deslocava. Desde o momento do governo de Hugo Chávez, em 2000, já existia um fluxo considerável de emigração no país marcado por pessoas de classe média alta, empresários, estudantes e pessoas perseguidas pelo governo, tendo como principais destinos os EUA e países da Europa (Acosta; Blouin; Freier, 2019). Por mais que a evasão em números fosse menor que a atual, essa migração já evidenciava os sinais das tensões políticas e sociais do país e a insegurança no processo de nacionalização das indústrias.

Em um segundo momento, tem-se a crise econômica de 2012 atacando fortemente o mercado petrolífero do país. O aumento de repressões políticas, da escassez alimentícia e de violência fez com que perfis distintos de pessoas saíssem do país em busca de condições melhores

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.acnur.org/br/emergencias/venezuela>

de vida, agora tendo por destino não só a Europa e os EUA, mas também países vizinhos como a Colômbia, o Panamá e a República Dominicana. Com a continuação da instabilidade, seguida de uma mudança política (sucessão de Nicolás Maduro), a situação se agravou produzindo uma 3ª fase migratória em 2015 caracterizada, principalmente, pelo sentimento de desespero da população (Acosta; Blouin; Freier, 2019). Em adição a esse cenário, houve diversos decretos de fechamento das fronteiras com os países vizinhos incluindo, em 2016 e novamente em 2019, o Brasil, com a justificativa de cessar o contrabando de mercadorias entre os países e para impedir a entrada da ajuda humanitária, respectivamente (IPEA, 2021). Os impactos desse abre e fecha de fronteiras acarretou uma alta na inflação, na desvalorização da moeda – o bolívar –, um esvaziamento dos comércios das cidades fronteiriças, bem como o aumento do contrabando de mercadorias e, principalmente, um aumento do fluxo e da quantidade de pontos clandestinos de passagem, submetendo a população venezuelana a maiores riscos e situações de vulnerabilidade (IPEA, 2021). Para pensar na trajetória identitária de uma pessoa, é importante pensar por onde ela circulou e o que lhe ocorreu para chegar aqui, entender a partir de seu relato e de datas o que deixou para trás e o grau das situações de vulnerabilidade que ela passou para conseguir deixar seu país.

A fase em que nos encontramos hoje conta com mais de 5,4 milhões de refugiados e migrantes venezuelanos fora da Venezuela, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). A inflação, a fome e o crime organizado caracterizam essas trajetórias com o sentimento de desespero acontecendo simultaneamente à movimentação de diversas organizações e Estados na elaboração de políticas migratórias em seus territórios. Ao pensar no contexto brasileiro, que apesar de não compartilhar a mesma língua e existirem muitas diferenças culturais, cabe ressaltar que é o destino de cerca de 260 mil imigrantes venezuelanos<sup>2</sup> que, ao adentrarem esse novo território, estão sujeitos a serem afetados diretamente pelas leis e políticas migratórias do país.

Ao focar nas políticas migratórias brasileiras, é perceptível como, por mais que se tenha aparatos de acolhimento e integração, ainda existe muito conservadorismo e práticas restritivas (Martino; Moreira, 2020). As e os migrantes que perpassam e se destinam ao Brasil, encaram em um primeiro plano um sistema de rótulos criados pelas instituições burocráticas governamentais, cada um com suas particularidades no acesso a direitos como a saúde, a educação e a segurança, assim como na legalização de sua permanência. Assim, por mais que seja um processo de documentação gratuita para conseguir uma identificação provisória (protocolo) como refugiado, os serviços públicos brasileiros podem demorar anos para aprovar e as medidas complementares, como o documento de residência temporária, acabam contribuindo para a inibição do acesso ao refúgio e a

---

<sup>2</sup> Dado retirado da ferramenta DataMigra (Obmigra) com dados do Sistema de Tráfego Internacional (STI) que demonstrou a movimentação de mais de 260 mil venezuelanos em 2024 no território brasileiro. Fonte disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZThhMmMyNDctZDhkMS00Y2Y2LTg2NzQtOWJkZDk0YmFiODdjIiwidCI6ImVjMzU5YmExLTYzMGItNGQyYi1iODMzLWw4ZTZkNDhmODA1OSJ9&pageName=c47451134a39e637d708>

garantia de direitos (Martino; Moreira, 2020). Essa forma de encarar a migração cria uma hierarquia entre as categorias migratórias e estabelece uma estratégia de o Brasil diminuir sua responsabilidade na proteção àqueles que, em situação vulnerável, recorrem a um outro país, cultura e língua para poderem sobreviver e terem uma vida digna (Martino; Moreira, 2020).

Apesar dessas circunstâncias, o governo brasileiro, juntamente com a sociedade civil e organizações, implementou a Operação Acolhida. Esta iniciativa visa atender venezuelanos em situação de vulnerabilidade que chegam pela fronteira da Venezuela com o Brasil, sendo que atua em 3 frentes: (i) Ordenamento de Fronteira, (ii) Acolhimento e (iii) Interiorização. Nessas frentes de atuação, a operação possui caráter provisório, com ações de urgência que focam no controle fronteiriço, em suprir as necessidades básicas de beneficiários, como serviços do sistema público brasileiro, fornecer abrigo e dar acesso aos principais documentos que propiciaram a inserção socioeconômica e a realocação de parte da população imigrante para o interior do país de forma voluntária, respectivamente (IMDH, 2021, p. 57).

Desses principais eixos mencionados, um importante a destacar é a ação da Interiorização. Essa operação promove a realocação de pessoas de abrigos de Boa Vista para outros estados do Brasil com o principal objetivo de diminuir a concentração de pessoas no estado de Roraima, principalmente nas cidades de Pacaraima e Boa Vista (IMDH, 2021). A interiorização voluntária, conforme estabelecido pelo comitê da Operação Acolhida, possui cinco modalidades: (i) reunificação familiar, em que a solicitação de alocação é feita para encontrar um familiar; (ii) reunificação social, feita por meio da ponte amigo e familiares não incluídos na reunificação familiar; (iii) Abrigo-Abrigo, transferência feita por meio de vaga em abrigos de outros estados (CAI); (iv) vaga de Emprego Sinalizada (VES), feito pela inserção laboral em outras cidades; e (v) sociedade civil, por meio da realocação que outros tipos de instituições solicitaram a transferência do indivíduo (IMDH, 2021, p. 54). Essa ação foi essencial na história de vida de Carlos e Ana, os primeiros entrevistados da pesquisa, que utilizaram essa ferramenta para chegarem a Brasília.

Assim, é vivo o entrelaçamento de acontecimentos de níveis nacionais e internacionais na vida dos imigrantes e refugiados. Diante de um contexto de violação de direitos humanos, de medidas de fechamento de fronteiras, de políticas de regularização migratória, entre outros acontecimentos, é possível olhar como esses fatores influenciam e afetam a forma com que uma pessoa percorre sua trajetória e como as políticas públicas do governo de destino impactam sua vivência naquele país. No caso desta pesquisa, o contexto venezuelano traz uma visão ampla que ajuda a entender de onde essa pessoa está vindo, pelo que passou e a construção da sua vida até chegar aqui. Esses elementos se tornam importantes para ouvir e cultivar a narrativa de alguém e para conseguir agregar mais níveis de entendimento à história de vida dos entrevistados.

Ao analisar o contexto migratório em Brasília, cidade na qual esta pesquisa foi conduzida, é relevante destacar algumas características específicas relacionadas à migração. Desde sua fundação, a população do Distrito Federal foi majoritariamente formada por migrantes internos. Além disso, como capital do Brasil e sede de embaixadas e organismos internacionais, a cidade sempre contou com uma significativa presença de migrantes internacionais em sua composição demográfica (Hachem, 2024).

Assim, a partir desse mapeamento contextual, tornou-se possível construir a base do funcionamento da pesquisa: a metodologia. Por meio dessa apresentação inicial, criou-se a possibilidade de análise que, além de desenhar o cenário em que os entrevistados estariam incluídos, também influenciou na escolha da técnica de pesquisa utilizada para a entrevista que, no caso, foi a história de vida.

### **1.3 Apontamentos metodológicos**

Como as(os) migrantes lidam, constroem e enxergam as suas identidades no contexto em que vivem? Como se dão as dinâmicas de pertencimento nacional dos imigrantes venezuelanos aqui em Brasília? Essas perguntas se tornaram o objetivo principal da pesquisa, observar como esse grupo lida com possíveis dificuldades de encaixe em diferentes culturas, se convivem com uma dualidade de pertencimento na sua identificação de nacionalidade, se desenvolvem um conjunto de relações multidimensionais (sociais, políticas, culturais, econômicas), entre outras questões que serão trabalhadas na parte de análise teórico-conceitual. A proposta desta investigação visa salientar o impacto dos deslocamentos humanos nas construções identitárias para além de um Estado-nação, entender como o contexto de diversas influências pode acionar e construir suas identidades. Assim, para trabalhar o tema escolhido, foi proposto investigar um caso específico de migração para observar quais processos identitários se realizam e como se dá a construção dessas identificações. Ressaltando o motivo de já ter uma experiência prévia com esse recorte, foi escolhido estudar a comunidade venezuelana que reside em Brasília.

Com isso, a metodologia utilizada na pesquisa recorreu à revisão teórica e, na parte prática, ao uso de entrevistas com a técnica de história de vida. Diante de um tema que procura investigar questões identitárias no contexto migratório, é intrínseco pensar sobre métodos e técnicas que consigam trazer as subjetividades, realçar as nuances das relações sociais em que os sujeitos em foco convivem, ter a delicadeza de tratar de situações de vulnerabilidade e conseguir protagonizar a narrativa ouvida. Por isso, para além de uma entrevista, a história de vida confere mais autonomia à(ao) entrevistada(o) para que seja possível entender, a partir de seu ponto de vista, os porquês dos eventos que perpassou, suas ações, interações e relações (Guérios, 2011). Para alcançar esse grau de

abstração, o método pede uma abordagem semiestruturada com alguns tópicos-guia para focar nos eventos que a narrativa da(o) entrevistada(o) traz em diálogo com o tema da pesquisa. Além disso, a revisão teórico-bibliográfica construída forneceu a base para a investigação prática e auxiliou na criação das perguntas do roteiro para a Histórias de Vida. Assim, para organizar o desenvolvimento da pesquisa, ela foi dividida em 3 momentos. O primeiro com uma revisão bibliográfica base para pensar a relação de migração e identidade; o segundo realizando a junção de diversas teorias, casos e estudos sobre dinâmicas identitárias e, por fim, o trabalho de campo da pesquisa, recorrendo ao método de história de vida com entrevistados venezuelanos em Brasília.

Com relação ao desenho metodológico escolhido, será retomado, previamente, o objetivo proposto pela pesquisa. O contexto de trabalhos que influenciaram na escolha da temática de estudos identitários na migração advém das perspectivas decoloniais. Na temática, há uma área rica de escritos que desenvolvem como o mundo hegemônico/ocidental/moderno<sup>3</sup> atual age na construção identitária dos indivíduos, colocando fixações categóricas de identificação como únicas formas de ser, impondo-as nas demais formas de existência. Essa prática, como anteriormente desenvolvido, se manifesta em diversas áreas identitárias como a de gênero, sexualidade, racial e também se manifesta na área de identificação nacional do ser humano, uma ideia rígida limitadora que estabelece definições do que podemos ser e o que cada padrão/caixa significa. No entanto, há aqueles que questionam essa rigidez, propondo formas de identificação múltiplas e fluidas, que permitem novas perspectivas sobre a construção identitária.

Assim, a partir desse contexto, o objetivo desta pesquisa se estende a contribuir com essa produção de textos que buscam entender identidades que se encontram silenciadas por esse sistema por fluírem e se estenderem para além dele e, também, estudar a área dentro das perspectivas identitárias ligadas à nacionalidade. Dessa forma, para conseguir realizar essa proposta, foram pensados diversos recortes e caminhos analíticos para tornar o estudo viável. Em primeiro lugar, ao focar nos estudos voltados à nacionalidade, dediquei-me a investigações relacionadas à migração, por tratar-se de um fenômeno de pessoas que se encontram inseridas no sistema de construção identitária em um momento de movimento e transição tanto física como psíquica (Anzaldúa, 2005 [1987]). Como essa forma hegemônica de fixação categórica atinge a construção das pessoas que se movem, como migrantes? Esses foram os principais questionamentos ao me identificar com essa área de pesquisa, pensar, juntamente com as autoras que me inspiraram, as formas que se manifestam de essas pessoas construírem e lidarem com o pertencimento e a identificação. Mas, então, qual seria o melhor método para conseguir seguir com essa investigação?

---

<sup>3</sup> O conceito de mundo hegemônico/ocidental/moderno, utilizado nesta pesquisa, refere-se a um conjunto de ideias, práticas, valores e estruturas de poder que predominam globalmente e estão frequentemente associados aos países do chamado "Ocidente". Essa hegemonia impõe uma visão de mundo dominante que, muitas vezes, desconsidera ou marginaliza culturas, epistemologias e sistemas de vida que não se alinham a esses paradigmas, contribuindo para a perpetuação de desigualdades globais.

No caso, diante do que foi estudado durante a graduação, essa pesquisa tem características correspondentes a um estudo voltado ao empírico para buscar a expressão prática do fenômeno observado. Em *Uma introdução à pesquisa qualitativa* de Uwe Flick (Flick, 2009), a pesquisa qualitativa é caracterizada como uma nova sensibilização para o estudo empírico das questões, uma perspectiva capaz de entender a diversidade dos estilos de vida e de interpretação na sociedade e, então, capaz de interpretar uma construção identitária. Dessa forma, as metodologias qualitativas irão buscar os detalhes e as especificidades, uma subjetividade contida nas ações sociais individuais e grupais e que, como trunfo, possui a flexibilidade. Essa característica permite a adaptação das técnicas de coleta de dados de acordo com a natureza da observação realizada (Martins, 2004).

Dessa forma, esta pesquisa tem caráter qualitativo de investigação, pois, assim como a base dessas metodologias e técnicas, debruço-me sobre o subjetivo do ser humano sem me apoiar na exatidão e na quantificação dos dados. Após essa definição, ao pensar sobre o caminho metodológico que melhor se adequaria a esta pesquisa, surgiu a ideia de utilizar a técnica de história de vida. Diante de um tema que procura investigar questões identitárias no âmbito do fenômeno migratório, é intrínseco pensar sobre métodos e técnicas que consigam trazer as nuances das relações sociais vivenciadas pelas(os) as(os) sujeitas(os) em foco, e ter a delicadeza de tratar de situações de vulnerabilidade, além de conseguir protagonizar a narrativa compartilhada.

Dentre as diversas técnicas e formas de pesquisar no âmbito das metodologias qualitativas, a que se destaca é a entrevista e suas variações estruturadas, semi-estruturadas, não estruturadas. No texto “entrevistas individuais e grupais” de George Gaskell (2008), a entrevista qualitativa em ciências sociais é amplamente utilizada como uma metodologia de coleta de dados para explorar e compreender a experiência de vida dos entrevistados. Ela visa criar esquemas interpretativos que ajudam a entender as narrativas dos participantes, além de conseguir trazer dados essenciais para compreender as relações entre os atores sociais e seu contexto, abarcando suas crenças, atitudes, valores e motivações em contextos sociais específicos.

Assim, dentre as diversas formas de se propor e realizar entrevistas, a técnica da história de vida foi escolhida para investigar a construção identitária na migração, ou seja, a entrevista que conta uma história pessoal. A decisão de realizar o caminho por meio da história de vida surgiu pela necessidade de um método que abarcasse o lado subjetivo dos processos sociais e trouxesse detalhes de um cotidiano que em outros métodos só conseguiria especular. Entretanto, por conta da sua abordagem de aspecto livre mencionada anteriormente, há muitos questionamentos acerca da sua aplicação e validação – quem interrogar e quantos, como verificar sua cientificidade, como construir a sua análise. Essas perguntas repercutiram várias reflexões entre cientistas sociais para melhor definir o método, e nesse espaço pretende-se desenvolver sobre a história de vida desenhada para esta pesquisa e as reflexões sobre sua aplicação para esse contexto.



Primeiramente, é necessário discutir a questão da quantidade de pessoas entrevistadas. No caso da história de vida, pela quantidade de detalhes que uma pessoa já oferece em seus relatos, há uma dificuldade em determinar quanto é o bastante, pois é possível que uma pessoa já consiga satisfazer suas principais dúvidas. Para resolver essa incerteza, Bertaux (1980) apresenta a ideia de um nível de saturação na medida em que procura conscientemente diversificar os seus informantes para encontrar uma base sólida para a generalização dos achados (Bertaux, 1980). Diante desse argumento, esta pesquisa optou por seguir uma linha semelhante, mas não forçar a existência de uma saturação. Pela natureza desta pesquisa, é possível que um relato converse com diversas das categorias identitárias estudadas ou que seja necessário um número maior de pessoas para que seja possível observar a questão identitária se relacionando com o movimento migratório venezuelano. Por isso, a prioridade da quantidade de pessoas desta pesquisa foi definida de relato em relato, a fim de avaliar sua suficiência ao longo do processo, podendo ter em mente a possibilidade de utilizar uma diversificação entre as(os) entrevistadas(os) para enriquecer os dados da pesquisa.

Já no que diz respeito à questão analítica deste método, a pesquisa levou em conta a capacidade de relacionar fatores externos à narrativa contada. Por se tratar de um estudo da trajetória de um ou mais indivíduos, é necessário considerar a existência de diferentes escalas, níveis variados de interações que perpassam sua vida e pensar em uma abordagem que consiga decifrar desde experiências individuais até relações com a sociedade (Guérios, 2011). No caso, esta pesquisa recorreu à reflexão de escalas de Guérios para levar em consideração a trajetória de uma pessoa nos ambientes sociais de que participa e investigar como as categorias identitárias perpassam essa narrativa nas relações entre o individual e o social, entre o pequeno e o grande, entre a parte e o todo (Guérios, 2011). Esta forma de reflexão permite complexificar a análise das relações entre os sujeitos cujas trajetórias demonstram a inserção em diferentes ambientes e considerar suas escolhas e ações entre os diferentes níveis de contexto.

Assim, ao optar por este método, foram considerados os recortes e as escolhas em relação a quem seria entrevistado, além da formulação das perguntas e da maneira como a história de vida seria delineada. Primeiramente, durante o planejamento da pesquisa, foi considerada a questão de qual grupo seria o foco da entrevista, optando assim por venezuelanas(os) que fossem residentes no Distrito Federal. Essa escolha liga-se com a minha experiência prévia que tive no campo da migração, buscando aproximar-me do que já vivenciei estudando o tema migratório. Assim, o desenho da parte prática foi se desenvolvendo com o foco em venezuelanas(os) residentes em Brasília, surgindo dos contatos iniciais estabelecidos no IMDH e pelo contexto familiar que a cidade já me proporciona, pois assim conseguiria pensar com mais afinidade a questão do relacionamento dessas pessoas com esse cenário.

Os contatos fornecidos pela Irmã Rosita incluíam diversas nacionalidades e grupos migratórios presentes em Brasília, como cubanos, colombianos e nigerianos. Embora a maioria das pessoas atendidas durante meu auxílio no IMDH fossem venezuelanas, é importante ressaltar que Brasília é uma cidade com uma variedade significativa de casos migratórios, distribuídos em diferentes Regiões Administrativas do Distrito Federal. O Distrito Federal tem sido um destino para diversos grupos migratórios, o que instiga uma questão investigativa interessante para pesquisas nessa temática a respeito de pensar os perfis migrantes que vieram para Brasília, os motivos pelos quais optaram por se estabelecer nesta cidade, que tipos de migração existem aqui, entre outros questionamentos relacionados à dinâmica entre migrantes e o ambiente urbano.

A partir disso, ao optar por entrar em contato com os venezuelanos, esses questionamentos, o motivo migratório, o contexto e as questões culturais que cada um sente com seu país atravessariam o contexto venezuelano. Dessa forma, iniciei um contato preliminar por meio do *WhatsApp* para verificar o interesse dessas pessoas em participar da pesquisa, o que me auxiliou a determinar o número de entrevistados para o estudo. A abordagem da história de vida, conforme estudada e delineada pelos autores aos quais tive acesso, envolve uma análise aprofundada do entrevistado, caracterizada por um período livre, porém extenso, no qual a pessoa discorre sobre sua vida, geralmente focada na sua história completa ou pensada em investigar uma pessoa central do contexto em estudo. Dessa forma, a necessidade de um grande número de entrevistados não é tão expressiva como em outras pesquisas qualitativas, que dependem de múltiplos relatos para realizar uma análise. Aqui, o foco é entender e conhecer com profundidade a história de cada pessoa e sua relação com o processo de migração, entendendo o seu ponto de vista por inteiro dessa experiência assim como lidou com a situação, podendo ser uma única entrevista detalhada.

No caso dessa pesquisa, foram entrevistadas 5 migrantes venezuelanas(os), cada um(a) contando sua perspectiva, sua trajetória e, principalmente, seu relacionamento com o ato de migrar. Importante ressaltar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da UnB, sob o protocolo CAEE 46251320.0.0000.5540, e que todos os procedimentos necessários para garantir a confidencialidade e a privacidade das(os) participantes foram rigorosamente adotados, incluindo a modificação e a omissão de nomes e dados pessoais que pudessem identificá-los.

Após essas primeiras definições, o planejamento da pesquisa seguiu a ideia da criação de tópicos-guia: pontos de foco que, durante as conversas, poderiam abordar os objetivos estabelecidos para o estudo e servir como lembretes para auxiliar e direcionar a conversa, conectando-a à etapa seguinte de análise das transcrições (Gaskell, 2008). Dessa forma, as guias criadas espelham o que foi estudado no capítulo de “Identidade e Migração”, e que se expressou em forma de perguntas-guia para dar início e direcionamento à narrativa do entrevistado. Além das perguntas

iniciais, cujo objetivo é centrar as narrativas em seu caráter identitário, incluiu-se também perguntas direcionadas às dinâmicas identitárias estudadas. Dessa forma, à medida que a história contada se desdobra em torno de uma dessas construções de identidade, o roteiro é capaz de abordar mais profundamente esses elementos e detalhes da narrativa do indivíduo e conseguirá articular esse momento com a posterior análise.

Assim busquei, tanto na parte teórica textual como na prática das entrevistas, entender os relatos de como as(os) entrevistadas(os) lidam com suas identidades nacionais e culturais. Dentro da temática, nota-se a presença de diferentes categorias analíticas que podem ser discutidas no contexto da identidade dos imigrantes, dentre elas os diferentes marcadores interseccionais como raça, sexo e classe social. No entanto, esta pesquisa concentrou suas análises nas categorias que emergiram diretamente dos relatos das(os) participantes, priorizando aquelas que foram acionadas quando se abordaram questões identitárias. A identidade na migração pode ser dinâmica, plural, atravessadora de fronteiras físicas, bem como diversa nas relações e formas em que se apresenta, tornando-se assim o elemento central a ser investigado neste trabalho.

## **2. Movimentos migratórios e a construção da identidade**

Neste capítulo serão abordados os principais conceitos utilizados na construção desta pesquisa, com reflexões acerca de suas definições para que, em seguida, seja possível trazer as dinâmicas identitárias. O exercício de delimitar os significados dos conceitos utilizados durante a pesquisa tem como fim indicar como contribuem para a análise, bem como quais referências foram usadas para agregar conhecimento ao tema migração na identidade.

### **2.1 Migração e identidade**

Para compreender a migração venezuelana e realizar a análise proposta por esta pesquisa, é imprescindível considerar os conceitos fundamentais que serão utilizados: migração e identidade. Ao pensar em “migração”, muitas concepções e estigmas são acionados no imaginário comum como migrante ilegal, onda migratória, aumento da pobreza e dos índices de violência no país de destino, evocando assim diversas imagens muitas vezes deteriorantes. No entanto, também suscitam questionamentos sobre os motivos do deslocamento, o que deixaram para trás e como essa mudança impactou suas vidas. A viagem, o trajeto e a chegada a uma nova terra constrói narrativas que inquietam e geram incertezas, tanto para as pessoas do país de destino quanto para os próprios migrantes e para aqueles que permaneceram em seus locais de origem.

Ao longo da história, a temática migratória tem sido estudada e encarada de diferentes maneiras, levantando uma série de questões sobre esse fenômeno. Momentos como as grandes navegações, quedas de impérios, guerras e pós-guerras, bem como a urbanização das cidades, destacam-se como períodos em que a questão migratória ganha relevância, tornando-se um assunto a ser debatido e, muitas vezes, “solucionado”. No entanto, a migração e o deslocamento humano são fenômenos intrínsecos à história da humanidade, remontando aos primórdios da formação das primeiras ideias de grupos, comunidades e sociedades. A migração faz parte da história humana.

Ao iniciar a definição desse conceito, conforme descrito no glossário da Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2010), uma das fontes mais abrangentes e atualizadas para definir noções relacionadas ao fenômeno migratório, a migração é entendida como o processo de atravessar uma fronteira internacional ou de um Estado. Trata-se de um deslocamento de pessoas, independentemente de sua extensão, composição ou causas, incluindo assim, dentro do guarda-chuva dessa palavra, a migração de refugiados, pessoas deslocadas, apátridas, migrantes econômicos, entre outras categorias. Pensar migração é compreender o movimento de sair e entrar em outro país, analisar a narrativa dessas pessoas ao se deslocarem e do desafio de se tornarem estrangeiras em uma outra nação.

De acordo com o artigo 13 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o seu, e de retornar a ele. As normas internacionais de direitos humanos reforçam que esse direito deve ser exercido livremente, cabendo aos Estados impor restrições apenas em circunstâncias excepcionais e justificadas. Nesse contexto, organizações globais como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM) desempenham um papel essencial. Elas se dedicam não apenas ao estudo, mas também ao suporte ativo às pessoas em situação de migração, com atenção especial àquelas que enfrentam vulnerabilidades no processo de deslocamento.

Nesse contexto, surgem outros conceitos relacionados aos tipos de migração e à análise do cenário em que essas migrações ocorrem, com destaque para o conceito de refugiado. Um refugiado é definido como uma pessoa que, temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, encontra-se fora do país de sua nacionalidade e não pode ou não deseja retornar devido a esse temor (ACNUR, 1951).

Ao examinar esses conceitos, torna-se evidente o progresso alcançado pelas leis internacionais no âmbito migratório. Ao fornecer definições desses deslocamentos, organizações como o ACNUR e a OIM conseguem orientar políticas públicas e fornecer assistência àqueles que têm suas vidas ameaçadas a ponto de fugir de seus países em busca de segurança e melhores condições de vida. No entanto, é importante ressaltar que o ato migratório não se limita apenas a situações de vulnerabilidade; o direito de migrar é um direito humano fundamental que se estende também àqueles que buscam oportunidades e melhores condições de vida em outros países. No contexto brasileiro, um marco significativo na legislação foi a aprovação da nova Lei de Migração 13.445/2017 (BRASIL, 2017), que reconhece o movimento migratório como um direito humano e garante aos imigrantes, em condição de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade.

Assim, para essa pesquisa, a definição desses fenômenos se dará de uma forma simples, por mais que seja necessário saber as especificidades e diferenças entre os fluxos e as diversas formas de classificar quem se desloca pelo globo. Aqui, o migrante é aquele que se desloca do seu local de origem e chega em um novo, podendo ser dentro de um mesmo país ou cruzando a fronteira para outro. Quando há a travessia para um outro país, independente dos motivos que a levaram a atravessar, essa pessoa se torna uma imigrante em relação ao seu movimento de entrada em outro território. Durante a monografia, esses serão os dois principais conceitos utilizados, mas o que centralizará a construção da pesquisa será o ‘migrante’, por trazer dentro do seu conceito um lugar mais amplo de deslocamentos não só entre países, mas também dentro de um mesmo território. A partir desta definição, torna-se possível pensar naquele que desloca consigo não só seu corpo, mas sua cultura, laços e as influências do lugar de onde saiu.

Com base nessa definição, avança-se para algumas reflexões sobre migração, particularmente nos debates dentro do campo da sociologia. É fundamental compreender quando e porque a sociologia começou a se preocupar em explicar os motivos pelos quais as pessoas se deslocam, entender as principais perspectivas que surgiram para compreender esse fenômeno e como ele foi abordado ao longo do tempo. Esse breve mapeamento mostrará alguns dos desenvolvimentos de estudos sobre migração na sociologia e estabelecerá conexões com os estudos contemporâneos que abrangem outras esferas ao compreender esse fenômeno, em particular, linkar com os estudos identitários.

Assim, em um primeiro momento, ao considerar a era dos clássicos da sociologia, como Marx, Durkheim e Weber, a migração entre nações não era um tema central de análise. Em vez disso, ela era frequentemente abordada no contexto do êxodo rural, decorrente da industrialização, ou como uma consequência da ascensão do capitalismo, que provocou uma mobilidade populacional e um deslocamento em direção às áreas urbanas (Sasaki; Assis, 2000).

Já no início do século XX, a sociologia estadunidense trouxe a temática migratória de forma mais centrada no estudo do deslocamento humano entre países, mas por meio da ótica da problematização do fenômeno. Na época, houve uma crescente mobilidade populacional da Europa no pós-guerra, especialmente em direção aos países considerados do “Novo Mundo”, ou no caso, países do continente Americano. Esse movimento, em grande parte impulsionado pela crise econômica que assolava os países europeus, resultou em um intenso fluxo migratório que gerou debates acerca de como esse fluxo poderia afetar a formação da sociedade no país de chegada, chegando a trabalharem com conceitos como a (des)integração social (Sasaki; Assis, 2000). Ao enxergar a migração como um problema a ser resolvido, esses pesquisadores, que viriam a se tornar parte da Escola de Chicago, focaram em como o processo de migração poderia romper os laços de solidariedade, especialmente no âmbito familiar, o que acabou influenciando, posteriormente, o surgimento de outras áreas dentro da sociologia, como a urbana e a de desvio. Assim, os estudos da Escola de Chicago se concentraram nos processos de adaptação, aculturação e assimilação dos grupos imigrantes na sociedade estadunidense, com a crença de que ocorreria uma completa assimilação estrutural e cultural. O termo “*melting pot*” também foi um conceito utilizado para descrever esse processo de assimilação e/ou americanização dos imigrantes que formariam grupos cada vez mais amplos e diversos. Esse momento é o ponto em que a migração vira uma área de estudo consolidada na sociologia.

Durante os anos 1950, as transformações políticas e econômicas do período pós-guerra, juntamente com o surgimento de fluxos migratórios internacionais, alteraram significativamente os estudos migratórios. Nesse contexto, novos grupos migrantes, como latino-americanos, asiáticos e outros não brancos, passaram a ganhar destaque nessas movimentações, o que levou os estudos a

enfatizarem mais o caráter étnico dessas migrações, distanciando-se um pouco das abordagens que analisavam a migração sob a ótica da assimilação (Sasaki; Assis, 2000).

Com o passar do tempo, a área de pesquisa passou a ter como foco a análise econômica, enxergando os fenômenos migratórios como consequência da crise econômica nos países de origem e o impacto que gera no país de destino. Os estudos passaram a se concentrar em entender como a chegada desses imigrantes afeta economicamente os Estados-nação, levantando questões relacionadas à pobreza, ao desemprego e à localização geográfica dos imigrantes nas cidades. Esse momento marcou uma mudança de foco para análises mais quantitativas, incluindo o uso de pesquisas e um maior interesse no indivíduo migrante, características que tiveram uma influência significativa nos estudos da Escola de Chicago. Em paralelo, esse momento trouxe outras vertentes de investigação que questionavam o modo quantitativo de enxergar a migração. Em especial, destacam-se os estudos trazidos por Sassen (1988), que trouxe a necessidade de identificar os processos que transformam essas condições, abranger o olhar e pensar na formação de um espaço de mobilidade para além de pessoas, onde acontece uma troca econômica, mas também uma troca cultural e uma formação de redes sociais (Sasaki; Assis, 2000).

Em complemento a esta mudança de perspectiva sobre os estudos migratórios, Abdelmalek Sayad (1998), analisando um contexto marcado por grandes fluxos migratórios da Argélia para a França, trouxe reflexões sobre a forma de olhar para a migração. Sayad, em relação ao que produziu entre 1975 e 1988, encarou a migração como um “fato social total”, um fenômeno que envolve múltiplas dimensões como as econômicas, políticas, culturais e psicológicas, afetando tanto os indivíduos quanto as sociedades de origem e de destino. Essa abordagem permitiu uma análise mais profunda e contextualizada da migração, destacando suas raízes estruturais e históricas, demonstrando que não era um fenômeno natural ou inevitável, mas sim o resultado de desigualdades estruturais e de políticas específicas, diretamente ligadas ao colonialismo e às relações de poder entre os dois países (Sayad, 1998).

Essa dinâmica colonial, identificada por Sayad, se perpetua por meio de ficções, como a ideia de que a migração ocorre exclusivamente por motivos de trabalho, reduzindo o imigrante a uma função econômica e mantendo-o à margem da cultura, da política e da sociedade do país de acolhimento. Essa visão etnocêntrica ignora tudo o que antecede a “chegada” do imigrante, como se sua história e identidade começassem apenas no momento em que cruza as fronteiras. Para Sayad, esse desconhecimento não é casual, mas resulta de um interesse seletivo: só se conhece o que é útil e se entende o que é necessário, moldando o conhecimento sobre o imigrante a partir de relações de poder e necessidades sociais (Sayad, 1998). Ao criticar essa visão limitadora, Sayad mostra que o imigrante carrega consigo uma história, uma identidade e uma bagagem cultural que são essenciais para entender sua experiência migratória.

Com essas novas abordagens, foi possível trazer a inclusão de outros elementos para entender e estudar a migração, expandindo o foco para além dos aspectos puramente econômicos nos quais os migrantes eram anteriormente vistos como indivíduos agindo de forma isolada das relações sociais. Essas teorias sobre a migração internacional evidenciaram a necessidade de uma análise mais aprofundada, considerando principalmente os aspectos sociais do deslocamento (Sasaki; Assis, 2000). Os padrões de migração recentes e as novas conceitualizações trouxeram à tona questões relacionadas à vulnerabilidade, questões culturais e nacionais, de modo que aspectos como raça, gênero e classe começaram a ser considerados de forma mais significativa nos estudos migratórios. Ao chegar nesse ponto, nota-se como os estudos de migrações recentes trazem a possibilidade de entrelaçar outras áreas de estudo, culminando em um momento em que os estudos de identidades culturais também começam a adentrar na temática migratória.

Dessa forma, ao iniciar o entrelaçamento das áreas migração e identidade, questões sobre como a identificação se constrói, como é afetada e moldada pela movimentação humana surgem nas reflexões. Para além de analisar os fluxos migratórios, os impactos e as dificuldades que se apresentam na vida das(os) migrantes, é possível abarcar outra esfera de estudos para visualizar deslocamentos, agora centrada na percepção de pertencimento. Ao explorá-la, essa área consegue trazer elementos sobre identificação para entender como o migrante e as sociedades que perpassou o reconhecem. As identidades que são moldadas e localizadas em e por diferentes lugares podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. A partir dessas movimentações, a afinidade e a lealdade às “pátrias” que perpassa também entra em questão, em que a realidade de identificação com as nações não pode ser simplesmente atribuída a uma única fonte.

Essas reflexões são possíveis por meio dos estudos das identidades culturais que, advindos de um espaço de estudos decoloniais, compreendem a identidade como um processo dinâmico e relacional, que emerge a partir das dinâmicas de reconhecimento construídas por valores, crenças e práticas culturais dos grupos que compõem nossas experiências. Nesse contexto, a identidade é percebida não como fixa ou imutável, mas como um contínuo processo de negociação e transformação. Para construir as características dessa identidade, mobilizarei alguns dos principais princípios dos estudos de identidades culturais, para então apresentar o conceito central que será utilizado nesta pesquisa. Dessa forma, a exposição desse conceito acontecerá, primeiro, trazendo os aspectos da identificação por semelhança, segundo, da reflexão sobre a criação de uma identidade pela diferença e, por fim, levantar a ideia de uma identificação que constantemente se transforma que pode ter caráter múltiplo e fluido.

Assim, em um primeiro aspecto, há a ideia de identificação por semelhança. Heidegger (2018), que aborda a ideia de uma semelhança comum entre indivíduos, traz a relação em que dois elementos se reconhecem por suas similaridades. Essa conexão se estabelece na unidade que une



um ao outro ao entender que o que há em comum nos identifica da mesma forma. Ao pensar nessa conexão, Heidegger traz o sentido de “comum-pertencer”, um sentimento que implica estar integrado à ordem de uma comunidade que liga todos em torno de unidades centrais do sistema, características onde todos se reconhecem e que transporta tais características em comum para uma imagem maior que começa a representar aquele grupo/comunidade (Heidegger, 2018).

O que poderia ser mais próximo de nós do que aquilo em que nos reconhecemos como semelhantes? Esse sentimento está profundamente enraizado na formação do indivíduo: buscamos nos conectar a grupos com os quais compartilhamos semelhanças e nos espelhamos em pessoas com quem identificamos afinidades, criando laços de pertencimento. No contexto migratório, essa percepção de identidade se manifesta na ligação com a cultura, o país e a nação de origem. Mesmo ao migrar, as similaridades com o lugar de partida são evocadas, reforçando o sentimento de pertencimento àquele território, no qual momentos significativos de formação foram vividos. Esse vínculo, acessado no processo migratório, reafirma o vínculo a um território, a um grupo de pessoas, sustentado pela sensação de pertencimento e identificação com a nacionalidade. Em síntese, ao migrar e ingressar em um novo país, mesmo que seja um ambiente completamente distinto, a forma de identificação por similaridade pode aparecer ao buscar acolhimento no que lhe é familiar nesse novo cenário e expressar sua identidade ao país de origem, afirmando a nacionalidade.

Entretanto, ao pensar nessa chegada a outro grupo com uma cultura diferente, outra forma de identificação pode emergir. O que acontece quando nos deparamos com alguém diferente? Ao explorar as discussões identitárias e, especialmente, ao considerar os movimentos humanos entre nações, surge também a ideia de identificação pela diferença. Nesse momento, para além de pensar uma identificação pelo que te assemelha, debates no cenário do estudo identitário começaram a trazer o choque com o diferente, analisando as formas de identificação que surgem pelo contraste.

Nas relações sociais, há o exercício de, ao encontrar um elemento diferente, estranhá-lo e, imediatamente, entendê-lo como distinto de você. Portanto, vivemos com declarações como “ela é italiana”, “ele é branco”, “ela é homossexual”, “ele é velho”, “ela é mulher”, que evidenciam como ao definir o outro, automaticamente nos identificamos como diferentes dele, ou seja, o sentimento de se definir a partir da evidência da diferença do outro (Silva, 2014). De modo semelhante, afirmar que “ela não é brasileira” não apenas sugere a ausência de uma nacionalidade compartilhada, mas também classifica essa pessoa como pertencente a uma categoria de “outro”, distinta daqueles que não provocam essa percepção de diferença. Essa dinâmica de identificação por contraste traz um movimento constante de questionamento e delimitação: quem pertence e quem não pertence, quem está incluído e quem é excluído.

Ao observar a história humana, a identificação baseada na diferença tem sido amplamente utilizada, sobretudo em contextos que consolidam a ideia de identidades fixas e imutáveis. Cada choque cultural ou de valores provoca uma reação de incerteza para as identidades baseadas na semelhança que acabam projetando, para se definir com mais precisão, classificações e estereótipos que estabelecem quem é aceito e quem é excluído. Assim, emergem sistemas de identificação que enfatizam as características que destoam do outro, criando hierarquias de pertencimento.

A partir desse contexto, nota-se como essas declarações sobre a diferença do outro também estão vinculadas a um conjunto, muitas vezes invisível, de declarações negativas acerca de outras identidades. Aqui, o que é identidade e o que é diferente são construções sociais que podem estabelecer hierarquias de poder, pois há quem define e quem é definido. Afirmar a identidade pela diferença implica delimitar fronteiras, fazer distinções entre o que está dentro e o que está fora, resultando em uma separação entre “nós” e “eles” (Silva, 2014). Essa compreensão, assim como a construção identitária por semelhança, contribui para um processo de classificação dos tipos de existência, criando regras e limites definidos nas formas de identificação.

Nesse cenário, o sistema de classificação mais marcante é aquele baseado em oposições binárias, que organiza categorias de maneira polarizada. O que é considerado aceitável, desejável ou natural depende diretamente da definição de seu oposto: aquilo que é rejeitável, abjeto ou antinatural (Silva, 2014). Essas estruturas não apenas definem padrões, mas também promovem a exclusão e a supressão de outras formas de expressão e identificação, reduzindo as possibilidades de existência a moldes rígidos e inflexíveis. Em outras palavras, esses sistemas classificatórios operam de forma hierárquica, desvalorizando certos grupos ao colocá-los em posições inferiores por meio de um processo contínuo de categorização, podendo silenciar e marginalizar outras formas de existência (Lugones, 2014). Quem tem o poder de definição é a identidade hegemônica/dominante, que, paradoxalmente, depende da presença do “Outro” para sustentar e justificar sua própria autoridade e significado.

Entretanto, há os movimentos que conspiram para subverter essa ideia de identidade. Nas últimas décadas, tem havido mudanças significativas nos sistemas identitários – mudanças que levam até mesmo a uma “crise de identidade” (Woodward, 2014), que questiona a ideia de uma identidade fixa e imutável, como se todos tivessem uma única manifestação de quem são, moldada pelas categorias humanas que a atravessam. Essas mudanças incitaram a investigação das formas pelas quais as identidades são formadas e os processos em que estão envolvidos, além de examinar em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluidas e cambiantes. Esse questionamento, impasse e desconforto em relação à identificação decorrem da globalização e da mudança de olhar ao estudar o choque, um fenômeno que desafiou os sistemas simbólicos previamente estabelecidos ao conectar diferentes partes do mundo. O diferente e o exótico agora

estão mais acessíveis, tornando-se visíveis por meio dos novos meios de comunicação e, é claro, das migrações modernas que aproximaram diferentes culturas, provocando choques no encontro das diferenças (Woodward, 2014).

A teoria cultural contemporânea, especialmente os estudos decoloniais, tem evidenciado movimentos que propõem novas maneiras de compreender outras formas de existência, desafiando e rompendo com a visão sistemática de uma identidade fixa e única. Entre essas contribuições, destaca-se o trabalho de Maria Lugones (2014), que aborda o contexto da colonialidade como um sistema classificatório identitário estabelecido no Ocidente durante o período colonial. Nesse sistema, categorias como gênero e raça foram consolidadas para sustentar relações de dominação, apagando outras formas de expressão e identificação e estabelecendo ordens hegemônicas de definição (Lugones, 2014). A proposta de Lugones para subverter esse cenário baseia-se em uma política de resistência orientada à libertação das comunidades oprimidas pelo sistema ocidental, hegemônico e moderno, destacando o potencial de construir novos significados fora das estruturas de poder vigentes (Lugones, 2014). Ao ressignificar o sistema opressor e reconhecer que somos mais do que as classificações que ele nos impõe, alcança-se uma forma de vitória e transformação. Essa reestruturação se concretiza na possibilidade de construir identidades por meio de projetos políticos de descolonialidade, que desafiam as hierarquias estabelecidas e abrem caminhos para novas formas de existir (Lugones, 2014).

Ao explorar essa teoria no âmbito dos estudos de identidades culturais, torna-se possível aplicá-la ao campo das reflexões sobre nacionalidades, identidade e migração. Incorporar as ideias de movimento e de deslocamento, presentes nas diásporas e no cruzamento de fronteiras, permite destacar a migração como um processo que ativa a possibilidade de múltiplas formas de existir e se identificar. Essa possibilidade se manifesta nas constantes negociações entre as nacionalidades pelas quais o migrante transita, resultando em identidades híbridas e múltiplas, moldadas pelas diversas influências culturais vivenciadas. Esse processo, ao mesmo tempo, desafia os sistemas de delimitação preexistentes, que, no contexto migratório, se manifestam como estruturas de lealdade às nações (Woodward, 2014). Pensar a identificação a partir de uma perspectiva fluida e múltipla rompe com noções rígidas de definição, abrindo espaço para a valorização da diversidade de existências híbridas e heterogêneas, frequentemente suprimidas pelos sistemas hierárquicos de classificação que definem o outro como distinto e inferior na construção de identidades (Hall, 2014).

Assim, considerando todas as perspectivas de construção identitária apresentadas, a concepção de identidade mobilizada incorpora essas diversas características no processo de identificação, sendo abordada com referência a uma constante transformação, moldada pelos deslocamentos humanos. Pensar identidade resultando nessa definição permite acionar o termo

identidade cultural, de Stuart Hall (2006). Em seu texto, ele trabalha como a identidade é moldada pelo pertencimento a uma cultura nacional e como os processos de mudança, especialmente aqueles associados à globalização, vêm impactando esse fenômeno. Nesse contexto, os elementos anteriormente mencionados entram em jogo: o desejo de pertencer a grupos semelhantes e encontrar identificação por similaridade; o sistema que utiliza a diferença e a alteridade para construir a identidade por exclusão e diferenciação do outro; e as identidades culturais que desafiam esse sistema ao trazer à tona experiências híbridas e multifacetadas, rompendo com a ideia fixa e rígida que a formação identitária tradicional impõe. Ao analisar esses elementos, percebe-se que a identidade pode ser entendida como um processo contínuo, formado ao longo do tempo. Ela nunca está completamente acabada por sempre estar em um processo de construção (Hall, 2006).

A ideia principal que se busca transmitir por meio dessas reflexões é que a identidade, neste trabalho, deve ser vista como um processo de identificação em constante atualização e mudança. Por meio dos modernos movimentos sociais feministas e de enfrentamento ao racismo, foi possível o nascimento histórico do que veio a ser conhecida como a política de identidade, movimentos que abriram espaço para que outros tipos de existência pudessem emergir no imaginário e saíssem do ofuscamento da hierarquia das identidades hegemônicas. Ao nos definirmos, é comum dizermos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos e é normal pensarmos a identidade nacional como intrínsecas e presentes desde nosso nascimento, inerentes por nos aproximar de semelhantes àquela cultura que fomos criadas e nos diferenciando das demais. No entanto, o argumento aqui é que as identidades nacionais não são características inatas; elas são moldadas e transformadas ao longo do tempo, dentro de nossas representações e interações cotidianas (Hall, 2006).

Nesse contexto, como ressaltado nos textos utilizados, ao considerar a identificação como um processo, é crucial refletir sobre os movimentos migratórios, que não apenas destacam, mas também exemplificam essa formação identitária. O fenômeno migratório desloca as pessoas de um lugar ao outro juntamente com seus costumes, suas línguas e, por conseguinte, suas identidades. A jornada força os viajantes a se sentirem “estrangeiros”, colocando-os como o “outro” e desencadeando a identificação pela diferença ao entrar em outro país, ao mesmo tempo em que promove a identificação pela similaridade, ao buscar se conectar com o país de origem em que estiverem (Silva, 2014). Entretanto, é esse movimento entre fronteiras que coloca em evidência a instabilidade da identidade, é nas próprias linhas de fronteira, nos limiares, nos interstícios, que sua precariedade se torna mais visível e torna evidente as rachaduras da ideia fixa de identidade. O “cruzamento de fronteiras” e o cultivo propositado de identidades ambíguas torna-se uma poderosa estratégia política de questionamento e subversão das tendências de fixação da identidade (Silva, 2014).

Assim, a partir dos conceitos apresentados, foi desenvolvido uma compreensão que conecta identificação, nacionalidade e deslocamentos entre fronteiras. Nesse sentido, se introduz a ideia de dinâmicas identitárias como o conceito central para tratar do processo de formação da identidade no contexto da migração. Ao abordar os conceitos que exploram o processo de formação identitária, rompendo com visões fixas e classificatórias que limitam as formas de existir a categorias rígidas e definidas, o termo “dinâmico” surge para integrar identidade e migração. Essa abordagem permite investigar como as formas de identificação se manifestam no processo migratório e destacar o questionamento de pesquisa: compreender como a identificação se apresenta na migração.

## **2.2 Dinâmicas identitárias**

O que acontece quando uma pessoa se identifica com mais de um grupo social? E mais de uma cultura? Esses foram meus principais questionamentos ao me identificar com essa área de pesquisa, refletir formas de repensar uma ideia fixa de pertencimento e identificação ao olhar para pessoas que transitam entre identidades, questionando as categorias rígidas de definição da nacionalidade, demonstrando assim uma identidade como um processo nunca completo, dinâmico. Dessa forma, esse momento trará identidades que nunca são tomadas como singulares, pois demonstram uma construção múltipla de discursos, práticas e posições que podem se cruzar, sujeitas a um constante processo de mudança e transformação (Hall, 2014).

Pelo seu contexto de deslocamento físico entre espaços, grupos, países e culturas, os/as migrantes também expressam uma dinamicidade na sua articulação identitária, de visão de mundo e se encontram em uma constante negociação entre as influências dos grupos que perpassam. Diante disso, o fenômeno identitário mostra-se um tema rico de entender e, principalmente, de destacar a possibilidade de existências fora de um eixo hegemônico opressor, pessoas que, por conta da situação que perpassam, encontram-se em um contexto de bastante incerteza e constantes mudanças que manifestam como migrantes constroem, lidam e negociam suas identidades.

Dessa forma, a construção se dará por meio da ideia de dinâmicas identitárias, isto é, entendê-las como um processo, mas adentrar diversas esferas que apontam como a formação da existência possui uma dinâmica, principalmente vista na perspectiva migratória. Em diálogo com a relação entre identidade e migração já apresentada, serão explorados aspectos que sustentam essa dinâmica, como a noção de transnacionalismo (Glick-Schiller *et al.*, 2019), associada à identificação por similaridade; a reflexão sobre alteridade, estranhamento e marca (Dutra, 2013), vinculada à identificação pela diferença; e a condição de fronteira identitária (Anzaldúa, 2005 [1987]), que enfatiza a fluidez característica das identidades culturais.

### 2.2.1 Dinâmica Transnacional

“O transnacionalismo propõe um marco de análise estrutural que indaga acerca dos laços que se estabelecem tanto nos países de imigração quanto nos países de emigração” (Dutra, 2013). Ao estudar a temática migratória no contexto contemporâneo, vê-se a existência de ligações com as respectivas comunidades de origem que as pessoas mantêm, como os laços afetivos, mas também invocando diversos outros vínculos como modos de integração, étnico, de participação política e até dinâmicas de desenvolvimento local (Carreiro, 2007). O transnacionalismo é hoje reconhecido pela força, influência e impacto dos laços que alguns migrantes mantêm com as respectivas comunidades de origem e como essa relação afeta comunidades e identidades, inclusive em nível nacional (Glick-Schiller *et al.*, 2019).

Normalmente, esse conceito está associado a aspectos econômicos da migração, como por exemplo a remessa de dinheiro que muitos migrantes realizam ao mandarem dinheiro de volta para os seus países de origem de modo a ajudar familiares. Entretanto, para além dessa ideia, o transnacionalismo questiona o referencial de Estado-Nação ao sair da ideia de fronteira terrestre pelas redes e atores que a constituem (Levitt; Schiller, 2004) por meio de ligações culturais (eventos e transferências de saberes), sociais (relações sociais a distância que têm impacto como se estivessem ao lado) e até políticas (criação de associações que conseguem reivindicar mudanças tanto no país de origem quanto de destino). Esse processo, em suas diversas esferas, mostra como migrantes criam campos sociais que atravessam as fronteiras nacionais. (Dutra, 2013).

Assim, esse fenômeno foi incluído nesse entrelaçamento de conceitos para ilustrar como essas diversas relações que atravessam fronteiras conseguem gerar um espaço e uma comunidade entre as pessoas que ficam e as que vão (Carreiro, 2007). Por meio dessas conexões – sejam elas sociais, políticas ou econômicas – o transnacionalismo ativa uma forma de identificação baseada na similaridade, que, como mencionado anteriormente, ressalta valores e características em comum para definir uma identidade compartilhada entre os envolvidos.

No contexto da migração, o transnacionalismo evidencia como a identidade é um processo dinâmico, moldado por conexões entre o país de origem e o local de destino. Essa perspectiva reflete a capacidade dos migrantes de articular semelhanças e criar pontes entre diferentes espaços culturais, permitindo que aspectos da cultura, valores e práticas do país de origem sejam ressignificados e incorporados à vida no país de destino. Essa dinâmica não apenas conecta a pessoa migrante às suas raízes, mas também transforma as formas de identificação, uma vez que ela interage com elementos do novo contexto que dialogam com sua história e vivências. Para quem precisou deixar seu país, o transnacionalismo possibilita “voltar” simbolicamente ao lar sem sair do lugar, ao acessar símbolos, tradições ou redes sociais que recriam uma sensação de pertencimento. Nesse cenário, por mais que exista essa distância física, os meios de comunicação e transporte

permitem uma aproximação e uma conexão entre as pessoas envolvidas no processo migratório por meio de um intercâmbio que consegue estabelecer múltiplas linhas para a construção identitária daqueles que migram.

Essa construção pode ser observada também no âmbito de uma rede de assistência. À medida que os primeiros grupos de migrantes se deslocam, eles começam a estabelecer conexões interpessoais que aumentam as chances de novos migrantes que chegam posteriormente reduzirem os custos e os riscos da migração. Essas redes funcionam como canais de informação e oferecem suporte de diversas maneiras, diminuindo não apenas os gastos financeiros, mas também a incerteza enfrentada por quem acabou de chegar. Dessa maneira, um determinado fluxo migratório pode ganhar continuidade em um destino específico (Dutra, 2013). Nesse contexto, é possível entender a capacidade que os migrantes hoje possuem de acessar os símbolos, pessoas e aspectos culturais do seu país de origem no país de destino a partir da rede já estabelecida de fluxos migratórios anteriores.

São migrantes que constroem (ou reconstróem) as suas identidades e modos de vida incorporando novos elementos das comunidades que os acolhem, sem que com isso – note-se – se desliguem das suas comunidades de origem (Carreiro, 2007, p. 5).

Assim, dentro do cotidiano de um migrante, a partir da pesquisa de Carreiro (2007), é possível observar como a dinâmica transnacional rompe os paradigmas limitantes da modernidade ao trazer relações sociais, culturais, econômicas que atravessam as fronteiras nacionais. Essa construção identitária se apresenta a partir da busca do indivíduo migrante em se integrar com características que o assemelha, criando relações e trazendo elementos que o conecta com a cultura que se sente pertencente e similar.

Os transmigrantes são migrantes que possuem em suas vidas diárias interconexões múltiplas com os Estados-nação que perpassam, ao demonstrarem uma configuração de estarem relacionados com outros lugares no sentido de que mantêm conexões, constroem instituições, conduzem transações e influenciam eventos locais e nacionais nos países dos quais emigraram. A migração transnacional é um processo pelo qual os imigrantes forjam e sustentam relações sociais de múltiplas dimensões simultâneas, criando uma ligação entre o seu país de destino e de origem do imigrante. Assim, faz-se presente a busca de trazer aspectos similares de sua cultura para o país de destino e reforçar os laços que o conecta com o país de origem, mostrando como essa forma de identificação transita sem que esse precise sair do lugar (Glick-Schiller *et al.*, 2019). Aqui, a similaridade aproxima as fronteiras.

Após a exposição dessa primeira dinâmica identitária que apresenta como a identificação por similaridade pode se manifestar ao ser analisada na vida de um imigrante, é notório adentrar na parte do contraste e na dinâmica identitária baseada na diferença. Ao pensar no contexto migratório e na chegada a um país desconhecido, os aspectos culturais e sociais que conectam a imigrante ao

seu país de origem são imediatamente percebidos como diferentes e destoantes do que é considerado comum no local de destino. Essa diferença marca o momento em que o imigrante “nasce” para a sociedade do país de destino, pois é apenas ao cruzar as fronteiras e pisar em seu território que ele passa a existir como tal — um “outro” designado e classificado por essa sociedade (Sayad, 1998). Esse processo gera estranheza mútua, sobretudo ao imigrante, de um sistema que classifica e identifica o imigrante diferente, trazendo assim a dinâmica identitária de marca.

### **2.2.2 Dinâmica em meio a marcas**

Sentir a diferença perante os outros quando a nossa presença provoca estranheza não é uma experiência exclusiva daqueles originários de outras regiões ou países que falam e vivem de forma diferente: os migrantes. Provocar estranhamento, sofrer o estigma assim como estigmatizar a quem nos tenciona, inclusive dentro do nosso próprio contexto mais próximo, tem sido assunto de contínuos debates acadêmicos (Dutra, 2013, p. 76).

Para iniciar a reflexão acerca do aspecto da marca na dinâmica identitária, serão usadas como principais referências o livro *Migração internacional e trabalho doméstico - Mulheres peruanas em Brasília* (Dutra, 2013) e o artigo “Marcas de uma origem e de uma profissão: trabalhadoras domésticas peruanas em Brasília” (Dutra, 2015), ambos de autoria de Delia Dutra. Em seus textos, Dutra apresenta um estudo do caso de um grupo de mulheres peruanas trabalhadoras domésticas em Brasília, análise essa que enfatiza as dimensões de gênero, etnia e de classe para entender os processos de integração e relações sociais que enfrentam no seu cotidiano na cidade (Dutra, 2015). A pesquisa se desdobra em várias camadas que perpassam o espaço criado para essas mulheres, refletindo diferentes dimensões estigmatizadas em cima do que elas representavam, muitas vezes sendo um trabalho desvalorizado e associado à falta de honra. Pelo olhar da interseccionalidade, Dutra aborda como essas mulheres constroem o seu espaço do dia a dia, perpassando condições que afetam sua experiência de vida em migração: marcadas por serem mulheres, de outra etnia e por sua classe (Dutra, 2015). A partir desse estudo, é possível trazer uma nova perspectiva no contexto da dinâmica identitária, pensar a alteridade, a estigmatização e a marginalização daquelas que não se encaixam.

Ao encarar um novo contexto em outro país, a sensação de estar “fora de casa” é potencializada. Segundo as reflexões trazidas pela autora, os processos de identidade, nesses casos, advêm do apontamento e da classificação que o outro atribui a você, criando uma representação que marca e condiciona o que o outro pode ser, principalmente por meio de definições estigmatizantes.

Pensar nesse afastamento e classificação que ocorre a quem se apresenta como diferente, adentra o espaço de pesquisa de Goffman (2008 [1988]) em seu texto *Estigma*. Ao chegar em um espaço completamente novo, a pessoa que agora se mostra presente nele deixa uma marca, como



também é marcada pelo espaço e pelas pessoas que ali já estavam (Dutra, 2013). Complementando o autor, o encontro entre o migrante e o nativo apresenta um momento de conceituação, quem será definido com uma marca do igual ou normal aos demais e quem será ‘marcado’ como diferente e estranho àquele mundo (Goffman, 2008 [1988]). Por entre as formas de interação, formas de agir, se apresentar, as pré-noções são reafirmadas e o peso de ser estigmatizado é determinado, aquele que pelo choque do encontro e pela marca de “estranho” que ganhou por meio dos julgamentos é posto numa condição inferior e de diferença em relação aos demais (Goffman, 2008 [1988]). A alteridade é um jogo muito presente na trajetória migratória, a capacidade de aceitar outras formas de vida é colocada em questão não somente por parte dos locais como, também, do migrante ao chegar e adentrar um novo local, de chegar e se perceber diferente do restante (Dutra, 2013). Novamente, são o uso e a existência de categorias em um jogo de definições que atinge, quase que de forma particular, a condição migrante, pois a presença da identificação por diferença se expressa na forma de uma fronteira entre o “nós” e “eles” (Dutra, 2013).

Para continuar expondo essa realidade, a criação de categorias e a marca imposta aos que não se encaixam por completo nas expectativas do grupo também se encontra na perspectiva de Howard S. Becker em *Outsiders* (2008 [1965]). “Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las” (Becker, 2008 [1965], p. 2). Aqui, desvenda-se ainda com mais profundidade o que define e o que marca uma pessoa ser de dentro e ser de fora, além das consequências da existência desse sistema. Leis formais, informais, tradicionais, a tarefa de impô-las pode ser feita pelo governo e pelas pessoas, mas são mantidas pela imposição (Becker, 2008 [1965]).

Cada grupo possui sua forma de funcionamento e define o que funciona e o que não lhe pertence, o que é central e o que deve ser deixado à margem. Entretanto, uma sociedade tem muitos grupos, cada qual com seu próprio conjunto de regras, e as pessoas pertencem simultaneamente a muitos grupos, transitando, perpassando cada um no seu cotidiano, mas ao mesmo tempo, sendo estranhadas por aquele que não manifesta as características no momento (Becker, 2008 [1965]). Ao não demonstrar o que se espera daquele grupo, a pessoa é taxada e marcada como desviante, não seguiu ou infringiu as regras impostas. Esse esquema que explica e fortifica o ciclo de categorização dentro da sociedade evidencia o fato central acerca do desvio: ele é criado pela sociedade. Cada sociedade, por meio de seus grupos sociais, cria suas próprias regras e costumes e o que será dado como aceito naquele espaço, o que torna desviantes aqueles que são notados como diferentes, infringindo o que ali é considerado uma norma para pertencer (Becker, 2008 [1965]).

No fim, o ponto central dessa característica das dinâmicas identitárias é que a marca que elas carregam é uma construção social. A maneira como os indivíduos são definidos ou considerados desviantes depende da estrutura da sociedade em que estão inseridos e de como ela organiza

sistemas que classificam o que é aceito como pertencente ou não. Esse julgamento é realizado com base em regras socialmente estabelecidas, que determinam o que é considerado uma violação ou não (Becker, 2008 [1965]).

Ao refletir sobre esse sistema de avaliação e classificação de comportamentos destoantes, como formas distintas de agir ou de se relacionar socialmente, o fenômeno migratório traz uma nova perspectiva sobre essa construção identitária. Durante o processo migratório, o indivíduo atravessa e internaliza diferentes normas e modos de vida de cada grupo por onde passou. Essas influências diversas podem entrar em conflito, gerando contradições e desacordos sobre o que é considerado comportamento adequado no local em que está (Becker, 2008 [1965]). Nesse contexto de desencaixe, as categorias de pertencimento podem estigmatizar e marginalizar o migrante, destacando traços que fogem às expectativas locais e, assim, marcando-o como não pertencente, um estrangeiro. Essa é uma realidade comum na vida de muitas pessoas que migram.

Entretanto, ao mesmo tempo em que esses autores trabalham com o aspecto estigmatizante da dinâmica identitária de marca, também são apresentados alguns caminhos de como lidar com essa forma de identificação. Voltando ao texto de Delia Dutra, ao se enxergar marcada pelo que possui de identidade, é possível negociar o contexto por meio de duas formas: a autonegação e a consecução de identidades múltiplas e situacionais (Dutra, 2015). Na primeira, pode acontecer um processo de assimilação na sua identidade de elementos alheios para melhor se encaixar e não ser tão marcada no cotidiano. Esse processo está presente em muitas histórias de migrantes, como uma forma de negociar a forma como as pessoas os encaram e classificam ao assimilar e tomar por inteiro a cultura desses. Esse é um movimento também presente no texto de Patricia Hill Collins ao expressar que, ao adentrar o mundo dos *insiders*, existe um processo de interiorização dessa nova forma de enxergar e estudar o mundo, uma assimilação usada para a adequação e no intuito de afastar a possibilidade de se encontrar novamente à margem (Collins, 2016).

Já a segunda possibilidade, demonstra uma forma de encarar a partir de uma negociação da identidade, observando os diversos marcadores que a restringem e utilizar essa multiplicidade para se moldar e se reinventar conforme as vivências durante esse percurso migratório:

Ou seja, a origem social dessas mulheres migrantes aparece como um marcador que as distingue e as condiciona para desenvolver determinadas tarefas, como a de cuidar dos outros. As migrantes, como qualquer pessoa, buscam manipular a informação sobre aquilo que as “marca” socialmente (Dutra, 2015, p. 11).

Dessa forma, vê-se a importância de investigar essa característica da dinâmica identitária, ressaltada pelo grau de vulnerabilidade e estigmatização que pode causar em uma vida migrante. Ao analisarmos esse fenômeno da marcação, categorização e identificação do outro também nos revelam mecanismos de construção identitária, tanto pelos efeitos da alteridade e da estigmatização imposta, quanto pelas formas de a pessoa lidar com a situação: autonegação ou negociação da

própria identidade (Dutra, 2015). A presença desse sentimento, de alguém estar marcada por uma identidade, pode se manifestar em diversas esferas e categorias sociais como o trabalho, no acesso a lugares da cidade, nas relações de poder, pois o espaço com o qual nos relacionamos, a nossa aparência e de onde viemos, são alguns aspectos dentre os milhares que formam a imagem que nos marca e nos define.

A partir do apresentado, torna-se possível enxergar essas dinâmicas no cotidiano real de uma pessoa migrante e entender as diversas complexidades reveladas na construção da sua identidade. Assim, é possível começar a desenhar o complexo de relações que perpassa a construção identitária de pessoas migrantes, além de mostrar as situações, casos e perfis daquelas que perpassam essas vivências. Esse problema social da discriminação é um elemento que deve ser levado em conta na dinâmica do processo identitário (Dutra, 2013).

Ao ser classificado, marcado como o “outro”, diferente do que está ali, representando e remetendo a aspectos externos ao grupo, essa situação aciona uma fronteira e emerge um sistema classificatório. Entretanto, ao pensar no decorrer da sua história de vida neste outro país, o imigrante, por mais que tenha uma ligação e uma identificação com seu país de origem, influências culturais e sociais desta outra nacionalidade vão entrelaçando o seu cotidiano. Quando as diversas influências que te atravessam começam a fazer parte de quem você é, moldando como você se comporta e interage, a fronteira inicialmente definida por classificações rígidas passa a se tornar fluida, abrindo espaço para uma negociação de identificação.

Essa forma de lidar com a identificação de marca por meio de negociações introduz a última dinâmica identitária construída neste estudo: a dinâmica identitária fronteira. Essa forma de identificação destaca, a partir dos momentos de choque dentro dos sistemas classificatórios e delimitadores, formas de viver entre as fronteiras das classificações. Trata-se de pessoas que interpretam sua identidade de maneira fluida, integrando influências diversas em um espaço que torna possível transitar por múltiplas nacionalidades. Assim, apresenta-se a seguir a dinâmica de ser fronteira.

### **2.2.3 Ser Fronteira**

Diante do exposto, a reflexão sobre dinâmicas identitárias precisa passar pela percepção da condição de fronteira identitária. Ao pensar na situação da mudança e do trânsito causada pelas circunstâncias migratórias, a reflexão acerca da construção identitária neste contexto seguiu como base o princípio de questionar como a mudança de ambiente pode afetar essa relação, de que modo questões como o pertencimento, as relações sociais e as culturas se encontram na vida de pessoas que precisam cruzar fronteiras nacionais. Por conta da sua jornada migratória, esses indivíduos se

encontram em um trânsito múltiplo, inconstante, que para além das desavenças que uma situação migratória já possa apresentar, também afeta a relação de identificação dessas pessoas. Assim, nesse primeiro momento, adentro a parte da inconstância para pensar a complexidade que a migração representa não só em um âmbito político, social e econômico, mas também psíquico e identitário, uma parte sensível no cenário de construção e de pertencimento.

Ao começar essa construção pela identidade fronteiriça sustentada por Glória Anzaldúa (Anzaldúa, 2005 [1987]), percebe-se como ela se refere a um choque e a um resultado da mistura de vozes e culturas. Esse acontecimento provoca uma inquietação psíquica por estar constantemente partido ao meio, o que nos faz perguntar a que coletividade pertencemos, uma guerra externa e interna. Ao apresentar essa construção por meio de sua própria experiência e do contexto em que essa condição foi observada, a região de *Texas-U.S Southwest/Mexican border*, ou seja, a fronteira entre os EUA e o México, emblemática como um espaço de migração contínua já há bastante tempo, ela consegue expor essa contradição que vive dentro de si, de como a fronteira física que a circula também se encontra dentro de si:

Sou uma mulher de fronteira. Cresci entre duas culturas: a mexicana (com uma forte influência indígena) e a anglo-saxônica (como membro de um povo colonizado em nosso próprio território). Passei minha vida oscilando entre a fronteira do Texas e do México, e outras fronteiras. Não é um território confortável para se viver, esse lugar de contradições. Ódio, raiva e exploração são as características mais marcantes dessa paisagem (Anzaldúa, 2005 [1987], pp. 3-4).

A condição que essa pessoa vive e lida emerge do fato de ter em si múltiplas culturas, muitas vezes contrárias umas às outras, resultando em uma identidade múltipla que não consegue se encaixar nas dualidades socialmente estabelecidas. No caso, a migração é um forte elemento na exposição dessa condição, e ao exprimi-la por meio da história desse território e pelas angústias vividas por esse povo e por ela mesma, Anzaldúa mostra a existência das pessoas que se deslocam entre as fronteiras e se tornam elas. A vivência identitária migratória, de uma pessoa que está sujeita aos efeitos físicos do deslocamento entre países, também está vulnerável aos efeitos internos e psíquicos que o trânsito entre nacionalidades pode causar. Para além de uma mudança de território, o ato migratório faz você cruzar fronteiras culturais e ser influenciada por elas, agregando em sua formação mais de um estímulo cultural de diferentes grupos e sociedades.

Como outros/as que vivem em mais de uma cultura, recebemos mensagens múltiplas, muitas vezes contrárias. O encontro de duas estruturas referenciais consistentes, mas geralmente incompatíveis, causa um choque, uma colisão cultural (Anzaldúa, 2005 [1987], p. 2).

O desconforto maior é a luta para conseguir conviver com as culturas que habitam dentro de si, pois a sua incompatibilidade, tanto dos conflitos entre elas do lado de fora quanto nas diferentes

formas de enxergar a vida, está acompanhada pelo trabalho árduo de entender qual é a sua identidade. Desse modo, Anzaldúa começa a articular como essa condição fronteiriça afeta a existência da pessoa, como essa se relaciona, se identifica com as culturas que a tocam e podem se transformar em angústias de desencaixe, de confrontos internos e externos com o grupo em que convive pelo seu sentimento de pertencimento não demonstrar a lealdade construída em cima das identificações. Ao avançar o estudo mostrando mais camadas que ilustram essa condição identitária, é notório ressaltar a questão do pertencimento, da identificação com o grupo, da batalha em que essas pessoas podem estar e o embate que enfrentam entre as culturas que se encontram na fronteira. Entender dinâmicas identitárias é entender como se dá esse movimento: para além dos porquês de ele acontecer, a dinâmica se constitui ao ser jogado de um grupo para o outro, de não se identificar com nenhum, mas estar em todos, de ser de dentro, mas ser de fora.

Pensar nesse aspecto situacional da identidade, é considerar que existem categorias criadas por nós nas diversas esferas da vida que moldam um pertencimento a um determinado grupo e solidificam fronteiras entre o que pertence ou não àquele lugar. Por mais que exista esse movimento de delimitar o que significa ser e estar com aquele grupo social, ao longo do dia nós passamos por diversos recortes, interagimos com diversos grupos e, ainda, podemos ser considerados de diferentes grupos e podemos nos identificar mais com um terceiro (Goffman, 1985). A questão que precisa ser levada em consideração ao tratar de identidades, principalmente em um contexto migratório, é que já em um contexto cotidiano nós passamos por diversas identificações e somos classificados por mais outras, podemos ser mais de uma identidade e manifestar uma diferente da que gostaríamos que manifestemos. Segundo Goffman, é a partir desse jogo de informação que as identidades são conceituadas e classificadas e que torna-se possível entender a origem e a realidade que as pessoas tentam passar àqueles que se encontram rodeados (Goffman, 1985, pp. 74-75).

Nós temos uma preocupação de nos encaixar e de sermos identificadas de acordo com o que é aceito dentro da classificação/grupo em que nos encontramos, tentamos, muitas vezes, nos ajustar ao máximo às expectativas da sociedade. Essa prática busca reações e ações quase perfeitas com o objetivo de conseguir se encaixar no lugar desejado, imitar costumes, crenças e culturas para que sua representação seja coerente àquela do grupo. Esse jogo não consiste apenas em possuir os atributos necessários, mas também em manter os padrões de conduta e aparência que o grupo social do indivíduo associa a ela. A sociedade implica várias limitações aos papéis e é necessário seguir o regulamento ao máximo para não ser rejeitado (Goffman, 1985).

O caráter fluido, dinâmico que tento descrever advém, principalmente, da existência dessas categorias e identidades pré-fixadas que a sociedade impõe e quer que respondamos de acordo. Entretanto, há aqueles que nunca vão conseguir ser fixos dentro desse sistema: a sua existência em

si já é fluida e transitória ao interagir e estabelecer relações sociais com diferentes categorias e, ao mesmo tempo, sem se interligar de forma única a nenhuma.

Para somar a essa construção conceitual, a perspectiva de Patricia Hill Collins em seu texto “Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro” (2016) traz uma importante contribuição. No texto em referência, Collins retrata o contexto de mulheres negras que, historicamente, ocuparam posições marginais em ambientes acadêmicos dominados por homens brancos, ou seja, os ‘*insiders*’ desse espaço. Por meio de lutas e movimentos sociais para conseguirem ocupar esses ambientes, essas mulheres adentraram o universo dos *insiders* e começaram a estar presentes na realidade acadêmica, mas sem a sensação plena de pertencimento. Essa condição híbrida, entre estar dentro e, ao mesmo tempo, preservar a percepção estrangeira de quando não ocupavam esse espaço, permitiu-lhes uma perspectiva única. Essa posição possibilita não apenas o compartilhamento de certas percepções do grupo dominante, mas também a manutenção de uma visão crítica e externa, capaz de gerar novas compreensões sobre as dinâmicas desses espaços (Collins, 2016).

Essa condição demonstra o status de *outsider within* construído pela autora, em que indivíduos que se encontram na margem das esferas sociais passam a fazer parte da estrutura de dentro, sem, no entanto, a sensação plena de pertencimento (Collins, 2016). Essa posição limiar traz percepções desse novo espaço e, ao mesmo tempo, há a continuidade da percepção estrangeira de estar do lado de fora. A tensão envolvendo as diferentes perspectivas possui a potencialidade de constituir um novo senso crítico, pois essas são para sempre modificadas por seu novo status.

Esse fenômeno demonstra características da relação de ser de dentro e de fora que também podem ser apresentadas no contexto de uma dinâmica identitária. Nesse contexto, essa experiência de transição entre o “dentro” e o “fora” de grupos sociais, conversa diretamente com o que aqui se constrói como dinâmica identitária fronteiriça. Dentro da perspectiva do *outsider within*, a ideia da formação de uma identidade híbrida, capaz de transitar entre diferentes realidades, questionar normas estabelecidas e construir novas formas de pertencimento, reflete a complexidade de viver e negociar múltiplas pertencas culturais, sociais ou institucionais que também se apresenta no contexto de um migrante.

Pensar na condição de estar em uma fronteira identitária envolve compreender o sentimento de pertencer simultaneamente a mais de um grupo ou, em certos momentos, a nenhum. Para aprofundar essa reflexão, Simmel (1983 [1908]) analisa a figura do estrangeiro, explorando suas interações com o grupo e seu papel na sociedade. Segundo o autor, o estrangeiro, por ter origem em outro grupo, mas interagir com o grupo atual, estabelece conexões marcadas tanto pela proximidade quanto pelo distanciamento. A proximidade ocorre quando são identificados traços sociais, culturais ou humanos compartilhados entre o estrangeiro e o grupo. De outro lado, o distanciamento se

manifesta porque esses traços comuns são amplos e generalizados, ligando o estrangeiro ao grupo de forma superficial e impessoal, como acontece com muitas outras pessoas. Assim, o estrangeiro ocupa uma posição paradoxal: é simultaneamente parte do grupo e separado dele.

Essa tensão entre proximidade e distância é ainda mais evidente na percepção do que não é compartilhado. No caso de estrangeiros, definidos por sua origem em outro país, cidade ou grupo étnico, essa diferença não se baseia em características individuais, mas em condições gerais e externas, comuns a outros estrangeiros. Por isso, segundo Simmel (1983 [1908]), eles não são vistos como indivíduos únicos, mas como representantes de um “tipo” específico de estranheza, em que os elementos de proximidade e distância coexistem.

Assim, uma pessoa que se encontra em um grupo que não é o seu de origem, não passou pelo mesmo tipo de socialização, vive em constante mudança de grupos de vivência, mas ainda assim possui uma posição, mesmo que diferenciada, dentro dos grupos é entendido como estrangeiro. O autor analisa a pessoa como estrangeiro a partir da interação que esse tem com as pessoas e grupos, possuindo a habilidade de estar perto e longe, compartilhar e se distanciar (possui elementos em comum e por isso se aproxima, mas esses traços abrangem para além do grupo). A liberdade – relativa – oriunda dessa situação, traz a possibilidade de fugir da rigidez identitária pertencente aos grupos que o influenciam e elevam a possibilidade da criação de algo para além dessas dimensões delimitadas. Essa condição fronteira pode apresentar uma liberdade de movimentação do indivíduo nas suas relações sociais, tornando-se um estranho de um tipo particular (Simmel, 1983 [1908]). Em resumo, o estrangeiro é aquela pessoa que chega e fica, e que, mesmo não indo embora, ainda possui a essência de fluir entre o ir e vir.

Ao continuar a refletir sobre essa dinâmica, é possível pensá-la como um país que se move, em que se expressa um choque de culturas que acompanha as adversidades que caracterizam e tornam a migração uma situação de vulnerabilidade: estupro, prostituição, deportação, problemas de saúde, às vezes a impossibilidade de voltar para casa. No caso, Anzaldúa mostra que é possível se rebelar contra a sua própria cultura, que a machucava por ser quem ela é, mas, ao mesmo tempo, possui um espaço em sua identidade por ter sido sua base e onde encontra a sua família. Para se descobrir ela precisou sair, entender as outras culturas que a habitam, ela não aceita todos os mitos e leis contidos nessa cultura na qual nasceu: “O que eu quero é um acerto de contas com todas as três culturas – branca, mexicana e indígena” (Anzaldúa, 2005 [1987], p. 22).

Aqui, é possível pensar em um encontro no meio termo, mostrar uma realidade no contexto da qual as culturas vividas em você conseguem conviver e moldar sua identidade. Se não há um espaço para essa pessoa se manifestar é necessário ‘inventar’ uma nova cultura. No caso do estudo da autora, dá-se o exemplo da cultura Mestiza com a sua própria arquitetura cultural. Essas pessoas

que se encontram nesse contexto carregam uma identidade enquanto cruzam as fronteiras sociais (Anzaldúa, 2005 [1987]).

A fluidez, a mudança constante entre as culturas e grupos que os influenciam, gera diversas formas de existir para quem migra entre fronteiras. Pensar em como a relação entre as pessoas é observada, como esse conflito adentra a pessoa, como essa se mostra e como se relaciona, ilustra a condição de estar dentro e estar fora, de pertencer e de não pertencer a lugar nenhum, de estar e não estar em parte alguma (Anzaldúa 2005 [1987]).

Assim, diante das características expostas, é possível elucidar o que foi construído em termos da concepção de dinâmica identitária. A sequência escolhida, transnacionalismo, marca e fronteira, reflete uma lógica de construção do que seriam as formas de identificação dentro da migração. A partir da identificação pela similaridade, que, ao ser aplicada ao fenômeno migratório, traz a dinâmica do transnacionalismo. Já quando ocorre o choque cultural, surge a identificação pela diferença que, na migração, pode ser percebida por meio da dinâmica de marca. Por fim, apresentam-se as formas de enfrentar esses sistemas delimitantes por meio da dinâmica identitária fronteira, a partir das formas de identidades culturais. Essa abordagem permite entender a área de conflito em que diversas influências identitárias podem causar em uma pessoa migrante para, então, mostrar a possibilidade da construção de um espaço onde existir no entremeio das classificações torna-se possível.

A dinâmica fronteira é apresentada por último porque sintetiza as tensões e possibilidades das duas dinâmicas anteriores, revelando a complexidade do processo identitário migrante. Essa última traduz de maneira mais completa o aspecto dinâmico da identidade, desconstruindo a visão de identidades fixas e engessadas ao evidenciar a fluidez e o caráter múltiplo das identidades, desafiando classificações rígidas ao levantar formas de lidar com esses sistemas. Espero, assim, que o capítulo ofereça um arcabouço teórico robusto para refletir as dinâmicas identitárias em contextos migratórios, destacando como os deslocamentos reconfiguram percepções de pertencimento e abrem espaço para novas formas de existência e de identificação.

### **3. Histórias que cruzam fronteiras**

Assim, a partir da articulação do conteúdo anterior, este capítulo se dedica às histórias de vida ouvidas para esta pesquisa. Como trabalhado na parte do contexto, o método da história de vida permite que a(o) entrevistada(o) se expresse livremente e aprofunde-se em sua história com pouca interferência da entrevistadora. Entretanto, para realizar as entrevistas desta pesquisa, foi necessário criar algumas perguntas centrais para alinhar as narrativas ao tema principal da pesquisa: a relação identitária na migração. Esse direcionamento mostrou-se essencial para que a(o)



entrevistada(o) compreenda não apenas o período específico de sua história relacionado à pesquisa (desde o início de seu processo migratório), mas também para identificar e explorar as experiências que destacam a questão identitária em sua vivência migratória.

Além disso, as entrevistas apresentaram outra peculiaridade a ser tratada. Ao empregar o método da história de vida, a entrevistadora via de regra se dedica horas, e possivelmente vários dias, a explorar a narrativa de um/a entrevistado/a com profundidade, permitindo que diversos elementos sejam manifestados. Isso proporciona à(ao) entrevistada(o) a liberdade de contar sua história completa, permitindo entender como ela(e) percebe e interpreta os momentos de sua vida, analisando cada detalhe com cuidado. No entanto, neste estudo, assim como será observado na análise das entrevistas, o método seguiu uma abordagem diferente, tendo sido adaptado ao recorte proposto. O foco estava na análise da narrativa da história de vida, mas concentrando-se no período desde a migração até o momento atual. Embora em algumas entrevistas tenha ocorrido uma exploração mais profunda de períodos anteriores à migração, é importante destacar que todas foram relatos parciais, uma vez que o foco principal era na experiência migratória em sua totalidade e que, portanto, foi esse aspecto da vida desses atores que se tornou o cerne das entrevistas. Esse ponto de impacto da entrevista foi feito justamente por ser o contexto que busco estudar, envolvendo as dinâmicas identitárias que possam aparecer, ao migrar, ao se deslocar entre culturas e países, ao ter de passar por adaptações, e indagando como a sua identidade cultural e nacional é afetada.

Dessa forma, para alcançar esse objetivo, foi elaborado um guia base com algumas perguntas centrais que, quando necessárias, pudessem ser trazidas durante a entrevista para direcionar a narrativa. Essa organização permitiu que as perguntas agrupassem eixos/temáticas em comum que conversassem com a fundamentação teórica do trabalho, possibilitando que essa etapa de análise fosse facilitada. O guia com as perguntas formou 3 eixos principais, sendo o primeiro sobre informações básicas sobre a(o) entrevistada(o), o segundo sobre como foi a viagem até o Brasil/Brasília e o terceiro envolvendo as questões sobre o cotidiano em Brasília.

Em mais detalhes, o primeiro momento focava em saber a idade da(o) entrevistada(o), quando saiu da Venezuela e quando chegou no Brasil, se o seu processo migratório foi sozinho ou com a família, quem a acompanhou, há quanto tempo reside no Brasil, entre outras informações que embasam essa primeira contextualização. Em alguns casos, essas perguntas já serviram como ponto de partida para que a pessoa começasse a contar sua história. Conhecer essas informações da(o) entrevistada(o), principalmente, há quanto tempo está no Brasil e em Brasília, tinha o objetivo de estabelecer um direcionamento tanto para mim, como entrevistadora, em entender o contexto básico que iria encontrar naquele perfil, quanto para a(o) entrevistada(o), em se familiarizar com o que exatamente eu estava procurando saber.

Em um segundo momento, construí perguntas que pudessem fomentar o início da narrativa, buscando direcionar a pessoa a começar a compartilhar sua história e trajetória como migrante. Nem todas as perguntas foram necessariamente feitas: a existência do roteiro prévio era servir de incentivo, pois na medida em que a narrativa acontecia, as outras informações que essas perguntas trariam emergiram no contar da história. No caso, começava com uma primeira pergunta bem abrangente, como “Ao sair da Venezuela e chegar ao Brasil, como foi a sua viagem?”, para que a pessoa pudesse começar a pensar sua história a partir dali, como foi migrar de um país para o outro e os contextos gerais que ocorreram. Já a última foca nas questões mais específicas a serem analisadas, entender seu contexto e cotidiano já na cidade de Brasília, como se relaciona, se trabalha, ver pelo seu olhar o seu envolvimento social neste outro país.

Ao adentrar a narrativa da(o) entrevistada(o), sua história me envolvia com as situações que passou e, principalmente, como se sentia durante esses momentos. Para conseguir que continuasse o desenvolvimento, outra pergunta abrangente foi pensada para adentrar um segundo momento de sua história: “Como é a sua vida aqui em Brasília? Como é o seu dia a dia?”. A partir dela, foram criadas outras perguntas que direcionam a pessoa entrevistada a narrar suas relações na cidade. Essas questões procuraram abranger se a(o) entrevistada(o) mantém relações sociais com pessoas na Venezuela, se possui contatos que a(o) conectam ao seu país de origem, se participa de associações, questões mais específicas que formariam a ponte com o que foi desenvolvido na parte teórica da pesquisa. Além disso, formulei perguntas para buscar momentos de desencaxe, entender se a trajetória dessa pessoa, até o momento, foi marcada por preconceito, se e como a identificação o afetou de alguma forma.

Todos esses elementos atravessam o interesse de compreender as relações desses indivíduos em seu contexto como migrantes, escutando e observando como interpretam e compreendem sua cultura, sua identidade, seu cotidiano e, principalmente, como enxergam suas histórias de vida migratória (Guérios, 2011). Ao abranger o específico e o geral, o macro e o micro dessas relações, torna-se possível investigar as dinâmicas identitárias estudadas. Dessa forma, as perguntas formuladas buscaram apenas auxiliar o caminho das entrevistas a chegar no assunto migratório no âmbito das histórias de vida, não dominando nem restringindo o que seria dito, mas com o papel de guia para a conversa.

Na prática, a experiência e o resultado que realmente aconteceram vieram de diversas formas. Novamente, nem todas as perguntas foram feitas e formuladas de acordo com a direção da conversa, sendo ajustada quando eu percebia que a história poderia abordar aspectos de alguma das dinâmicas identitárias apresentadas. Em certos momentos, a linha de raciocínio aqui criada de forma ideal se apresentou durante as entrevistas, mas cada uma foi uma experiência completamente diferente da outra, com mais ou menos perguntas sendo interpretadas na narrativa e em ordens antes

não pensadas, permitindo que a(o) entrevistada(o) tivesse maior papel na condução da narrativa. De todo modo, houve semelhanças com o que foi idealizado inicialmente. Assim, consegui chegar no momento das entrevistas de Carlos e Ana, de Adriana e de Luciana e Sofia<sup>4</sup>. A seguir, será apresentado o momento de nossas conversas, as histórias de vida dessas pessoas e a análise que realizei desses momentos.

### 3.1 Carlos e Ana: Construindo uma rede de apoio<sup>5</sup>

Meu primeiro contato ao buscar entrevistados para a pesquisa foi com Carlos. Desde que a irmã Rosita me forneceu seu número de telefone, Carlos começou a compartilhar a realidade que construiu em Brasília e se mostrou disposto a participar da pesquisa. Diante dessa receptividade, realizamos a entrevista em sua casa, onde conheci Ana, sua esposa, que também quis participar e contribuir com a história. Realizar a entrevista em sua casa me proporcionou uma perspectiva física dos elementos e das relações que eles cultivam com os vizinhos e a comunidade que criaram aqui, uma rede que os apoia de diversas formas. Além disso, durante o *tour* que me deram pela casa, apresentaram objetos, comidas e fotos que remetem à vida dos dois na Venezuela, evidenciando a presença migratória em suas histórias de vida.

Ao começarmos, Carlos e Ana contaram sobre eles e, ao mesmo tempo, me introduziram a algumas culinárias venezuelanas para acompanhar a nossa conversa. De *arepas* ao *papillon* (suco de limão com rapadura), os dois foram me apresentando a relação que tinham com essas comidas e a importância de conseguirem fazer e comê-las em outro país. Esse momento acompanhou o início de suas histórias de vida:

(Carlos) Chegamos em 18 de dezembro de 2019. Nossa vida no Brasil começou em 2019 porque foi quando passamos a fronteira e fizemos a documentação e então conseguimos nos interiorizar. Já tínhamos falado com alguém aqui de Brasília e que iríamos chegar por aqui por um favor que um familiar nosso. Chegamos aqui com muita ajuda [...].

Durante nossa conversa, especialmente na introdução do contexto, Carlos e Ana destacam a importância da ajuda que receberam ao longo do caminho, desde a travessia da fronteira até o apoio de conhecidos que já haviam feito essa jornada para Brasília. Essa rede de suporte foi fundamental para viabilizar a migração, especialmente considerando o desafio de organizar a documentação e a interiorização. Nesse processo inicial, um elemento crucial foi a condição de saúde da mãe de Ana, que sofre de insuficiência cardíaca. A situação delicada da sogra de Carlos representou um obstáculo em várias etapas da migração, exigindo cuidados e adaptações ao longo do percurso e que demonstrou ser uma urgência, o que fez com que o caso se tornasse prioridade nas etapas burocráticas da migração brasileira.

---

<sup>4</sup> Nomes fictícios selecionados para preservar as informações pessoais das(os) entrevistadas(os).

<sup>5</sup> Carlos (61 anos) e Ana (57 anos) entrevistados em 12 de dezembro de 2023.

No total desta viagem, migraram Carlos, Ana, sua mãe e o filho de Ana, mas ao contrário do que imaginaram, devido à condição de saúde da mãe de Ana, o governo brasileiro e organizações internacionais fizeram algumas movimentações especiais para garantir que essa família pudesse migrar para o Brasil com segurança. Além disso, durante a etapa de documentação em Boa Vista, Roraima, a família relatou que contou com muitos contatos que os auxiliaram nessa jornada, principalmente no processo administrativo, pois eles ficaram hospedados na casa de uma sobrinha de Ana, em Santa Elena de Uairén, até que toda a documentação fosse concluída que, pela urgência atribuída ao caso, implicou apenas dois dias de espera até a notícia da interiorização.

Sem a ação governamental e das instituições que atuam nesse primeiro ponto de contato na fronteira eles talvez não teriam conseguido se interiorizar, ou o processo teria demorado o tanto que observaram acontecendo com outros imigrantes e refugiados em Boa Vista. Além disso, foi possível perceber, já de início, a rede de pessoas que eles tiveram e construíram para que o processo migratório tivesse uma sustentação. O apoio veio de diversas ligações pré estabelecidas ou oriundas dos novos contatos que realizaram no começo da imigração, mas a questão de poderem contar com os laços familiares e amigos nesses primeiros momentos da trajetória reflete experiências que também apareceram nas demais entrevistas. Segundo o texto de Sasaki e Assis (2000), é frequente a presença de redes que contribuem nessa mudança, pois os grupos tendem a migrar para lugares onde possuem contatos prévios: amigos, parentes à procura de bases entre tantas inseguranças. Esse tipo de ligação, que se mostra presente em vários momentos da história, vai ilustrando um primeiro plano de como Carlos e Ana tiveram a preocupação de buscar por pessoas com quem se identificam em um lugar no qual estariam entrando na condição de estrangeiros, migrantes.

Durante essa parte da conversa, também ficou evidente como essa experiência fez com que se tornassem bem informados sobre os programas de interiorização de brasileiros, sobre a documentação e seus direitos como migrantes no país. A perspectiva que trazem do funcionamento do programa de interiorização é de analisar qual das alternativas se mostra mais eficiente e mais segura para os imigrantes que entram no programa:

(Carlos) Essa é uma ação da ONU que tem 3 planos: interiorização por amigo, por família e por vaga de emprego. A melhor é por vaga de emprego, muitos aceitam, eu teria aceitado se não fosse a situação da minha sogra. Você pode parar em qualquer canto do Brasil com casa alugada já por 3 meses e vaga de emprego fixa aguardando você. Você pode trazer até 20 familiares com você no avião se um foi empregado, tudo de graça.

Esse mapeamento feito em sua fala mostra como a interiorização por trabalho, quando há um identificado, é a que mais apresenta vantagens e segurança de começar uma vida no Brasil, além de já proporcionar uma renda e ter o direito de interiorizar junto com você mais familiares que as outras opções. Esse conhecimento que o casal adquiriu, resultado das suas experiências de vida passando por esses obstáculos e momentos decisórios, fez com que adquirissem bastante

conhecimento na área e os colocou enquanto uma referência de informação em Brasília para outros venezuelanos que chegam ou pensam em migrar para a cidade. Dessa mesma forma que eles utilizaram uma rede para conseguirem migrar, agora eles também constituem essa rede para que outros consigam chegar.

A língua portuguesa também se tornou uma barreira. Por mais que as interações sociais estivessem reduzidas no período de quarentena provocado pela pandemia, a falta de domínio do português dificultava conseguir outros tipos de trabalho e Carlos acabou se tornando entregador por aplicativo, que foi uma das poucas alternativas em que não precisava dominar a língua. Em outros momentos da nossa conversa, e até em outros momentos das outras entrevistas, a questão do emprego aparece forte, assim como a dificuldade da língua. São dois elementos que, para todos, houve o esforço de adaptação para conseguir viver nessa nova cultura desse novo país:

(Carlos) Foi uma adaptação também na parte do trabalho. primeiro eu trabalhei lá no Guará, afastado da casa, então com a bicicleta no UberEats, era Águas Claras... aí conseguimos juntar para mudar para o “prive” e comecei a trabalhar em Ceilândia e Taguatinga.

Para além da dificuldade de adaptação da língua, uma questão forte evidenciada por Carlos foi na esfera de dificuldades que passaram, agora no âmbito trabalhista em Brasília. Ao pensar na temática trabalhista e imigração, é possível perceber um padrão de empregos nos quais normalmente há imigrantes trabalhando, em que a falta de segurança trabalhista e de regularidade é bastante presente, e até mesmo a falta de condições dignas de trabalho. Aqui, a questão de quais oportunidades de emprego as(os) imigrantes conseguem acessar também aparece, pois Carlos e Ana mostram suas dificuldades em conseguir um trabalho na sua área por conta da falta de domínio da língua, pela sua idade e por ser de outro país:

(Ana) o Carlos está com 61 anos, eu tenho 57. Depois de 55 anos não conta para nada. Para ele [Carlos] conseguir um trabalho fixo de carteira assinada é muito difícil, se consegue é salário mínimo. Salário mínimo não dá pra manter uma família. Nós temos dificuldade de trabalho...de entrar nos programas sociais para casa, nós fomos negados porque ele tem 61 anos e por que eu tenho 57.

Por mais que eles tenham apresentado essa realidade, Carlos também relatou que, ao trabalhar com entregas de aplicativo, ele começou a acessar a cidade e a conhecê-la. Ao trazer a cidade para a sua rotina, Carlos começou a perceber mais questões que chamavam sua atenção, desde o comportamento de algumas pessoas, o estranhamento que sentia por estar exposto, as conversas com as pessoas na rua, entre outros eventos, mostraram que ele começou a interagir de forma direta com essa nova cultura. O choque cultural que está presente na sua fala nesse momento expressa como a diferença entre as culturas o faz ser estranho, mas também lhe concede permissão para estranhar esse novo contexto.

Tomando a liberdade de trazer um trecho mais adiante na entrevista, percebi a importância de conectar esses dois momentos em que a questão da dificuldade do trabalho é bastante vivida.

(Ana) espalhamos para tudo que é lado à procura de uma vida melhor, um trabalho pra sustentar. Lá na Venezuela geralmente somos formados em várias áreas, mas aqui somos qualquer coisa que tenha. Mesmo que tenha o certificado ele não vale aqui.

Além disso, essas barreiras dificultam a diversidade de opções de atuação e limitam as oportunidades de empregos duradouros, muitas vezes restringindo-os a posições temporárias. A dificuldade da validação de diplomas e cursos realizados nos seus países de origem também é uma realidade compartilhada por muitos migrantes que vivem no Brasil. Quando fui voluntária no IMDH, ouvia frequentemente relatos sobre essas dificuldades. Muitas pessoas buscavam auxílio para entender o processo de validação e descobriam que, no Brasil, além de ser um processo longo e demorado, não há garantia de aprovação e, além disso, é pago e caro. Imigrantes, refugiados ou apátridas, nenhuma dessas categorias está isenta dessa taxa e, atualmente, a taxa para a validação de diplomas estrangeiros na Universidade de Brasília é de R\$ 2.242,00<sup>6</sup>.

Assim, ao ouvir esse pedaço da história de Carlos, torna-se possível entender a conjuntura que é sua esfera trabalhista como imigrante. Ana é formada em Administração, Carlos é formado em TI, mas é aplicador de prova do Cebraspe, temporário no Cinemark na área de limpeza, faz “bicos” com sua amiga que possui uma ONG realizando *coffee breaks*, almoços, aniversários de criança e também realiza pequenos trabalhos de programação. Carlos e Ana sempre estão à procura de um emprego formal e, mais ainda, buscam formas de se capacitarem e terem seus talentos reconhecidos aqui no Brasil:

(Carlos) O migrante é uma fonte de talento irreconhecível, escondida, como se fosse ouro escondido no monte que está se esperando ser aberto para pegar. Migrante, não importa se é venezuelano, cubano, colombiano, sei lá, mas porque tem a experiência e a preparação.

À medida que entramos na parte de adaptação ao novo país, Carlos e Ana me contaram sobre o processo de ajuste aos novos costumes e as principais dificuldades que enfrentaram, enquanto comíamos um café da manhã. O interessante da história de Carlos e Ana era a combinação de momentos marcados por dificuldades e outros que traziam aspectos de conexão e de resgate de elementos da cultura venezuelana. Essa conexão ia além do contato social com as pessoas; a entrevista revelou como eles estavam profundamente ligados à cultura venezuelana por meio da comida. Desde o momento em que entrei na casa, eles me apresentaram várias comidas e ingredientes típicos que trouxeram ou compraram, mostrando diferentes elementos da culinária venezuelana ao longo da entrevista.

Além disso, essa conexão também era observada nas relações com outras pessoas, especialmente com outros imigrantes venezuelanos. O sentimento de estarem passando pela mesma situação criava uma conjuntura que os ligava ao seu país de origem. Compartilhar a condição de

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.saa.unb.br/graduacao/taxas>.

imigrante e sentir-se conectado com todos que estão passando por esse momento reforçava ainda mais essa ligação.

A partir desse momento, vi a oportunidade de aprofundar suas histórias, explorando mais as experiências relacionadas a choques culturais. Já que haviam sentido dificuldades, queria entender especificamente quais aspectos perpassavam a história do casal e como se sentiam após algum tempo inseridos na cultura brasileira. Busquei compreender como a troca cultural foi sentida em suas trajetórias até aqui:

(Carlos) O sentimento fica meio misturado, todo dia a gente acessa as duas, sempre aprendendo... [...] Então tem essas coisas da cultura geral que conhecemos antes e também achamos aqui. Somos tão parecidos que às vezes não destacamos a diferença, por estar nessa mistura também que estamos falando. É como se tivesse tudo junto misturado, é a base, é a raiz entre os dois. Temos influência muito da europa e de outros lugares do país, a experiência de árabes, asiáticos chegando aqui também aconteceu na Venezuela. É uma coisa que eu gosto, tamo junto nessa.

Esse momento revelou como o casal percebe a identidade no processo migratório. Destacam que há um grande choque e uma influência significativa, criando um espaço em que as diferenças se tornam evidentes e a alteridade é reconhecida. Esse estranhamento é uma parte importante da experiência migratória. No entanto, também mostraram como percebem as semelhanças, com resultados distintos da mistura cultural, mas também incorporando elementos de todas as influências presentes em sua trajetória. Ao compartilhar de influência e, principalmente, dessas misturas, Carlos e Ana identificaram uma base, uma raiz entre os dois em que a mistura de sua vivência molda como se identificam, como se expressam e como são identificados.

Movendo para outro momento da narrativa, Carlos levanta como eles têm um papel importante na comunidade venezuelana aqui em Brasília, ajudam outros e ajudam nessa conexão e ligação entre eles, de modo que também possuem esse papel de ajudar nos primeiros passos, tanto em questões materiais como culturais:

(Carlos) Ajudamos familiares e não familiares. Com dicas, com conhecimento... também indicando o que aprendemos até agora, fala isso, não faça aquilo, não fale palavrão (risos).

(Carlos) Sim, nós não estamos sós. Além disso, eu vendo farinha venezuelana, mas eu vendo mais barato para venezuelano, que não é para ficar rico, mas para ajudar.

Essa parte se liga aos grupos de acolhimento e ao movimento transnacional estudado. Isto é, fazem parte e alimentam uma rede, talvez não com papéis centrais como a amiga que trabalha com a ONG, mas estão presentes no auxílio a outros membros da comunidade, seja com a venda de comidas típicas venezuelanas, seja com dicas e informações sobre essa nova cultura e o auxílio na compra de passagens para que outros consigam migrar.

Além dessas interações diárias, um aspecto que Carlos e Ana mencionaram com grande entusiasmo foi o encontro anual dos venezuelanos conectados por essa rede de conhecidos. A

existência de uma comunidade venezuelana ativa em Brasília, especialmente fortalecida pelos grupos de *WhatsApp*, reforça a percepção de uma rede de apoio entre aqueles que compartilham não apenas a mesma cultura, mas também a experiência comum da migração. Essa rede, como descrita por Ana e Carlos, envolve também uma troca constante com pessoas na Venezuela – familiares, amigos e outros que buscam se mudar para o Brasil.

Outra particularidade da história de vida dos entrevistados neste momento foi a presença de uma rede na esfera religiosa também. Além de se conectar com a rede venezuelana já existente aqui, Ana trouxe consigo a base de sua religião, também conseguindo formar e frequentar um grupo religioso. A presença de venezuelanos frequentando sua comunidade religiosa proporciona uma troca que vai além das remessas materiais; há uma troca cultural dentro do grupo religioso entre os países.

Assim, ao chegar no final da entrevista e nos “dias atuais” da história de Carlos e Ana, o casal me conta suas preocupações futuras:

(Ana) Agora esse ano nós temos que começar de novo praticamente do zero porque tanto ele quanto eu temos que achar uma atividade para fazer que não atrapalhe nossa obrigação e que possa cobrir nossa necessidade. Estamos pensando em ir em Valparaíso porque o aluguel lá é bem mais barato. Lá tem bastante coisa que nem aqui, só é muito longe. Tem hospital perto e também tem muito venezuelano.

(Carlos) Quando eu falo com você eu lembro muito da minha filha, estou com muita saudade, ainda mais agora que tenho neto! A gente não pensa muito nessa coisa não... mas temos esperança, quando eu não sei, de ir visitar a família na Venezuela, mas não vou ficar martelando em cima disso também. Temos o passaporte amarelo que você faz aqui no Brasil para uma viagem, mas você tem que ter muito dinheiro para a viagem principalmente para tirar o visto americano. Nós estamos achando que a nacionalidade brasileira nos facilitaria tirar o passaporte. Porque o passaporte venezuelano é muito caro e não consegue entrar em nenhum lugar.

Aqui, fica evidente que, apesar de terem alcançado um momento de estabilidade, a questão da mudança constante ainda os acompanha. A dificuldade em conseguir empregos fixos e um local mais permanente para residir indica que a busca por melhores condições de vida continua, mesmo após a inserção no contexto brasileiro. Além disso, o relato de Ana destaca questões relevantes a considerar na possibilidade de mudança para Valparaíso, como a proximidade de um hospital, possivelmente devido à necessidade de cuidados para sua mãe, e a presença de uma comunidade venezuelana significativa, que proporcionaria uma rede de apoio. Essas reflexões sobre o futuro revelam preocupações e planos contínuos. Há uma constante consideração sobre estratégias para trazer a família, e a identidade nacional continua a ser uma questão importante. Para as e os imigrantes, essa reflexão sobre a nacionalidade e o futuro está sempre presente, moldando suas decisões e trajetórias.

De modo geral, a rede de apoio que o casal construiu ao imigrar e se estabelecer em Brasília foi impactante em suas narrativas. Além dos parentes que migraram junto com eles, há uma



vizinhança e uma comunidade de venezuelanas(os) em Brasília da qual fazem parte e junto à qual são bastante ativos, participando de encontros, auxiliando com seus conhecimentos sobre migração para o Brasil e trabalhando dentro dessa rede de contatos.

Dessa forma, a Venezuela continua presente em suas vidas, mesmo residindo em outro país. As conexões que estabeleceram ao se fixarem na cidade permitem-lhes preservar a cultura do país de origem, falar sua língua e acessar contextos culturais nos quais cresceram. De certa forma, conseguiram estabelecer vínculos com a Venezuela mesmo morando no Brasil. Carlos, por exemplo, mantém vínculos de trabalho na Venezuela, o que realça a continuidade dessas conexões. Esse vínculo é reforçado pelas remessas de dinheiro enviadas para ajudar parentes que permaneceram no país de origem, demonstrando que, apesar de estarem no Brasil, ainda mantêm vínculos diretos com a Venezuela, tornando a fronteira entre os países, em certos momentos, a poucos metros de distância.

As dificuldades enfrentadas ao chegarem ao Brasil, como a interiorização, a busca por moradia e trabalho durante a pandemia de COVID-19, bem como os desafios que continuam a enfrentar até hoje, também foram elementos centrais em suas narrativas. A questão da faixa etária, que os torna menos aderentes ao mercado de trabalho, acompanha-os ao longo de suas histórias, dificultando a obtenção de um emprego fixo e de acordo com suas habilidades e formações. Esse cenário influencia nas inseguranças que possuem em relação ao futuro, como a manutenção da moradia, o cuidado com a mãe de Ana e todas as despesas necessárias para continuar vivendo no Brasil. As dificuldades que acompanham sua trajetória, além de compartilharem aspectos comuns com outras pessoas, também evidenciam desafios específicos enfrentados por migrantes, como a dificuldade em validar seus cursos e diplomas obtidos na Venezuela.

Os elementos destacados nesta entrevista, agora analisados de forma mais abrangente, oferecem uma visão central sobre a experiência migratória de Carlos e Ana no Brasil. A partir dos relatos de seu cotidiano, bem como das principais dificuldades e incertezas que enfrentam, percebe-se como a identidade desempenha um papel fundamental em suas histórias. Destaca-se, sobretudo, o papel do casal na atuação de redes de apoio para outros venezuelanos no Distrito Federal, contribuindo de diversas maneiras para a vida desses migrantes e permitindo que a cultura venezuelana esteja presente, mesmo à distância. Assim, esse material será trabalhado e aprofundado juntamente com as outras entrevistas na seção final deste capítulo.

### **3.2 Adriana: A importância de um sotaque<sup>7</sup>**

Bom, deixa eu te falar uma coisa: eu conheci meu marido na Venezuela, ele trabalhava no Consulado do Brasil. Nos conhecemos em um restaurante, aí namoramos, casamos e eu tinha 18 anos, bem novinha. Aí ele foi transferido para o Chile e como eu estava grávida ele

---

<sup>7</sup> Adriana (61) entrevistada em 19 de dezembro de 2023.

falou “melhor você ir para o Rio” porque a família dele morava no Rio. Mas ele vinha a cada 15 dias. Depois eu fui morar no Chile e ficamos por lá 5 anos. Do Chile eu voltei grávida de novo.

Ao começar a conversa com Adriana, sua história foi iniciada com apenas algumas perguntas contextualizadoras. A entrevista foi feita em sua casa para que se sentisse mais confortável, o que também me deu uma visão de como é um pouco a sua convivência e, principalmente, com a família que estava presente na casa. Quando a entrevistei, netos e filhos estavam na casa dando um aspecto de “casa de vó” bem frequentada por outros membros da família. Essa relação que possui com a família também é aparente em como eu consegui o seu contato: foi a partir de um amigo próximo meu que mencionou que sua tia era venezuelana e que, diferentemente do contexto migratório atual, ela migrou em outro momento, e que poderia ser interessante ter o relato dela. Adriana saiu da Venezuela em 1981 com 18 anos, apresentando outro contexto do país em que a migração não era tão expressiva como no momento de crise atual do país.

Eu migrei em uma época que estava muito bom, a Venezuela estava maravilhosa, entendeu?

Durante o governo de Hugo Chávez, Adriana relatou que, embora houvesse migração na Venezuela, o fluxo não era tão significativo, nem motivado pelos mesmos fatores que se vê atualmente. O motivo de sua migração foi acompanhar seu marido brasileiro, cuja profissão exigia viagens frequentes, o que os levou a deixar a Venezuela. Ao analisar os fluxos migratórios venezuelanos, é possível observar como eles variaram ao longo da história, afetando os migrantes de diferentes maneiras. Desde o início do governo de Hugo Chávez, em 2000, já havia um fluxo considerável de emigração, composto por pessoas de classe média alta, empresários, estudantes e indivíduos perseguidos pelo governo, com os principais destinos sendo os EUA e países da Europa (Acosta; Blouin; Freier, 2019). Embora o número de emigrantes na época fosse menor do que o atual, essa migração já refletia as tensões políticas e sociais do país e a insegurança relacionada ao processo de nacionalização das indústrias, decisões que foram impactar a população venezuelana nos governos posteriores.

Ah não porque como eu já vinha casada, então é para mim casamento supostamente é para a vida toda, né? E fui muito corajosa, eu acho porque era muito nova, não tinha ninguém, só ele e a família dele que também vinha para o Brasil e fui me adaptando.

Embora Adriana acompanhasse o marido em suas realocações para outros países, ela passava mais tempo no Brasil e sempre voltava para cá durante suas gestações para ter o apoio da família dele. Ela teve dois filhos, ambos nascidos no Rio de Janeiro, e atualmente tem quatro netos, sendo que dois estavam na sua casa durante a entrevista. Esses acontecimentos que a fizeram permanecer mais tempo no Brasil, levaram-na a construir uma vida mais estável na cidade do Rio de Janeiro, estabelecendo bases devido à proximidade que criou com a família do marido.

Aí eu fiquei no Rio, deixa eu ver, eu acho que uns três meses, porque meu marido foi para o Chile, né? E ficamos lá no Chile uns 5 anos, um país maravilhoso. E depois do Chile, uns 5 anos depois voltamos para o Brasil e eu vinha grávida do meu segundo filho. E chegamos em Brasília ficamos creio que uns dois anos. E aí meu marido foi removido para o Peru, aí ficamos quase 6 anos no Peru.

Aqui, é perceptível que o processo migratório de Adriana não se limitou à Venezuela e ao Brasil, mas incluiu todos os países para onde seu marido precisou se mudar a trabalho. Pelo relato, fica claro que não foram apenas temporadas curtas, mas longos períodos, permitindo interações mais profundas com a cultura, as pessoas e o cotidiano desses lugares por conta da profissão do marido. No entanto, o país no qual ela passou mais tempo, morou e criou laços foi o Brasil, sendo que em relação a outros países Adriana relata rapidamente e não se aprofunda no que passou por lá, apenas em aspectos turísticos para descrever sua experiência nesses lugares. Nesse contexto de constante mudança, em vários momentos da entrevista ela demonstra a preocupação de não viajar mais para poder criar os filhos em um único lugar, no caso, o Brasil, onde eles nasceram:

Então eu falei não, não viajo mais, mas se você quiser viajar mais, falei para o meu marido né, você viaja e eu vou ficando por aqui com as crianças, e assim foi. Aí assim, ficamos aqui até eles se formarem, os dois. Aí eu falei para meu marido “bom, agora a gente pode viajar de novo só nós dois” e então eu conheci muitos pontos e até voltei para a Venezuela.

No decorrer de sua narrativa, a história de vida de Adriana vai se desenvolvendo cheia de detalhes sobre seus deslocamentos. Sua última viagem de acompanhamento ao marido foi para Santa Elena de Uairén, há 5 anos. Esse período em que voltou à Venezuela, não para visitar, mas para morar, será bastante trazido durante o restante da análise por ter sido um momento significativo para a entrevistada, pois manifestou sua vontade de retorno. Esse período foi contado com tristeza na narrativa, pois ao longo dele Adriana perdeu muitos familiares, incluindo sua mãe, seu pai e seus 3 irmãos (uma irmã e dois irmãos). No seu relato sobre essa parte de sua história, ela traz a lembrança que tem desses familiares e de como, por mais que tenha sido um momento triste, ficou grata de ter estado lá quando isso aconteceu, pode aproveitar a sua família, passar por momento agradáveis e que tornou possível ver esse momento como uma fase da vida.

Em complemento a este momento, também ficou marcada pelas suas palavras a emoção na narrativa como uma volta necessária a sua cultura e costumes depois de tantos outros lugares em que precisou viver. Segundo ela e até pelo que observou dos comentários dos parentes, ela sentia necessidade de voltar para renovar as características que a tornam uma venezuelana e agora esse sentimento é fortificado toda vez que consegue visitar:

Nossa senhora, até hoje tem coisa que eu misturo, entendeu? E você vê que apesar do tempo que eu tenho no Brasil eu ainda tenho sotaque, né? Não, mas eu não quero perder esse sotaque não.

Apesar de falar português muito bem, ela não quer perder seu sotaque, pois ele é um aspecto que reforça sua identidade nacional como venezuelana em cada palavra. A importância que ela

atribui à língua e o receio de perdê-la são evidentes quando expressa o medo de não conseguir transmiti-la adiante, temendo que seus filhos e netos não tenham acesso a esse ponto crucial de sua cultura, a língua espanhola. Nas outras entrevistas e ao examinar um pouco das políticas nacionais para migrantes no Brasil, é evidente a preocupação com a dificuldade e a necessidade de aprender rapidamente o português para navegar pelo cotidiano do novo país e, principalmente, para se inserir no mercado de trabalho brasileiro. Esse desafio está presente nas outras duas entrevistas. No entanto, a narrativa de Adriana destaca uma preocupação diferente: a de não perder o espanhol que resta em sua fala. Para ela, manter o espanhol é uma forma de mostrar aos parentes que ainda pertence e consegue acessar o vocabulário da Venezuela, e também de mostrar à comunidade local que possui raízes além do Brasil.

Essa preocupação em acessar sua identidade venezuelana no cotidiano brasileiro também se manifesta por meio das comidas típicas da Venezuela. A memória e o sentimento em torno dos pratos tradicionais venezuelanos estão presentes, como observado nas outras entrevistas, mas aqui se expressam pelo medo de perderem o vínculo identitário e cultural com a Venezuela.

Nessa hora, intervi um pouco no seu caminho narrativo para conseguir entender com mais profundidade os sentimentos de choque, de uma possível dificuldade ao lidar com a influência de diversas culturas na sua formação:

Olha eu acho que nunca pensei, mas tem hora que eu sei, eu sou muito apegada ao Brasil, gosto muito de Brasília porque é onde eu tenho morado, né? Mas quando vou à Venezuela, claro que eu queria ficar lá, claro que eu queria voltar, eu gostaria muito de voltar ao meu país, para morar.

Adriana expressa o desejo de voltar permanentemente, mas reconhece que sua família é brasileira e que um pedaço do seu pertencimento cultural, da sua vida, está aqui no Brasil. Essa dualidade aparece em muitos momentos de sua história, assim como um desejo de que, quando conseguir e avaliar que há condições de realizar, gostaria de viver sua velhice na Venezuela.

Sua fala também traz o sentimento de ser um pouco turista no país em que nasceu. Após tanto tempo fora, Adriana percebeu algumas diferenças e contrastes ao retornar à Venezuela. O cenário estava diferente do que ela viveu quando saiu pela primeira vez. Agora, ela se esforça para se readaptar ao próprio país de origem, lidando com questões que antes não a incomodavam ou que não notava.

Ao retornar à Venezuela, Adriana absorveu a situação presente que o país enfrenta. A época em que ela saiu da Venezuela difere significativamente da situação migratória atual. A dependência da importação aumentou e o relato sobre esse período também revelou como a Venezuela, especialmente a cidade em que Adriana ficou, mudou. A situação do país não é mais a mesma desde que ela saiu, e ela pôde observar de perto a crise econômica, social e política que o país enfrenta. Embora o contexto tenha mudado, Adriana continua tendo apreço pelo país e pelo que pôde reviver

ao retornar à Venezuela. Sua narrativa transmite não apenas saudade, mas também um desejo de ficar e de voltar a morar lá em definitivo, apesar de amar sua vida no Brasil. Além das dificuldades que enxergou em se readaptar ao novo contexto venezuelano, houve um episódio de preconceito em sua história notório de trazer aqui:

A não ser na fronteira que tive problema, eu tinha um cachorrinho e roubaram meu cachorrinho, né? Ai um dia o cachorrinho apareceu em casa de novo, e a vizinha falou para mim “ó vizinha, uma mulher está levando seu cachorro” e eu falei “não, esse cachorro é meu!” e a mulher foi lá na polícia, aí fomos eu, meu esposo e minha neta, aí quando ela nos viu falando ela disse “tinha que ser venezuelano”, quando ela falou essa palavra eu fiquei muito chateada, mas a policial que estava ali era amiga e disse “deixa para lá, não vale a pena falar com essa menina porque ela é muito baixa” e falei então tá bom. Meu marido falou “deixa pra ela esse cachorro, te compro outro cachorro”, aí pronto, entendeu? Foi a única vez. Mas se me ofenderem na rua não fico calada minha filha, ligo para a polícia rapidinho! Não aceito que ninguém me maltrate nem nada porque a Venezuela é um país muito acolhedor aos estrangeiros, meu Deus do céu, se você vai para a Venezuela não importa seu país, te tratam bem, entendeu?

Esse episódio presente na sua história de vida, relata que Adriana vivenciou um caso de xenofobia enquanto morava na fronteira. O ocorrido ficou bastante marcado na memória da entrevistada por lembrar de detalhes da discriminação e de se espantar com a situação por tê-la identificado como venezuelana de forma pejorativa. Sua reação foi de levantar e afirmar fortemente sua nacionalidade ao relatar o episódio de preconceito, deixando claro que, sim, é venezuelana. Em outros momentos, Adriana também relata que o contrário já aconteceu, estando na Venezuela e sendo tomada por brasileira, demonstrando que já percebeu que sua nacionalidade é identificada de maneira relacional, fronteira, portanto de formas diferentes a depender do contexto, do país em que está e das pessoas que a estão classificando:

Olha quando eu fui para a Venezuela com meus filhos, minha filha fala espanhol, eles pensaram que minha filha era venezuelana e eu era brasileira. Porque eu tenho o sotaque do português, por mais que eu esteja falando em espanhol, porque preciso forçar um pouco para falar em espanhol. Então pensaram que eu sou brasileira. Quando me identificavam como brasileira eu dizia “não, eu sou daqui, sou venezuelana!” e pensava meu Deus do céu, meus compatriotas não me acham mais venezuelana!

Aqui, é perceptível observar como a prática classificatória da identidade adentra a história de Adriana. Ao não reconhecerem Adriana como “uma deles” – uma venezuelana –, destacaram automaticamente suas diferenças, identificando-a como “a outra”, a brasileira. Nesse contexto, conforme o ambiente ou as pessoas com quem Adriana interage, sua identidade torna-se algo flexível, revelando um ponto central na reflexão sobre identidade e identificação: ela muda conforme a percepção dela mesma e das pessoas ao seu redor, ela transita entre as influências culturais e nacionais dos países em que viveu/vive.

Dessa forma, Adriana relata como lida com essa condição de ter duas nacionalidades em sua formação. No Brasil, ela traz um pouco da Venezuela por meio da culinária, preparando pratos típicos e trazendo ingredientes que, normalmente, não encontraria aqui. Quando visita familiares na

Venezuela, ocorre o inverso: as influências culinárias do Brasil acabam se manifestando, destacando-a e evidenciando sua diferença em relação aos que a cercam. Ela descreve que o mesmo ocorre em seu círculo social no Brasil, onde se conecta com venezuelanos que, de alguma forma, passam pelo mesmo. Nesse quesito, apesar de não ter um grupo fixo de venezuelanos em Brasília, Adriana se alegra e estabelece um contato de similaridade sempre que encontra um compatriota. Esses encontros proporcionam momentos de identificação e pertencimento, fortalecendo seus laços com a comunidade venezuelana e ajudando-a a manter viva sua identidade cultural.

Mesmo depois da reflexão acerca da dualidade e da movimentação entre suas duas culturas, a questão do retorno à Venezuela é um tema central na vida de Adriana. Ela expressa um desejo profundo de voltar um dia, mesmo reconhecendo e valorizando sua ligação com o Brasil. A importância desse retorno é evidente em suas reflexões e expectativas para o futuro. Embora tenha desenvolvido laços significativos com o Brasil, seu anseio de retornar à Venezuela permanece forte.

A trajetória de Adriana por outros países, conforme narrado, não revela um conflito significativo ou um laço de pertencimento marcante com essas localidades. Em vez disso, sua experiência fora da Venezuela foi, em grande parte, orientada pela necessidade de acompanhar seu marido. Durante esses períodos, Adriana não vivenciou um processo de integração ou pertencimento profundo aos países em que residiu, o que reflete sua experiência como um acompanhamento temporário e não uma vivência imersiva. Ao retornar ao Brasil, ela confronta novamente o choque cultural e o desencaixe que sente. Sua principal preocupação é a sensação de que uma parte importante de sua identidade e cultura venezuelanas não está sendo transmitida para sua família brasileira. Essa preocupação é particularmente evidente na criação de seus filhos e teme que os costumes e tradições venezuelanas, que são fundamentais para sua identidade, não estejam sendo passados adiante. O questionamento que ficou ao nos encaminharmos para o final da entrevista foi de como assegurar que seus filhos se conectem com esses aspectos de sua herança cultural, apesar de estarem crescendo em um ambiente brasileiro.

Adriana enfrenta um dilema constante entre preservar e compartilhar sua herança venezuelana enquanto se adapta ao contexto brasileiro. Esse desafio é um reflexo da complexidade de viver em uma interseção cultural, na qual o desejo de manter as tradições e o sentimento de pertencimento a um lugar de origem se mistura com as realidades de um novo ambiente e identidade em formação.

Assim, é perceptível em que momentos as questões identitárias vão surgindo na narrativa de Adriana. Sua história migratória nos remete a um período diferente do contexto migratório venezuelano do que é observado atualmente. Ao se casar e vir para o Brasil com seu marido, Adriana logo sentiu o que significava ser uma estrangeira vivendo em uma cultura diferente daquela em que foi criada. Embora tenha acompanhado seu marido em viagens para outros países da

América do Sul, o Brasil foi o país em que mais tempo viveu, sendo os demais apenas mencionados como experiências turísticas. Todos os seus filhos nasceram em território brasileiro, e o apoio que teve enquanto morava no Brasil veio da família de seu marido, também brasileiros. Assim, seu envolvimento com o país cresceu ao longo do tempo, e hoje o Brasil faz parte de quem ela é. É nesse ponto de sua narrativa que se destacam as dinâmicas identitárias que a perpassam e, por isso, será importante retomá-las de forma mais aprofundada no momento de conclusão de análises, juntamente com os aparatos teóricos que nos ajudam a entender o que foi relatado.

### **3.3 Luciana e Sofia: O peso de ser vista como diferente<sup>8</sup>**

Na minha última entrevista, conheci a história de Luciana, uma mãe que veio para o Brasil em 2022 com seu marido, sua filha Sofia e seu cachorro. Assim como as outras entrevistas, essa também foi realizada na casa da entrevistada, revelando que, embora cada família tenha vindo em contextos e de formas diferentes, todas trazem um pouco da Venezuela em suas vidas aqui. Seja no sotaque, no tipo de comida ou na maneira de organizar os móveis, cada entrevistada(o) fez questão de mostrar e compartilhar os elementos de suas casas que representam suas culturas. No caso de Luciana e Sofia, elas me apresentaram o que trouxeram da Venezuela, como os forros bordados e fotos. A partir dessas lembranças e de um café, começaram a contar sua história de vinda ao Brasil.

O contato de Luciana surgiu por meio da primeira entrevista com Carlos e Ana pois, enquanto os entrevistava, havia uma cuidadora atendendo a sogra de Carlos em outro quarto. Conforme relatado por eles, um dos grandes desafios ao virem para o Brasil foi a migração com a mãe de Ana e, embora a travessia tenha dado certo, atualmente ela está acamada e mora com eles. Por isso, contrataram Luciana, uma venezuelana cujo contato receberam como recomendação de ajuda e que, quando expliquei sobre a pesquisa durante a entrevista, Luciana se mostrou interessada em participar. Após algum tempo, entrei em contato com ela novamente para ver se ainda estaria disposta a contar sua história, e ela aceitou.

Dessa forma, marquei um dia para visitá-la em sua casa para podermos conversar sobre sua história de vida a partir da sua trajetória de imigração. Quando iniciamos, começamos a conversar ela, sua filha Sofia e eu, pois a participação da filha foi um pedido de Luciana antes de começarmos. Ela me disse que estava um pouco nervosa e que não tinha muita segurança ainda com o seu português por não ter vivido tanto tempo aqui ainda. Por isso, perguntou se sua filha, Sofia, poderia ajudá-la e a traduzir em alguns momentos tanto a minha fala quanto a dela, para que assim conseguíssemos uma comunicação melhor. A partir desse momento, Sofia também se sentiu à

---

<sup>8</sup> Luciana (43) e Sofia (18) entrevistadas em 08 de fevereiro de 2024.

vontade de participar, e perguntei se tinha sua autorização para colocar sua parte da entrevista na pesquisa. Assim, essa é a história contada por Luciana e Sofia:

(Luciana) Sim, foi assim que começou a nossa história aqui no Brasil, ela começa com a vinda da minha cunhada, porque elas chegaram primeiro aqui e iniciaram seu processo. Quando eles chegaram na fronteira havia começado a pandemia e ficaram em torno de 5 meses em um refúgio em Pacaraima antes de partirem para Boa Vista. Acredito que o processo deles demorou a sair por estar engavetado. Depois disso, mandaram ela e a minha sobrinha para Brasília porque tinham que operar antes que a menina completasse 2 anos: Ela nasceu com uma condição na qual o cérebro estava fechado o que deixava a menina sem oxigênio e portanto a cabeça estava se deformando e ela precisava de uma cirurgia. [...] Elas vieram primeiro e logo chegou o esposo da minha cunhada. [...] Foi essa chegada deles a Brasília que fez com que a nossa saída do país começasse, porque agora tínhamos uma ponte de apoio nesse outro país.

Nessa hora, assim como na história de Carlos e Ana, há a importância da existência de uma rede, uma ponte que consiga fazer essa conexão entre a Venezuela e o Brasil, para que não fiquem totalmente desprotegidos e desamparados em outro país. Ao narrar que sua história de migração teve início a partir de outra pessoa, Luciana demonstra como essa primeira movimentação, que não foi protagonizada por ela, a levou a considerar a migração como uma realidade possível. Assim, sua narrativa começa por essa outra história, pois, sem a migração de sua cunhada, a sua própria história migratória não teria existido:

(Luciana) Na hora, quando chegaram aqui falaram “venham, venham” e nós respondemos que tínhamos nossa vida, nosso trabalho, tínhamos tudo já na Venezuela e que não fazia muito sentido se mudar. Meu esposo assim como o esposo dela é treinador de Taekwondo, treinador, professor e outras coisinhas e ele não queria deixar seu trabalho. Ele tinha um clube com crianças pequenas e não queria deixá-los. Entretanto, ao ver a situação apertando, nós decidimos que, ao iniciar o ano de 2022 faríamos todo o possível. As coisas lá o salário não cobria, cada dia vivíamos estressados por muitas situações. Então quando Sofia terminou o ano escolar em Julho começamos a planejar e decidimos ir em dezembro. Então, pegamos nossas coisas e viemos no dia 18 de dezembro de 2022. Chegamos à fronteira e ficamos 3 dias assinando os papeis em Pacaraima. Depois de Pacaraima fomos a Manaus e lá ficamos 3 dias na casa de uns amigos de meu esposo e ficamos lá nos apoiando.

(Luciana) Bom, continuamos, depois fomos para Porto Velho de ônibus. Aqui ficamos mais tempo pois não tínhamos dinheiro o suficiente, ficamos quinze dias. Ficamos esperando que algumas coisas nossas da Venezuela fossem vendidas, pois tivemos que vender parte das nossas coisas assim como fazem aqui para poder completar o dinheiro e chegar aqui. Graças a Deus nessa época recebi um dinheiro do lugar em que eu trabalhava [na Venezuela] um Liceu onde ela [Sofia] estudava, eu era secretária na parte administrativa porque eu sou professora da parte pré escolar.

(Luciana) Além disso, meu cunhado que estava na Venezuela fez o favor de nos ajudar a vender as coisas. Chegamos aqui no dia 17 de janeiro de 2023. Demoramos dois dias para chegar em Brasília desde Porto Velho, fizemos tudo de ônibus. Como diz o meu esposo “Fizemos uma aventura pois estamos conhecendo parte do Brasil” porque o Brasil é muito grande.

Esse trecho da entrevista mostra como a viagem de Luciana para chegar em Brasília foi longa, com a questão financeira sempre acompanhando a sua família. Ao narrar sobre a dificuldade de juntarem o dinheiro para interiorizar, os sacrifícios que fizeram de seus pertences, empregos e a vida que tinham na Venezuela, mostra o quanto a família de Luciana apostou nessa migração e



como se planejaram para que desse certo. Apesar do medo e dos desafios que enfrentaram até chegarem em Brasília, a história de Luciana e de sua família sempre seguiu adiante, demonstrando sua determinação em alcançar um momento que considerassem melhor, especialmente para sua filha Sofia:

(Luciana) Graças a Deus estamos muito melhor do que estávamos na Venezuela, lá estávamos passando muita necessidade, às vezes não tínhamos o que comer. E a educação.. sim, pensávamos na educação dela [Sofia] os estudos de lá... ela não estava aprendendo o que era devido, estávamos perdendo o tempo. Ao ver que havia oportunidade em um país, uma cidade que nem Brasília, estava com as portas abertas, nós pensamos e decidimos ir.

Aqui aparece um momento importante da sua história migratória, que diz respeito à decisão. Nas perguntas que formulei para saber informações básicas sobre as entrevistas, decidi não perguntar diretamente o que fez com que migrassem. Na minha avaliação, demandar essa informação pode ser algo muito pessoal que a entrevistada não está pronta para conversar, ou no caso, ser colocado em uma pesquisa, mas em todas elas foi possível entender a situação em que a família e em que a(o) entrevistada(o) se encontrava quando dos primeiros passos para vir ao Brasil. No caso, o contexto é o mesmo que existe quando Carlos e Ana migraram, uma Venezuela em que, quanto mais o tempo passava, as opções de viver com uma boa qualidade de vida naquele país diminuíram, e no caso de Luciana, o ponto chave foi pensar na educação da filha.

Essas primeiras falas de Luciana e de Sofia ilustraram os contextos base de sua história, a condição com que chegaram em Brasília, como conseguiram e o planejamento para que a migração acontecesse sem excluir as partes de sacrifício e as decisões difíceis que realizaram para, neste momento, todos eles estarem aqui: Luciana, seu marido, Sofia e Toño. Assim, ao avançarmos com a história, as dificuldades e adaptações enfrentadas por cada membro da família foram oferecendo um panorama detalhado dos desafios que tiveram de superar. Sofia, por exemplo, precisou se adaptar ao sistema escolar brasileiro, o que envolveu não apenas a língua, mas também acostumar-se ao contexto escolar local. No entanto, ela conseguiu se sair muito bem e segue com uma boa adaptação, como relatou. O marido de Luciana, por sua vez, enfrentou dificuldades significativas no mercado de trabalho, uma situação comum entre muitos imigrantes venezuelanos no Brasil. A dificuldade de inserção no mercado de trabalho está ligada não apenas ao fato de ser imigrante, mas também à ausência de políticas públicas que abordem adequadamente essa problemática. Além disso, ele teve dificuldades em atuar na sua área de formação devido à complexidade do processo de validação de diplomas no Brasil. Essa realidade é compartilhada por outros imigrantes, como Carlos, que também teve de se reinventar profissionalmente e se capacitar ao máximo para melhorar suas condições de trabalho.

Para Luciana, a principal dificuldade que relatou foi o domínio da língua portuguesa. Ela considera que ainda não possui o domínio desejado e gostaria de se sentir mais autônoma na

comunicação. A falta de convivência com brasileiros tem dificultado sua capacidade de internalizar completamente o novo idioma e, no contexto que observou, aprender a língua está sendo um ponto essencial para a sobrevivência e a integração ao novo país. A questão trabalhista impactou tanto Luciana quanto seu marido ao chegarem no Brasil e, especificamente, Brasília. A dificuldade de encontrar emprego é patente em sua fala, principalmente ao relatar as áreas que seu marido precisou atuar e em quais áreas ela conseguiu exercer, mesmo com as barreiras de ser uma imigrante:

(Luciana) Iniciando o ano escolar, eu ia com a minha sogra buscar minha sobrinha na escola e aí passamos uma vez por uma rua que tinha uma creche e ela foi me apresentando falando: Ah ela é professora e está chegando! Então eu iria ter 2 dias de “teste” para ver se gostavam do meu trabalho. Então foi assim que me chegou essa oportunidade. Mas depois de 15 dias por lá falaram que não precisavam mais do meu serviço e que eu não entendi nada. Então como eram crianças pequenas com idade de 2 a 4 anos eu não conseguia entender, e o jeito de alfabetizar na Venezuela é diferente que aqui. É igual, mas o idioma me faltava então os meninos não me entendiam e eu não servia. Por conta disso eu consegui ir começando no dia a dia e consegui pagar os primeiros dias de aluguel aqui. Então todos os dias foram meio que sem fazer nada, até eu conhecer a senhora Ana [Esposa de Carlos]. Eles estavam à procura de uma mulher para ajudar a cuidar da sogra do senhor Carlos e tudo isso. Então eu aceitei e cheguei lá pela manhã de 8 e fico até as 14h dando esse apoio e ajudando dando chance para que eles possam sair.

No final de novembro e início de dezembro, Luciana começou a trabalhar como auxiliar de cozinha com uma senhora venezuelana que já vive no Brasil há bastante tempo. Nesse emprego, ela faz diárias, e a colega também a incentiva a se qualificar, ajudando-a a ingressar em um curso no SENAI, com o objetivo de tentar uma vaga melhor. Luciana explicou que essa foi uma forma de contribuir para o sustento da família, de modo que não dependessem apenas da renda do marido, e de iniciar o processo de estabelecer-se com mais estabilidade.

(Luciana) Aqui pelo menos se pode ver que é mais possível ter essas oportunidades, porque tem a possibilidade de solicitar um crédito, de ir pagando de pouco em pouco e muitas coisas.

Nesse contexto de constante adaptação e de se inserirem em diversos ambientes em busca de trabalho, Luciana e sua família foram muitas vezes destacados como diferentes dos demais. Esse desencaixe cultural ressaltou como as pessoas que não se enquadram nos padrões comportamentais locais são frequentemente percebidas como diferentes e marginalizadas. Além disso, a natureza dos trabalhos que Luciana encontrou disponíveis para ela revelaram um padrão. Por meio da leitura do texto de Dutra acerca da *Migração Internacional e o trabalho doméstico* (2013), tornou-se perceptível uma linha em comum nos tipos de atuação que Luciana relatou já ter trabalhado. Ou seja, cuidado de crianças, de idosos ou como auxiliar de cozinha e, contrastando fortemente com sua formação e interesse em marketing, esses tipos de empregos são frequentemente categorizados como “trabalhos femininos” e refletem uma tendência de relegar imigrantes a funções que não correspondem às suas qualificações ou aspirações profissionais. Ao ser identificada como imigrante e, especificamente, como mulher, as oportunidades de emprego que surgiam para ela estavam

moldadas pela imagem que criaram dela, direcionando-a para papéis que correspondem às expectativas impostas sobre o papel que acreditavam que ela deveria desempenhar.

Essa estigmatização, ou a marca que lhe foi atribuída pelos outros, pode resultar em casos de discriminação e preconceito, como o que relatou Luciana quando descobriram que era venezuelana:

(Luciana) Bom, quando eu comecei a trabalhar na creche, e meu marido não gostou de lá também, e se eu conseguir eu não quero trabalhar mais em creche, só se for um privado ou dependendo da pessoa. Foi lá que tive um momento com a senhora que trabalhava lá, esse foi meu único aperto. Ela... não me tratou bem. Foi quando eu não entendia bem o que as crianças pediam e ela viu isso, ela gritou comigo, me chamou de coisas, me puxou agressiva e, bom, nunca mais voltei lá. Ali ela ficou com raiva de mim por não saber português direito, ela não tratava mais ninguém daquele jeito, só eu. De resto teve pessoas que me veem e encaram, assim é normal aqui. Eu e meu esposo sempre fomos muito educados, mas quando nos ouvem 'hablando' olham, encaram é até engraçado. E começam a perguntar coisas também normalmente, tentando adivinhar de onde somos, falando até que gostam do nosso sotaque.

Esse momento narrado por Luciana expressa um caso de xenofobia sofrido na creche em que trabalhava. Ela não chegou a especificar as ofensas e não perguntei, por ver seu desconforto ao entrar no assunto, mas deixou explícito o que aconteceu.

A experiência de Luciana exemplifica como a questão da alteridade é central na trajetória migratória, refletindo o jogo de definições que afeta particularmente os migrantes. Como Goffman (2008 [1988]) argumenta, a diferenciação está intimamente ligada ao poder. Luciana ilustra como o estigma e a xenofobia podem, infelizmente, acompanhar a história de vida dos migrantes por estarem mais sujeitos a momentos de estranhamento e de desencaixe, deixando-os mais expostos a esse tipo de situação por enfrentarem dificuldades ao lidar com as diferenças culturais e sociais que surgem ao longo do processo migratório. Mesmo no meio desse deslocamento e do momento discriminatório que sofreu, Luciana encontra maneiras de não se sentir, a todo momento, desencaixada da realidade que vive, pois consegue acessar a Venezuela no Brasil. Com isso, ela traz o sentimento de conexão ao seu país, à sua cultura de origem, ligando-se às pessoas que conhecem que estão na Venezuela por meio de chamadas e mensagens e, assim como em todas as entrevistas, por meio da culinária também. Sua relação atual com a Venezuela reflete uma mudança significativa em suas prioridades e sentimentos, pois apesar da saudade da Venezuela, seu desejo é mais voltado para trazer essas pessoas para perto dela do que para retornar ao país.

Ainda na temática de conexão cultural, perguntei se há um envolvimento com grupos, comunidades locais de venezuelanos e se ela frequenta algum:

(Luciana) Também frequentamos aos sábados o Espírito Santo, por Taguatinga Sul. Aí nós vamos, compartilhamos uma oração, compartilhamos a palavra, fazemos uma atividade, entregamos cesta de verduras ou de alimentos secos, eles dão uma vez ao mês. E passamos também. [...] Tenho uma amiga em Vicente em Pires. De resto, tenho uma amiga que está no Peru, eu não tenho amiga brasileira que eu vá assim para casa dela para passar o dia, conversar um pouco, não tenho aqui.

Também presente na primeira entrevista aqui apresentada, com Carlos e Ana, está a importância de uma comunidade religiosa/espiritual que ajude a solidificar a adaptação ao novo país. A rede que ela conseguiu criar não só compartilha sua nacionalidade, mas também está localizada próxima à sua residência, o que facilita o contato regular com essas pessoas fora do ambiente familiar. Embora essa conexão com a cultura venezuelana não seja sempre expressiva, ela é mantida por meio das interações sociais com pessoas que compartilham aspectos dessa identidade. Esse contato permite que ela ative e mantenha sua identidade venezuelana por meio do pertencimento comum. Chegando nessa etapa, senti a abertura para perguntar mais sobre a questão do pertencimento, como se sente por ter vindo para cá, o Brasil. O relato de Luciana revela como ela percebeu, talvez pela primeira vez, uma mudança em sua forma de encarar a própria identidade nacional. Ao cruzar a fronteira, ela sentiu que, a partir daquele momento, sua nacionalidade começaria a ter importância nas interações com as pessoas e nos diferentes contextos em que se inserisse:

(Luciana) Difícil explicar... é como eu tivesse sentindo que era Venezuelana a partir dali, não que eu não sentisse antes, sou muito patriota com meu país, mas a gente não pensa muito nessas coisas quando tá dentro dele. [...] Ter um documento pra me lembrar que eu não tava mais no meu país me colocava mais como venezuelana... faz sentido?

Até aqui, não havia refletido sobre como o momento de lidar com documentos na fronteira física poderia despertar esse sentimento quando, mesmo que nada de negativo ocorra, a partir desse momento o papel te define; algo para o qual ninguém a preparou. O choque desse momento representou para Luciana que, a partir dali, ela se tornaria uma estrangeira, uma imigrante; pelas leis e pelo social, isso passa a defini-la.

Outro aspecto levantado nessa fala, além da marca de ser imigrante, é a identificação por Luciana das diferenças culturais entre o Brasil e a Venezuela. Essas diferenças a fizeram se ver como 'outra', distinta do que observava ao seu redor, apropriando-se do sentimento de alteridade para, também, criar suas próprias opiniões sobre essa nova cultura que se inseria.

Assim, a experiência de Luciana exemplifica como as migrantes vivenciam e atribuem significado ao processo de chegada a um novo lugar, apropriando-se do novo espaço, tomando e interpretando para si as questões que destoavam da sua realidade anterior, como, por exemplo, observar o comportamento das crianças no Brasil. Isso permitiu que ela percebesse outras diferenças culturais que a fizeram refletir como seria esse novo ambiente. Essas diferenças não se limitavam apenas aos hábitos e costumes, mas também à maneira como as crianças interagem e se expressavam, o que a fez experimentar um choque cultural consciente, perceptível de entender o porquê que aquilo a estranhava. Tomar posse da relação do estranhamento e da classificação do diferente como 'outro', traz certa base para Luciana de como lidar com essa mudança e como

encará-la. Ao chegarmos nesse momento, foi despertada a parte da sua história de vida que traz com mais detalhes a situação que viveram na Venezuela e que os parentes ainda enfrentam:

(Luciana) Na Venezuela a cada três meses tem uma bolsa de alimentos e era muito raro quando chegavam os frios, que são mortadela, frango ou carne. E aqui conseguimos ficar de cabeça tranquila, fresca, sem pensar “aí o que vamos comer? Não temos isso, não temos aquilo!”.

À medida que nos aproximávamos do fim da conversa, Luciana refletiu sobre o contexto que viveu em seu país de origem e de como essa trajetória influenciou sua vida pessoal. No contexto de sua realidade na Venezuela e agora aqui no Brasil, ela e sua família têm se esforçado para se capacitar, aprendendo novas línguas e, especialmente, indo atrás do seu sonho de se especializar em Marketing. Essa busca por capacitação mostra o quanto é central no seu planejamento futuro e uma forma de sair da condição trabalhista que se encontra no momento. Dessa forma, conversamos sobre o curso de Marketing que ela começou no Instituto Federal de Brasília (IFB), e Sofia, sua filha, tirou dúvidas comigo sobre o PAS, pois ela deseja estudar Letras na UnB.

Ao começarmos a encerrar a conversa, discutimos seus planos para o futuro e as oportunidades que Luciana já vislumbra em sua nova realidade no Brasil. Ela compartilhou um projeto que sonha em realizar com seu pai: abrir uma loja de comida para apresentar a culinária venezuelana aos brasileiros. Luciana acredita que, com as habilidades culinárias de seu pai e sua sogra, poderiam conquistar Brasília, especialmente porque muitas pessoas não têm tempo para jantar em casa e acabam comendo fora. O sonho de Luciana é garantir um futuro mais estável, para que outros integrantes de sua família possam vir e para sua filha, e talvez para futuros filhos ou netos, construindo um patrimônio ao longo dos anos. Para ela, é essencial pensar a longo prazo, em deixar algo valioso para as próximas gerações e sempre buscar aproximar mais a cultura venezuelana e as demais que a cercam por onde quer que passe.

Assim, neste momento de finalização da apresentação da história de Luciana e Sofia, é possível notar como, por mais que tenham apresentado acontecimentos e tópicos semelhantes às outras pessoas entrevistadas, é um novo contexto e é uma nova trajetória migratória. Apesar de serem as que há menos tempo residem no Brasil, Luciana trouxe à tona a perspectiva de como se sentiu ao se tornar imigrante, ser diferente e ser estrangeira. Desde a travessia da fronteira brasileira, seu relato revela como se surpreendeu ao perceber que, a partir daquele momento, sua origem importava e a classificava como diferente. Tendo nascido, crescido e vivido na Venezuela, ao passar pelos processos de documentação e legalização de sua mudança de país, passou a ser vista como imigrante, como estrangeira, assim como sua família. Esse tipo de sentimento, como ela mesma apontou, não é algo para o qual se é preparado ao iniciar o processo migratório. A rede de apoio presente em todas as entrevistas ajudou na preparação dessas pessoas, alertando-as para possíveis

choques culturais e situações que poderiam ocorrer devido à vulnerabilidade, mas não as prepararam para esse sentimento de desconexão.

Além desse momento inicial, Luciana também relatou experiências de desconforto e desajuste vivendo no Brasil, especialmente em situações nas quais as formas de encarar, e no caso narrado, ensinar as crianças, eram bastante diferentes daquelas em seu país de origem. Isso a destacou das pessoas ao seu redor, que perceberam que ela não compartilhava das mesmas práticas. Esses contextos foram marcados pela alteridade, em que a identificação do outro como diferente o excluía daquele ambiente e cultura. Infelizmente, sua trajetória também foi marcada por um episódio de xenofobia no contexto da educação infantil, em que sofreu insultos e discriminação por dificuldades de comunicação com as crianças devido à diferença linguística, o que levou sua supervisora a identificá-la como imigrante e a tratá-la com diversas ofensas associadas a essa estigmatização.

Esses eventos marcaram profundamente Luciana, que os considerou importantes para entender como enfrentou momentos em que a identidade se tornou uma questão central em seu processo migratório. Assim como nas outras histórias, Luciana e sua família também criaram uma rede de apoio e perceberam que já incorporaram um pouco das duas culturas com as quais convivem. Em suma, sua experiência reflete um esforço contínuo para proporcionar a Sofia, sua filha, um futuro com oportunidades e segurança, mesmo que isso exigisse enfrentar os desafios de adaptação e reconstrução de si mesma em um novo contexto. Ao longo dessa jornada, as questões de identidade surgiram de forma marcante, revelando não apenas como Luciana se viu transformada por esse processo, mas também como enfrentou os dilemas e as incertezas que acompanharam sua trajetória migratória.

Por fim, em cada entrevista, o objetivo de utilizar a metodologia de história de vida foi colocar sob a perspectiva das(os) entrevistadas(os) suas versões das histórias e interpretações de cada ocasião, buscando identificar nas narrativas como cada um(a) compreende suas experiências. Esses foram os principais achados que destaquei neste momento, observando como as(os) entrevistadas(os) mobilizaram determinados temas, a importância que davam a eles e como essas questões os impactavam. A partir da construção desse mapeamento geral e do aprofundamento sobre os elementos principais de cada história, foi possível realizar uma análise geral dos achados da pesquisa para começar a relacioná-los com o referencial teórico estudado. Com base nessa metodologia e no direcionamento realizado durante as entrevistas, solicitando que contassem suas histórias a partir do início do processo migratório e focando em momentos em que questões identitárias surgiram, foi possível perceber como cada uma dessas pessoas acessava experiências que revelavam elementos identitários e situações em que a questão da identidade nacional era acionada, questionada ou até mesmo transformada.

Dessa forma, a busca consistia em entender como cada entrevistada(o), com suas perspectivas migrantes, identifica os momentos em que a identidade se tornou uma questão, avaliando como cada um(a) lida, entende e interage com sua condição identitária como migrante, como isso as(os) afeta, envolve em questionamentos de pertencimento, é negociado, e, finalmente, compreender, por meio de seus relatos, as dinâmicas identitárias que emergem dessa experiência. Esse momento será desenvolvido a seguir.

### **3.4 Entrelaçando as histórias de vida**

Ao analisar o material coletado nas entrevistas e estudar as particularidades de cada uma dentre as histórias de vida, tornou-se possível compreender como, em cada trajetória, a migração se envolve com as dinâmicas de identificação. Em cada contexto, é evidente que a metodologia adotada revela a percepção que as(os) entrevistadas(os) têm de suas próprias trajetórias, incluindo eventos e sentimentos que marcaram seu percurso migratório e como enxergam suas histórias migratórias. Ao delimitar que o relato começasse no início do processo migratório, a pesquisa enfatizou sua intenção central: compreender como a migração se apresenta na vida dessas pessoas, como é vivida e pensada, os desafios e descobertas que ela implica e, especialmente, entender os momentos em que a questão identitária se manifesta em suas histórias.

Refletir sobre identificação no contexto migratório é, em si, um desafio. Como explorar questões de classificação e identidade em pessoas cujas trajetórias incluem uma transição não só física, mas também cultural, que as influencia profundamente? O estudo da(s) identidade(s) na migração exige um entendimento contextual e um mapeamento das trajetórias, entender por quais experiências passou, por quanto tempo, as relações sociais estabelecidas para então alcançar o lado dinâmico da identidade. Com isso em mente, esta seção do trabalho buscará conectar as histórias ouvidas com o que foi estudado sobre migração e identidade, interpretando os momentos em que as questões identitárias emergem nas narrativas de vida.

Durante as entrevistas, foi possível identificar elementos recorrentes nas narrativas das(os) participantes. Apesar das particularidades de cada história, todas mencionaram aspectos que consideravam essenciais para ilustrar suas trajetórias migratórias. Assim, entre os pontos de similaridade destacados, foi mencionada a conexão com o país de origem e a forma como conseguem manter esse vínculo, mesmo vivendo em outro país e em uma cultura diferente.

Desde o início, ao incorporarem esses elementos em suas histórias e destacarem sua importância, já era possível observar a primeira característica analisada na construção identitária: a similaridade. Essa semelhança, fundamentada principalmente em uma origem cultural compartilhada, contribui para a noção de pertencimento a um lugar, a um grupo social. Quando nos reconhecemos em características comuns com os outros ao nosso redor, isso gera um sentimento de

conexão com o grupo e se desenvolve para uma relação de pertencimento, em que aquele lugar e aquele social tornam-se parte de quem você é. Entretanto, ao se encontrar em um contexto social novo, no qual essas similaridades não estão mais presentes, torna-se necessário reafirmar essa conexão de outras formas. Esse esforço, ao buscar manter o vínculo com o local de origem, com sua nacionalidade e com o país, mesmo à distância, sustenta as construções identitárias dessas e desses migrantes e, no caso, foi perceptível a presença desse elemento em um tópico que foi citado por todas as pessoas: a comida.

Durante a conversa com Carlos e Ana, o casal apresentou os principais eventos que marcaram suas vidas após se tornarem imigrantes. Ao compartilharem aspectos importantes de suas vidas no momento, notei como a alimentação desempenha um papel significativo ao me apresentarem diversas comidas típicas venezuelanas durante a conversa. O fato de conseguirem preparar pratos típicos da Venezuela, ter acesso aos ingredientes necessários e compartilhar esses produtos com outros venezuelanos residentes na cidade, proporciona-lhes grande conforto diante da situação em que se encontram, algo familiar em que podem acessar um contexto em que tudo um dia foi diferente.

Cada vez que apresentavam aspectos específicos de sua cultura de origem, sua identidade era acionada. A limonada de rapadura, assim como outras comidas que compartilhamos naquele momento, são venezuelanas, e ao consumi-las, somos – simbolicamente – transportados para lá. A conexão cultural por meio dos costumes e da comida era evidente. Além disso, Carlos e Ana mostravam um cuidado especial em trazer ingredientes, comercializar esses produtos aqui e garantir que sempre pudessem fazer essas comidas, independentemente de onde estivessem, permitindo-lhes acessar seu país de origem em um novo lugar. Dessa maneira, sua cultura de origem pode estar presente no seu dia a dia e então pode ser continuada e praticada por onde estiverem.

Já na história de Adriana, essa preocupação em acessar sua identidade venezuelana no cotidiano brasileiro também se manifesta por meio das comidas típicas da Venezuela. A memória e o sentimento em torno dos pratos tradicionais venezuelanos estão presentes, como observado nas outras entrevistas, mas aqui se expressam pelo medo de não ter acesso e de não praticar sua cultura nativa. A questão da lealdade destaca-se quando Adriana expressa seu espanto ao perceber que não estava preparando *hallacas* ou outras comidas típicas venezuelanas em sua casa no Natal. Para ela, cozinhar vai além da alimentação; é algo que a conecta, transportando-a sem sair do lugar para momentos em família, quando todos preparavam comidas típicas e sentiam um pertencimento ao realizar algo tradicional daquela cultura. Pertencer ao que é comum e tradicional na comunidade nos conecta a uma cultura ou nação (Heidegger, 2018). O que poderia ser mais próximo das nossas definições como ser do que aquilo que nos aproxima do que sentimos pertencimento? Ao não fazer



comidas típicas venezuelanas, Adriana sente um rompimento com a cultura venezuelana por não praticar algo comum que a define como venezuelana.

No momento de conversa com Luciana e Sofia, o mesmo sentimento de busca de conectividade com suas culturas de origem também esteve presente. Por mais que a família de Luciana estivesse há menos tempo no Brasil do que o restante das pessoas entrevistadas, a sua casa já era rica de elementos que as transportavam para a Venezuela, nos ingredientes, nas prateleiras, na forma de pensar a cozinha e até em como preparam seu café. Ali, havia um pedaço da Venezuela em um endereço brasileiro.

Essa conexão com a cultura de origem também se manifesta no âmbito social, por meio da construção de redes de apoio. Tanto Carlos e Ana quanto Luciana relataram a importância dessas redes na facilitação do processo migratório e na garantia de uma recepção em um ambiente no qual não se sentissem completamente deslocadas(os). A fala de Ana, por exemplo, revela a solidariedade existente entre venezuelanas(os) em Brasília, que se apoiam mutuamente para preservar seus laços culturais e fortalecer suas identidades em um novo contexto:

(Ana) Aqui perto nós tem muitos Venezuelanos, minha filha com seu esposo no outro bloco. A família de Luciana, e tem muitos cubanos e colombianos também. No prédio no final da rua tem duas famílias de venezuelanos. Conhecemos muitas pessoas por aqui. Aqui na Ceilândia, mas bem perto daqui temos 5 famílias venezuelanas.

A questão de morar próximo e da demonstração de um mapeamento de onde estão localizados outros venezuelanos na cidade também agrega na questão de existir um acesso de suas identidades nacionais por meio de laços com as pessoas que compartilham dessa mesma identificação.

Para Adriana, por sua vez, a rede de apoio se estabeleceu a partir da família de seu marido, proporcionando-lhe a segurança necessária para se adaptar à nova realidade. Esses relatos refletem o conceito de transmigração, em que migrantes mantêm vínculos múltiplos e constantes entre diferentes territórios, atravessando as fronteiras do Estado-nação (Glick-Schiller *et al.*, 2019). A identidade cultural, construída por meio dessas conexões e influências, não apenas atravessa as fronteiras, mas também afeta o contexto das nacionalidades envolvidas.

A rede descrita por Ana e Carlos também revela uma constante troca de contato com pessoas que permanecem na Venezuela – sejam familiares, amigos ou indivíduos que demonstram interesse em migrar. Nesse contexto, evidencia-se o transnacionalismo, uma dinâmica identitária que, ao ser analisada sob a perspectiva da construção por similaridade no contexto migratório, apresenta relações que atravessam fronteiras e criam um espaço comum, conectando as pessoas que ficam às que partem (Carreiro, 2007). Os laços estabelecidos tanto nos países de imigração quanto nos de emigração configuram um processo em que as(os) migrantes constroem campos sociais

transnacionais. Por meio de suas atividades econômicas, sociais, políticas e culturais cotidianas, mantêm conexões significativas com aqueles com quem compartilham a identidade (Dutra, 2013).

(Ana) O contato também vem da Venezuela, das pessoas que ainda estão e que ficaram. Às vezes fica difícil porque a internet de lá é muito ruim, aí pode ter complicações. Às vezes as pessoas ficam até 15 dias sem luz, sem luz, sem internet. Às vezes cai 3 vezes no dia, vai e volta várias vezes, isso dificulta muito a comunicação. Mas sempre estamos em contato com a família, a mãe de Carlos está lá, a irmã mais nova dele também. Temos netos lá, então é assim. O povo venezuelano espalhou.

Aqui, o transnacionalismo ilustra como as relações que atravessam fronteiras geram uma comunidade entre as pessoas que ficam e aquelas que vão e como essa troca pode gerar transformações do outro lado da ligação (Carreiro, 2007). Apesar da distância física, os meios de comunicação e transporte permitem uma conexão contínua, estabelecendo múltiplas linhas para a construção identitária dos migrantes.

Ainda analisando a história de Ana e Carlos, há um elemento único em suas narrativas ao se pensar os aspectos transnacionais mencionados por eles. Para além da rede de apoio de Venezuelanos que se estabeleceram em Brasília e do contato com família e amigos que residem na Venezuela, Ana ressalta que também há uma conexão religiosa em sua história:

(Ana) Eu pertenço a uma comunidade religiosa, eu sou testemunha de Jeová, e tanto lá como aqui é como se fosse nossa família. Sim, tem em todo canto. Geralmente eu não estou frequentando muito porque eu estou cuidando da minha mãe. Mas eu estou participando de toda reunião pelo Zoom. Eu via no computador, mas agora eu estou fazendo pelo celular. Eles vêm aqui visitam a minha mãe, falam com ela... essas coisas. Tem outros venezuelanos que são testemunha também, por exemplo tem minha filha e seu esposo... tem muitos, têm cubanos...

Além de se conectar com a rede venezuelana já existente aqui, Ana trouxe consigo a base de sua religião, também conseguindo formar e frequentar um grupo religioso. A presença de venezuelanos frequentando sua comunidade religiosa proporciona uma troca que vai além das remessas materiais; há uma troca cultural no âmbito do grupo religioso entre os países e apresenta uma continuidade que se liga ao familiar de seu país de origem. Para considerar uma característica transnacional, é necessário pensar não apenas na conexão além das nações, mas também nas trocas que ocorrem e na influência que essa rede pode exercer nos países e culturas envolvidos, como no caso do grupo de Testemunhas de Jeová de Ana.

Outro aspecto relevante é a questão das remessas de dinheiro, um fenômeno de transnacionalismo econômico mencionado por todas as pessoas entrevistadas. As remessas enviadas para familiares e amigos no país de origem representam uma forma de influência direta sobre o cenário social e econômico do outro lado da fronteira. Ao pensar esse aspecto nas histórias contadas, Adriana destaca que consegue acessar seus dois lados mantendo contato diário com sua rede familiar, tanto de modo sentimental como também influenciando o outro país por meio das remessas de dinheiro para ajudar a família na Venezuela.

As atividades econômicas, como o envio de remessas financeiras a familiares e amigos no país de origem, representam uma forma recorrente de transnacionalismo nas trajetórias migratórias. Em contextos nos quais o deslocamento ocorreu em busca de melhores condições de vida, devido à falta de recursos básicos ou à fuga de cenários marcados pela violação de direitos humanos, o envio de dinheiro assume um papel central. Essa prática frequentemente é esperada tanto pelos migrantes quanto pelos familiares que permanecem no país de origem. Embora essa interação não atravesse fronteiras nacionais da mesma forma que as relações sociais entre migrantes e seus contatos nos países de origem e destino, ela é fortalecida pelo impacto transformador que exerce nas vidas envolvidas. O auxílio proporcionado por essas remessas tem um efeito significativo sobre as famílias e amigos que ficaram, criando assim uma conexão agora econômica com o país de origem, que reforça os vínculos entre os indivíduos inseridos nesse fluxo de trocas, promovendo suporte e transformação.

No decorrer das entrevistas, ao abarcar os aspectos de trocas econômicas entre os dois países, Carlos relatou uma forma diferenciada que ele possui de se conectar com a Venezuela em questão de remessas de dinheiro. Para além de relatar que tanto ele quanto Ana enviam remessas a familiares que residem na Venezuela, Carlos mencionou um fluxo inverso de transações econômicas, algo que eu ainda não havia considerado:

(Carlos) Como te falo, eu sou TI e estava precisando. Na Venezuela tem um supermercado que eu fiz o programa e o programa ficou lá no supermercado e eu sempre fazia serviço para eles. Ele é um supermercado grande e eu fiz um programa que controlava e que ainda controla o estoque, pagamentos, tudo isso. E ainda dou serviço para eles. Então eles me davam dinheiro duas vezes por ano pra ficar ligado com eles. Eles não conseguiam me pagar como deveriam porque a moeda está desvalorizada. Então a situação era que nem o supermercado estava conseguindo me pagar e não posso cobrar deles como antes também. Então eles juntam de 3 a 4 meses e me mandam.

Ao mencionar esse tipo de trabalho, mesmo sem receber a quantia merecida, ele trouxe à tona a questão do transnacionalismo no aspecto de remessas de dinheiro. No caso de Carlos, o fluxo monetário acontece ao manter um vínculo com a Venezuela que ainda ajuda em sua sobrevivência no Brasil. Embora a situação econômica da Venezuela não tenha mudado e Carlos tenha outros trabalhos aqui no Brasil, ele consegue manter esse tipo de vínculo, construindo uma relação trabalhista com seu país de origem no sentido inverso do que normalmente se observa. Esse acordo permite a Carlos manter uma ligação com a Venezuela na esfera do trabalho.

Por fim, a questão das associações, conforme trazida por Carreiro (2007), também merece atenção. As “ligações sociais e simbólicas” permitem que comunidades dispersas geograficamente formem coletivos de ação com bases e significados comuns. No contexto migratório, as associações assumem um papel fundamental na manutenção e perpetuação da cultura da comunidade imigrante, além de promover a inserção e integração dos imigrantes na sociedade de acolhimento. Nesse aspecto, Carlos e Ana relataram a importância de grupos organizados, como o grupo de *WhatsApp*

em que participam ativamente, que compartilham elementos da cultura venezuelana, reforçando suas identidades nacionais por meio de uma rede de apoio social e cultural.

(Ana) Como estou falando, conhecemos muitos brasileiros legais de mão aberta, por exemplo, tinha muitos querendo ajudar com cesta básica. Então, nós elaboramos uma lista e entregamos para os venezuelanos que precisam. Temos uma amiga venezuelana que tem uma ONG que ajuda muito os migrantes, muitos. Ela é venezuelana mas ela tem muito tempo aqui, e ela ajuda não só venezuelanos, mas cubanos, nigerianos...

(Carlos) Nisso de nos encontrar, tentamos unir esse povo venezuelano uma vez por ano lá no Parque da Cidade. Aconteceu quase todo ano, normalmente um piquenique organizado no grupo de Whatsapp. O último foi no Parque da Cidade, mas agora estamos pensando em fazer em São Sebastião para ficar mais próximo da maioria dos venezuelanos. Estamos em vários grupos de contatos de venezuelanos, mas só uma vez por ano que a gente pode se encontrar porque todo mundo tá ocupado.

Essa construção pode ser observada também no âmbito de uma rede de assistência. À medida que os primeiros grupos de migrantes se deslocam, eles começam a estabelecer conexões interpessoais que aumentam as chances de novos migrantes que chegam posteriormente reduzirem os custos e os riscos da migração. Essas redes funcionam como canais de informação e oferecem suporte de diversas maneiras, diminuindo não apenas os gastos financeiros, mas também a incerteza enfrentada por quem acabou de chegar.

As diversas redes de conexão criadas por um migrante, ao traçar e estabelecer caminhos, tornam o processo migratório mais acessível e seguro para outros que desejam seguir o mesmo percurso (Sasaki; Assis, 2000). Dessa forma, um fluxo migratório pode se consolidar em um destino específico com base nas conexões previamente estabelecidas (Dutra, 2013). A ponte criada por quem já está no país de destino, mas mantém vínculos com o país de origem, viabiliza que outros realizem o mesmo movimento. Esse suporte é fortalecido pelo compartilhamento de elementos culturais, criando um ambiente de acolhimento e apoio em um novo local.

No cotidiano de um(a) migrante, a identidade passa por constantes transformações e contestações, mas também há momentos de aproximação. Ao entender como a dinâmica transnacional rompe a ideia de nação, acionando uma nacionalidade a partir de ligações sociais e não pela presença física no local, percebe-se a importância da existência desse grupo em que os entrevistados participam e do constante contato que possuem com quem está na Venezuela. Não só pelas associações de grupos organizados migratórios, mas também por diversos outros elementos que os conectam à Venezuela habitando um outro país, como as práticas culinárias, o contato social entre as pessoas que ficaram e o vínculo econômico. Para quem teve de sair de seu país de origem, conseguir “voltar” a ele sem sair do lugar oferece um conforto, possibilitando a identificação com uma cultura mesmo sem estar fisicamente em seu lugar de origem.

O transnacionalismo, portanto, vai além da dimensão econômica, desafiando a noção tradicional de fronteiras territoriais ao considerar as redes e agentes que as atravessam. Essas

conexões permitem que migrantes mantenham e ativem suas identidades culturais, preservando-as e manifestando-as mesmo em novos contextos geográficos. Essa prática reflete a continuidade da conexão cultural além das fronteiras nacionais, reafirmando a complexidade e a dinamicidade do processo de construção identitária no contexto migratório. Ao fortalecer o vínculo com o país de origem, os migrantes reafirmam um pertencimento comum que sustenta suas identidades em meio à transição e à adaptação a novas realidades.

Dessa forma, a possibilidade de aproximação com quem está do outro lado de uma fronteira, e o vínculo com a cultura de origem, sobretudo por meio da dinâmica transnacional e suas diversas formas de interação, fortalece a identificação por similaridade. O reconhecimento mútuo, baseado nas características culturais compartilhadas, e o fato de ser classificado por outros como pertencente ao mesmo grupo, promovem o vínculo de identificação. Essa conexão também ocorre no contato direto com pessoas e aspectos culturais do país natal, permitindo que a(o) migrante se identifique e seja identificada como parte do grupo e da cultura sem estar fisicamente presente naquele país.

Dando continuidade à análise das histórias de vida, é importante abordar outra forma de pensar a identificação anteriormente estudada, agora por meio da diferença. Embora, no cotidiano, frequentemente nos conectamos a pessoas e grupos que compartilham características semelhantes de comportamentos e pensamentos, há ainda interações marcadas por momentos de diferenciação, estranhamento ou choque ao encontrar alguém distinto de nós. Ao destacar o outro por suas diferenças, a identificação se constrói no contraste, não apenas classificando a outra pessoa, mas também definindo a nós, ou seja, uma relação em que nos compreendemos a partir da diferença em relação ao outro. Nesse contexto, a identidade se manifesta por meio de delimitações que distinguem quem pertence e quem não pertence, quem está incluído e quem está excluído, baseado em parâmetros que surgem ao experienciar esse choque. Afirmar uma identidade, nesse processo, ocorre ao traçar limites e atribuir características que definem os que fazem parte do grupo e os que permanecem fora dele, ressaltando as diferenças que resultam nessa separação (Silva, 2014).

Ao refletir sobre esse momento de choque, remete-se à origem da experiência migratória, marcada pela chegada e pelo início da vivência no país de destino. Focando nessa etapa, o encontro entre diferenças emerge como elemento central nas histórias contadas pelas(os) entrevistadas(os), revelando as dificuldades que esse período representa, especialmente devido ao contraste cultural. As dificuldades de adaptação linguística, somadas aos desafios financeiros e à (falta de) inserção no mercado de trabalho, aparecem com frequência nos relatos, evidenciando como o processo migratório é permeado por situações de vulnerabilidade e incertezas, em que questões fundamentais para se estabelecer e viver com dignidade nesse novo país, muitas vezes, não estão garantidas:

(Carlos) A gente sofre a adaptação mas às vezes é interessante estudar como que a gente consegue se adaptar à cultura que não é igual, é parecida. Então esse choque cerebral se

pensa quando vai aprender uma nova língua que você acha que domina, mas não. Já fizemos várias, a gente fez várias aulas de português, português para imigrantes de graça.

(Luciana) E bom, viemos para cá e graças a Deus ela [Sofia] se adaptou rápido a escola, seus companheiros e seus professores. Quando meu esposo chegou ele começou a trabalhar em uma loja, no dia a dia, e isso durou 3 meses porque ele é engenheiro geólogo e fora isso ele tem conhecimento como professor.

Aqui e em diversos momentos durante as histórias de vida, torna-se evidente a presença de dificuldades e desafios relacionados à adaptação à nova cultura e ao novo país. A busca constante por aulas de português e o desencaixe causado pela barreira linguística refletem a urgência relatada pelas(os) entrevistadas(os) em aprender a língua local para se integrarem e viverem com maior autonomia. Além disso, há as dificuldades enfrentadas no âmbito do mercado de trabalho que retratam obstáculos para a validação de suas formações acadêmicas e profissionais. A falta de um sistema eficiente e acessível no Brasil para o reconhecimento de qualificações torna esse processo complexo e oneroso, exigindo que as migrantes se reinventem constantemente, assumindo assim diferentes ocupações e buscando capacitações para melhorar suas condições de vida, garantindo o sustento próprio e de suas famílias, mesmo em meio a constantes adversidades.

Ao aprofundar as dificuldades enfrentadas pelas(os) migrantes nessa nova realidade em que agora vivem, percebe-se a presença de momentos de estranhamento, tanto por parte das(os) entrevistadas(os) em relação à nova cultura, quanto das pessoas ao seu redor, que notam diferenças em seus comportamentos e interações. Esses choques culturais, intrinsecamente ligados ao processo migratório, afetam ambas as partes: para quem migra e para os habitantes locais do país de destino. Seja em interações cotidianas, como conversas nas ruas, ou na exposição a comportamentos novos e inesperados, esses eventos confirmam as diferenças culturais e provocam uma sensação mútua de desconexão.

Por meio dos textos *Outsiders* (Becker, 2008 [1965]) e o *O estrangeiro* (Simmel, 1983 [1908]), é possível pensar ferramentas para compreender essas interações e os impactos do choque cultural na identidade. Esses textos apresentam experiências de pessoas que não se encaixam em sua totalidade com o grupo no qual se encontram inseridas e, por fugirem do comum, são colocadas em evidência nessa diferença. Ao voltar para as entrevistas, há eventos como olhares ao falar espanhol no supermercado, dificuldades para navegar a cidade, diferenças nas vestimentas em comparação ao entorno, e episódios de estranhamento diante de situações nunca antes vivenciadas. Embora existam pontos de convergência que possibilitem interação e adaptação por meio de similaridades gerais, características específicas relacionadas à origem, raça e socializações iniciais (Simmel, 1983 [1908]) são frequentemente destoantes e então manifestadas como diferentes dos demais.

(Carlos) Há aquelas pessoas que têm preconceito, e outras que não. Aqui a maioria não. No cotidiano recebemos mais simpatias, mas às vezes falam: Ah mas você tem sotaque, de onde você é?

Conforme exemplificado na fala anterior de Carlos, ao destoar do que é considerado aceitável pelos padrões praticados pelo grupo em questão, tornam-se evidentes os traços e ações que o identificam como diferente, intensificando a sensação de estar “fora de casa”. Essa dinâmica ocorre por meio do apontamento e da classificação atribuídos pelos outros, que constroem uma representação do que o indivíduo pode ser. No contexto dessa relação de classificação por meio da alteridade, destaca-se o momento em que a representação imposta resulta em uma imagem marcada por estereótipos e características estigmatizantes, dependendo do papel atribuído pelos demais. Ao desviar dos comportamentos aceitos ou dos padrões praticados pelo grupo, a apresentação de forma incomum pode levar ao isolamento dessas pessoas, afastando-as para as margens da comunidade (Becker, 2008 [1965]). A depender da imagem em que são classificadas, essas características carregadas de preconceitos e pré-noções acabam por identificá-las e marcá-las.

Ao analisar essa dinâmica identitária no contexto migratório, torna-se evidente como a condição de ser migrante é construída no imaginário das pessoas do país de destino, neste caso, o Brasil. A maneira como a mídia retrata o fenômeno migratório, como as leis definem e classificam migrantes, refugiados e estrangeiros, e a vinculação desse tema à segurança nacional moldam uma visão preconcebida sobre migração e migrantes. Essa construção, carregada de estereótipos, frequentemente associa o migrante a ideias de ameaça, violência e rejeição. Essa realidade estabelece uma fronteira entre o que seria o “nós” e “eles” (Dutra, 2013), criando categorias fixas sobre o que é considerado aceitável ou não e, no caso, cria uma relação de pertencimento nacional onde há os que são daqui e os que não são. Esse processo de identificação, que divide, categoriza e rotula o outro com base em elementos que o diferenciam, também estabelece uma hierarquia, fazendo com que aqueles que classificam e impõem definições identitárias detenham privilégios, estabelecendo um poder que exclui os classificados (Hall, 2014). A definição do que é aceitável, desejável e natural depende intrinsecamente daquilo que é considerado abjeto, rejeitável ou desviante (Silva, 2014), reforçando relações preconceituosas e discriminatórias que emergem dessas construções binárias.

Nesse escopo, as histórias de vida relataram momentos em que a dinâmica identitária de marca e classificação pela diferença estiveram presentes. A percepção da diferença cultural entre elas e os outros resultou em momentos de discriminação que as marcaram e as definiram, como aquele narrado por Luciana. Sentir-se diferente dos outros, especialmente quando a própria presença provoca estranhamento, é uma experiência marcante (Dutra, 2013). Esse estranhamento, vivido por Luciana ao ser vista como “outra”, intensifica-se ao enfrentar um novo ambiente em outro país.

Segundo Dutra (2013), os processos identitários de pessoas imigrantes são moldados pelas classificações e rótulos atribuídos por outros, criando representações que condicionam a percepção de como esses indivíduos são vistos no novo contexto. Essa dinâmica é explorada também por Erving Goffman, em *Estigma* (2008 [1988]), que destaca como a chegada a um novo espaço pode ser acompanhada pela rotulação de “estranho” para quem observa, e a sensação de deslocamento, de estar “fora de casa”, para quem é alvo desse tratamento.

Em outros relatos das(os) entrevistadas(os), é reforçado como a formação identitária por meio da diferença é especialmente evidente no contexto migratório. A experiência de Luciana exemplifica como a alteridade está no cerne da trajetória migratória, refletindo um jogo de definições que afeta particularmente os migrantes. A afirmação da identidade e a marcação da diferença envolvem processos de inclusão e exclusão, frequentemente resultando em preconceito, xenofobia e discriminação. Assim, a vivência de Luciana demonstra como o estigma e a xenofobia acompanham, infelizmente, a história de vida dos migrantes, tornando-os mais vulneráveis a momentos de estranhamento e desencaixe.

Ainda durante a entrevista de Luciana, ela relatou um momento significativo em que percebeu que sua compreensão sobre pertencimento e a forma como seria vista haviam mudado. A travessia da fronteira marcou esse ponto de transformação, onde sua origem e a cultura que a acompanhou ao longo da vida passaram a ser determinantes, tanto na forma como era classificada pelas pessoas ao seu redor quanto na forma documental:

(Luciana) Sabe, agora pensando sobre isso que você tá estudando, quando a gente chegou em Pacaraima e entrou em fila para fazer documentações foi que eu senti.

(Eu) Poderia me explicar melhor o que você sentiu?

(Luciana) Difícil explicar... é como eu tivesse sentindo que era venezuelana a partir dali, não que eu não sentisse antes sou muito patriota com meu país, mas a gente não pensa muito nessas coisas quando tá dentro dele.

(Eu) Você sentiu que estava sendo definida como venezuelana pela primeira vez?

(Luciana) Acho que foi. Ter um documento pra me lembrar que eu não tava mais no meu país me colocava mais como venezuelana... faz sentido? Ontem eu estava falando com minha amiga da Venezuela, e ela estava contando que tem uma irmã que quer se mudar para cá com seu sobrinho, mas ela disse que “me dá medo deles se mudarem para outro país e tudo mais” e eu disse “bom, eu estou aqui quando tomarem a decisão em família que vão para Brasília, e vou te chamar para que me explique os passos para ir para aí. O primeiro que tem que ter são os papéis para passar da fronteira, com isso já, dependendo de onde vai, se tem um conhecido, um familiar em qualquer parte do Brasil, mandam para lá, se não tem e não tem dinheiro suficiente para refugiar, eles facilitam trabalho, passagem, aluguel...” Mas é difícil explicar essa outra parte, não é ruim, só não esperava eu acho. Quando a gente tem medo de ir para outro país os medos vem de alguém nos machucar, xingar, nos impedir, como aconteceu na creche, mas também tem esse medo de ser essa imagem do estrangeiro. A gente lê o que as pessoas acham disso, a gente vê gente tratando mal estrangeiros, lá na Venezuela também, mas por mais que não aconteça nada de ruim, a partir desse momento do papel você se torna um, isso ninguém tinha me preparado.



Nesse momento, me dei conta de que não havia refletido sobre como o momento de lidar com a fronteira física entre os dois países poderia despertar esse sentimento de definição por meio do documento, algo para o qual ninguém também a preparou. O choque que esse momento representou para Luciana mostrou que, a partir dali, ela se tornaria uma estrangeira, uma imigrante; pelas leis e pelo social, isso passa a lhe definir. Assim, percebe-se como a dinâmica identitária de marca está presente na trajetória de vida dos migrantes, evidenciando que a classificação do outro também atua como um processo de construção identitária. Essa dinâmica não apenas molda a experiência de pertencimento, mas também determina os papéis sociais e as oportunidades acessíveis, frequentemente resultando em exclusão, estigmatização e preconceito, que impactam profundamente as trajetórias migratórias. Essas diferenças a fizeram se ver como ‘outra’, distinta do que observava ao seu redor, mas também torna possível apropriar-se do sentimento de alteridade para, então, criar suas próprias opiniões sobre essa nova cultura que se inseria. A necessidade de adaptação a esses novos contextos, a importância de entender esse momento que ela nem havia imaginado antes se tornou crucial.

Ainda no âmbito da análise das formas de identificação baseadas na marca e na caracterização do outro, torna-se possível refletir não apenas sobre o movimento identitário de inserção em uma nova cultura, mas também sobre o choque de retornar ao país de origem após um período de vivência em outro. Esse estranhamento pode se manifestar no retorno, como retratado no relato de Adriana, que, ao voltar à Venezuela, foi identificada como brasileira, enquanto a filha dela era lida como venezuelana. Esse exemplo ilustra como a condição dual de sua identidade a torna suscetível a diferentes classificações nacionais, dependendo de quem a observa.

Ao não reconhecerem Adriana como semelhante, os venezuelanos realçaram aspectos que a diferenciavam, classificando-a como “a outra”, a brasileira. Elementos como vestimenta, sotaque e comportamento — aspectos cotidianos que refletem suas vivências — denunciaram a presença de múltiplas influências em sua história. Assim, sua identidade passou a ser marcada por um pertencimento que variava conforme o contexto, dependendo de com quem interagira ou em que país se encontrava. A história de Adriana exemplifica como, ao retornar à Venezuela para visitar familiares, foi percebida como estranha por pessoas de sua cultura de origem, que notaram traços que ultrapassavam aquela referência cultural. Sua vivência no Brasil adicionou novas características ao seu modo de ser, influenciando sua interação com os demais. Embora suas socializações primárias tenham ocorrido em seu país natal, onde compartilhou a cultura venezuelana durante a infância e adolescência, seu tempo no Brasil trouxe mudanças significativas em sua forma de viver, o que impactou como era percebida ao retornar.

Novamente, essa experiência pode ser compreendida por meio do conceito de “estrangeiro” de Simmel (1983 [1908]), que evidencia a condição de estar simultaneamente próximo e distante do grupo ao redor. Apesar de compartilhar alguns elementos em comum com o grupo, o estrangeiro carrega traços que o colocam além dele — no caso de Adriana, as características que a identificam como brasileira. Inserida em sistemas que constantemente a classificam e lhe atribuem papéis e marcas, Adriana vive uma condição paradoxal: na Venezuela, sua cultura de origem, não é (mais) plenamente reconhecida como pertencente, e, no Brasil, também não é vista como parte integral daquele lugar. Dessa forma, até o momento, observa-se a identificação sob a perspectiva da imposição e classificação externas que trabalha em cima de uma dicotomia/binarismo entre pertencer ou não àquelas cultura e/ou nacionalidade. Contudo, a partir do momento que se adentra essa nova forma de interação, surgiram os questionamentos: como as pessoas inseridas nesse sistema se percebem? Como se identificam ao navegarem os meandros dessas divisões, sendo submetidas a diversas classificações?

Aqui é possível avançar um terceiro momento, um cenário que revela uma perspectiva identitária distinta das outras já mencionadas. Ao seguir esse caminho investigativo, foi observado como as pessoas assumem diferentes papéis, marcas e representações conforme o contexto e as interações que estabelecem, mostrando uma possibilidade de transformar algo que parece fixo e imutável para um caráter dinâmico e múltiplo. Ao possuir mais de uma identificação essas pessoas transitam entre identidades que as habitam e constituem. Essa condição traz, em sua essência, um choque e uma tensão entre várias categorias de identificação que, ao ser analisada no contexto dessa miríade de influências, não se fixa; uma manifestação que tem a possibilidade de ser transitória e fluida (Anzaldúa, 2005 [1987]). Dessa forma, agora direciono a análise para essa outra forma de identificação que, como abordado no capítulo anterior, foi tratada enquanto dinâmica identitária “fronteiriça” e será empregada para compreender os momentos das histórias de vida em que esse tipo de identificação esteve presente.

A partir da análise bibliográfica baseada nos textos de Gloria Anzaldúa (2005 [1987]), juntamente com os relatos das(os) entrevistadas(os), destaca-se como a mudança de país pode gerar sentimentos de desconexão entre as culturas vivenciadas. Ao explorar os impactos das múltiplas influências na vida da pessoa migrante, surgem questões relacionadas ao pertencimento, à incerteza quanto à lealdade nacional e à coletividade, refletindo a complexidade das relações sociais e culturais que moldam essas experiências. A jornada migratória insere esses indivíduos em um trânsito constante e multifacetado que, além de apresentar os desafios próprios da migração, influencia diretamente sua identificação. Como evidenciado nos relatos das entrevistas, essa vivência pode ser percebida como um conflito interno e externo, durante o qual múltiplas influências levam a uma sensação de falta de pertencimento pleno a nenhuma identidade ou

nacionalidade. Segundo Anzaldúa, em qualquer lugar em que estejam, o ajuste e a identificação com o grupo ao redor permanecem incompletos. Assim, essa dinâmica identitária foi expressa em diversas falas das(os) entrevistadas(os), revelando as múltiplas formas pelas quais esse tipo de identificação pode se manifestar:

(Carlos) O sentimento fica meio misturado, todo dia a gente acessa as duas, sempre aprendendo...

(Ana) Entre nós a gente sempre fala que está nascendo uma nova cultura, porque a integração do Brasil com a Venezuela, não só o jeito de falar portunhol né? Os costumes estão se mesclando porque muitas pessoas solteiras vem para cá e se casam com os brasileiros, aí tem uma mesclagem das culturas, novo idioma, novos costumes, de tudo... ainda mais quando se tem um filho aqui.

Ao me deparar com essa fala de Carlos, transparece o aspecto da mistura cultural que viveu no âmbito do movimento migratório. Quando duas ou mais culturas se entrecruzam, quando pessoas de raças, culturas, nacionalidades diferentes ocupam o mesmo espaço físico, o mesmo território, o choque expressa a existência de um espaço, localizado entre o aquilo e o outro, um lugar de fronteira entre as identidades nacionais fixas em que é possível perceber o resultado de uma mistura, uma terceira identidade (Anzaldúa, 2005 [1987]). Essa resultante pode se manifestar em forma de ter a possibilidade de acionar influências diferentes, se conectar com as culturas que conviveu por conta da mescla de idiomas, costumes, formas de viver (Simmel, 1983 [1908]).

Esse choque pode acontecer em decorrência do próprio movimento físico de transitar entre nações e culturas e de viver em diferentes lugares que vão transformando as suas definições. Entretanto, esse choque também pode aparecer pela denúncia de não estar ocupando as definições pré estabelecidas, evidenciando aos outros que há um choque cultural dentro de você. No caso, por ser venezuelano imigrante no Brasil, casado com uma brasileira e que agora com membros da família que nasceram no Brasil (seus netos), diferentes culturas se chocam ao manifestar sua identidade. Em um cenário em que se pode ser os dois, assumir ambas (ou mais), ou de se encontrar em uma condição de fronteira, torna possível perceber como todas as definições identitárias que perpassou conseguem resultar em uma mistura, trazendo elementos das duas nacionalidades envolvidas para seu cotidiano, criando ambientes em que as duas culturas não se encontram completamente separadas.

“Sou venezuelana morando no Brasil [...] sou fruto dessa vivência aqui também. Sou o que sou” (Ana). Esse momento revela como o casal percebe a identidade no processo migratório. Destacam que há um grande choque e uma influência significativa das duas culturas que viveram, criando um espaço de compartilhamento que formam uma base, uma raiz que molda como se identificam, como se expressam e como são identificados.

Essa forma de lidar com o choque cultural encontrada por Carlos apresenta um caráter de molde, revelando que constrói formas de conviver com as nacionalidades que o habitam. Essa

mesma abordagem encontra-se presente na entrevista de Adriana, relatando que percebe haver uma mistura de suas influências, podendo surgir até uma terceira:

(Adriana) Quando me identificavam como brasileira eu dizia “não, eu sou daqui, sou venezuelana!” e pensava meu Deus do céu, meus compatriotas não me acham mais venezuelana! Mas olha, eu amo o Brasil. Digo mais de Brasília porque é onde eu moro, e estou aqui, uma venezuelana brasileira! **Como se me surgisse uma terceira coisa** [grifo meu]!

Nossa senhora, até hoje tem coisa que eu misturo, entendeu? E você vê que apesar do tempo que eu tenho no Brasil eu ainda tenho sotaque, né? Não, mas eu não quero perder esse sotaque não [...] porque quando não se está na nossa terra e não tem como viver com uma pessoa de língua espanha, você vai perdendo devagar, né? Ou vai esquecendo porque tem que praticar mais o português por causa das crianças, dos netinhos que não falam espanhol, né? Só a mãe deles que fala espanhol, ela não está aqui no momento. E é isso minha filha, eu preciso dessa ligação.

Aqui a fala de Adriana traz um momento de autodefinição. Em meio a todas essas classificações, pressão e angústia de desencaixe entre as culturas que a perpassam, ela é uma venezuelana brasileira que encontrou sua própria forma de conviver com o choque identitário. Ao entender os elementos que a fazem destoar como a forma de agir, a vestimenta, o sotaque, Adriana afirma que para ser quem é, precisa estabelecer essas conexões entre as nacionalidades dentro de si também, ou seja, ao afirmar que não só sabe que possui o sotaque ainda da sua língua nativa, o espanhol, como afirma que quer ele presente e não quer perdê-lo, mostra como a presença da sua língua, mesmo que na forma do sotaque, é importante para a sua auto identificação. Falar espanhol a transporta de volta para a Venezuela e, na Venezuela, as gírias e a entonação do português na sua fala a levam de volta para o Brasil. Mesmo que essa característica a identifique como estrangeira daquele lugar, é assim que Adriana permite que a vejam, uma pessoa que em sua fala demonstra mais de uma língua, mais de um país e mais de uma cultura em uma única pessoa.

Para além dessa experiência, Adriana também relatou que passou por momentos de desajuste entre as duas culturas, sem conseguir se sentir plenamente pertencente a nenhum delas. Esse sentimento é interpretado por ela de duas formas. A primeira está relacionada às percepções que teve de si mesma ao notar que elementos da cultura brasileira agora fazem parte de sua identidade. Por exemplo, ao voltar para a Venezuela, ela percebe que estranha certas interações e que já não segue algumas tradições venezuelanas em sua casa. Isso chamou sua atenção para o quanto viver no Brasil a impactou.

De outro lado, as pessoas ao seu redor também expressaram como a veem após sua experiência migratória. Quando visita parentes na Venezuela, eles estranham e questionam certos comportamentos e falas que se distanciam do que é considerado “ser venezuelano”. No Brasil, devido ao seu forte sotaque, também é identificada como “não sendo dali”. Mas, afinal, de onde Adriana é? Para ela, é possível ser dos dois lugares, navegar por ambas as culturas, mesmo que seja vista como diferente em ambos os países. Esse aspecto de como lida com sua identidade é

perceptível na relação que criou com seu sotaque, escolhido deliberadamente para mostrar que, embora fale fluentemente o português, é um português com sotaque venezuelano, mantendo viva a conexão com sua terra natal.

Por mais que exista uma questão quase poética em conviver na influência de várias culturas, línguas e nações, nem sempre é uma condição tranquila de se viver. Ao pensar essa condição por meio dos textos de Glória Anzaldúa em *Borderlands* (2005 [1987]), está presente a dificuldade dos que se encontram na fronteira de conseguirem se encaixar e de entender o papel transitório que esses indivíduos têm dentro das sociedades. No caso migratório, a dificuldade está especificamente na luta de conseguir ser quem você é e de lidar com essa condição perante as nacionalidades que não aceitam desvios do que lhes é considerado aceito. Ao passar por essa dinâmica identitária se estende para um conflito interno que a multiplicidade de influências pode produzir, podendo até existir momentos em que algumas características podem machucar os outros lados das suas demais culturas (Anzaldúa, 2005 [1987]).

Para além da questão do choque cultural, observa-se como a dinâmica identitária fronteiriça opera dentro do sistema categórico de pertencimento. Na formulação identitária que define o que pertence ou não a determinado grupo, indivíduos em condições fronteiriças, ao se depararem com essas delimitações, percebem que sua relação de pertencimento com os grupos que atravessam não é tão rígida quanto a dos demais, conseguindo acessar elementos tanto internos quanto externos a esses grupos. Nesse contexto, emerge a ideia de um “gradiente de pertencimento”, que transcende a categorização binária de “sim/não”, situando essas pessoas em um espaço intermediário onde se percebem pertencentes em determinados níveis, mas não de forma completa. Essa forma de pensar a identificação coloca o indivíduo em uma posição paradoxal, na qual não há exclusão ou inclusão absolutas, mas uma série de nuances que os situam entre as definições. A dinâmica fronteiriça, ao sintetizar as tensões e possibilidades das formas de identificação baseadas em similaridade e diferença, explora os entremeios dessas classificações, evidenciando a complexidade de um processo identitário que incorpora múltiplos níveis de pertencimento, especialmente no contexto migratório.

Novamente, ao pensar na história migratória de Adriana, ela expõe as contradições de estar nesse entremeio cultural e a dificuldade de encontrar equilíbrio entre diferentes culturas. Sua principal inquietação reside na busca de um espaço de pertencimento, enfrentando situações em que uma de suas culturas parece se fraturar ao levar outra em consideração, culminando na sensação de nunca ter um lugar que a acolha plenamente. Quando questionada sobre sua lealdade a algum dos países em que viveu, esse conflito se intensifica, gerando inseguranças em relação à sua identidade e o sentimento de perda de traços culturais que a compõem, devido à dificuldade de conciliá-los.

Nesse sentido, Adriana relata que, ao se estabelecer no Brasil, enfrentou dificuldades para manter vivos os costumes que considerava fundamentais na Venezuela, percebendo que muitos deles não foram praticados nem transmitidos aos seus filhos. Ela explica que se casou muito jovem e, ao se mudar, passou grande parte do tempo convivendo com a família do marido, imersa nos hábitos e tradições culturais do Brasil. Apenas mais tarde conseguiu resgatar e fortalecer os vínculos com sua cultura venezuelana, reconectando-se com sua família de origem e compartilhando aspectos essenciais dessa identidade com seus filhos. Entretanto, destaca que houve a perda de valores e práticas venezuelanas fundamentais antes de conseguir criar um equilíbrio entre suas influências culturais.

Para conseguir sobreviver e então aprender a conviver com tantas facetas que podem chegar a agredir os outros pedaços de sua identidade múltipla, a pessoa em condição de fronteira realiza espécies de malabarismos entre suas partes. Como observado tanto nas falas de Carlos como de Adriana, suas histórias apresentaram uma consciência da fluidez, se descobrindo entre as transitoriedades sabendo quando é definido de uma maneira e quando de outra, sempre pensando nas melhores formas de coexistir nesse meio. Esse movimento se torna possível ao desvendar os modos de se equilibrar, utilizando-se principalmente do transnacionalismo que permite acessar partes de uma cultura distante e trazê-las para perto e a partir do olhar de onde a dinâmica identitária de marca te denuncia como diferente. A partir dessa mistura de formas de identificação, torna-se possível adquirir tolerância diante das contradições e construir as partes das culturas que te habitam sem te machucar – saber conviver com o choque e então realizar uma arquitetura cultural. Adquirir orgulho da sua(s) identidade(s) cria uma potência revolucionária da mudança, a capacidade de transferir informação entre as partes possui potência para desenvolver um verdadeiro convívio em diversidade (Anzaldúa, 2005 [1987]).

Assim, chego ao fim da análise das histórias de vida deste trabalho. Cada entrevista, ao narrar trajetórias de imigrantes venezuelanas(os) no Brasil, revelou percursos únicos que expressam sentimentos diante de dificuldades, superações e momentos de alegria. Essas narrativas desvendam como cada um lidou com as questões migratórias, seja em casa, ao se comunicar com familiares na Venezuela ou em suas interações cotidianas. Esse percurso decifra a relação intrínseca entre identidade e migração. Mais especificamente, mostra como foi possível enxergar questões identitárias nas narrativas das(os) entrevistadas(os) a partir dos aparatos teóricos construídos anteriormente. Os elementos que compõem a construção identitária e o processo de identificação convergem neste ponto final, revelando formas de lidar com as questões identitárias que abraçam a condição de identificação no contexto migratório. A conexão que ultrapassa fronteiras, a busca pelo que é familiar, o choque cultural, a alteridade, pela manifestação de uma fluidez – todos aspectos que moldam e impactam profundamente a identidade daqueles inseridos nesse meio.

Ao reconhecer essa realidade, retorno ao ponto principal para analisar a questão identitária nessa pesquisa, em especial ao investigá-la no contexto migratório: a identidade é um processo em constante construção (Hall, 2006). Todas as formas escolhidas aqui buscaram romper com a ideia fixa de pertencimento, tratando a identidade não como algo unitário, mas como um processo inacabado, sujeito a mudanças e transformações constantes (Hall, 2014). Assim, cheguei ao conceito utilizado na pesquisa de pensar a partir de dinâmicas identitárias, formas de conceber a identidade por meio de constante transformação e adaptação. A identidade, longe de ser estática, é um processo contínuo de construção e reconstrução, influenciado por múltiplas culturas e experiências vividas. Ela se adapta, se transforma, e busca espaços no entremeio das classificações, nas fronteiras entre identidades fixas, para manifestar seu caráter processual.

O caminho para chegar até este momento trouxe, assim como as narrativas ouvidas, uma trajetória. Compreendendo inicialmente como a identidade pode ser construída pela similaridade, a diferença e a identidade cultural, foi possível elaborar, dialogando com as perspectivas e referências teóricas indicadas, as formas como essas questões se manifestam no fenômeno migratório. Além de abordar a identificação que desafia a ideia rígida de classificação, pensar a identidade cultural e nacional no contexto migratório torna mais evidente a constante redefinição de si mesmo pelos países que perpassa. Assim, a formação de conexões culturais, sociais, políticas e econômicas possibilita que a transnacionalidade aproxime as fronteiras entre nacionalidades, permitindo o acesso às culturas independentemente da localização física.

De outra forma, o choque e o estranhamento presentes na experiência migratória revelam formas de identificação que surgem da interação com o entorno, estabelecendo classificações baseadas na diferença, que definem o que é aceitável ou permitido e destacam a existência de fronteiras. De outro lado, há uma forma de identificação que ultrapassa essas delimitações fronteiriças, revisitando-as e transformando-as. Isso cria um espaço no entremeio, no qual as características de diferentes culturas e nações coexistem e, em alguns casos, se fundem em uma nova expressão identitária. Essas dinâmicas são visíveis nas histórias de Carlos, Ana, Adriana, Luciana e Sofia, em momentos distintos e, por vezes, simultâneos. Elas me ajudaram a compreender que, ao migrar, as identificações culturais também se deslocam, adaptando-se e transformando-se continuamente.

#### 4. Considerações finais

Desde seu início, esta pesquisa se propôs a investigar identidade e migração em um espaço particular, com foco voltado a pessoas venezuelanas residentes em Brasília, no intuito de compreender como essas(es) sujeitas(os) lidam com os processos de identificação, pertencimento e a condição de serem reconhecidas(os) como migrantes no Brasil. Este percurso investigativo permitiu abordar a complexidade das construções identitárias, considerando os deslocamentos territoriais, bem como observar formas de negociações das classificações culturais e sociais. A proposta central desta investigação foi destacar o impacto das migrações humanas na formação de identidades para além dos limites do Estado-nação, evidenciando como contextos diversificados influenciam a construção e a resignificação das identidades. Assim, para trabalhar o tema escolhido, me propus a pesquisar a comunidade venezuelana de Brasília devido à relevância do tema atualmente e pela experiência prévia que tive anteriormente com esse grupo, o que possibilitou um aprofundamento mais significativo sobre a dinâmica migratória e seus impactos identitários.

Para expor esta pesquisa, a estrutura do trabalho foi dividida em capítulos que conduziram, progressivamente, à compreensão da relação entre migração e identidade para então adentrar a reflexão nas histórias contadas. No capítulo inicial, “Contextos”, foram apresentados os fundamentos que motivaram a pesquisa, trazendo interesses pessoais e acadêmicos e a escolha metodológica. Este universo investigativo foi moldado, sobretudo, pela trajetória acadêmica e pessoal que passei, encontrando inspiração em autoras significativas ao longo do percurso, com destaque para Gloria Anzaldúa. Seus conceitos motivaram o aprofundamento em estudos que visam desconstruir categorizações hegemônicas e definições rígidas de existência, trazendo perspectivas de identidades fluidas e dinâmicas. Também abordei brevemente a crise humanitária na Venezuela e os principais eventos históricos que levaram ao expressivo fluxo migratório rumo ao Brasil. Este mapeamento permitiu compreender o panorama migratório e suas implicações, fornecendo o contexto de análise das experiências de migrantes entrevistadas(os).

Além disso, tratei de políticas públicas de acolhimento e integração no Brasil, como a Operação Acolhida, que desempenham papel central no modo como os fluxos são geridos em âmbito governamental. Compreender essas iniciativas foi fundamental para contextualizar as histórias de vida relatadas e as condições enfrentadas pelas(os) migrantes em sua chegada ao Brasil.

Ainda no primeiro capítulo, refleti sobre a escolha pela técnica da história de vida como metodologia central. Essa abordagem foi selecionada por sua capacidade de abarcar as trajetórias pessoais e subjetivas das(os) migrantes, permitindo compreender como cada indivíduo constrói, reconstrói e negocia sua identidade no contexto migratório. No contexto, a técnica da história de vida se mostrou uma escolha acertada para uma pesquisa voltada à identidade e migração, uma vez



que para interpretar a complexidade de relações que a identificam, é necessário, primeiramente, entender sua travessia, sua trajetória como migrante para acompanhar a história e os momentos em que a identidade é centralizada.

No segundo capítulo, “Migração e Identidade”, aprofundi a análise conceitual dos termos centrais da pesquisa, destacando como a migração influencia a construção das identidades. Nesse capítulo foram definidos os significados que seriam empregados para os principais conceitos, como migração, imigração e migrante e, em seguida, mobilizei abordagens sociológicas que tratam da migração para trazer as discussões acerca de globalização, vulnerabilidade e pertencimento nos estudos clássicos. Esse percurso permitiu conectar migração e identidade, analisando como, ao estudar o fenômeno migratório, os temas da identificação e do questionamento do pertencimento nacional emergem.

Dessa forma, buscou-se formular os significados atribuídos ao conceito identidade focando na forma de identificação por semelhança, diferença e pelas vertentes das identidades culturais. A identificação por semelhança busca aproximações com o outro, enquanto a identificação por diferenciação enfatiza as distinções. Já as identidades culturais levantam formas híbridas e multifacetadas de se definir. Essas formas não apenas configuram sistemas de reconhecimento, mas também deixam marcas significativas nas relações interpessoais e nas experiências dos migrantes.

A partir dessas constatações, as reflexões nas formas de similaridade e da diferenciação são levadas para o contexto migratório, traduzindo-se nas relações de identificação que ocorrem em pessoas migrantes ao se deslocarem entre países, trazendo assim as dinâmicas identitárias. Assim, na seção "Dinâmicas Identitárias", elaborei as interações entre migração e identidade, apresentando conceitos como transnacionalismo, a condição de fronteira e as dinâmicas de marcação identitária. Esses conceitos, formulados a partir da bibliografia estudada, revelam a dinamicidade constitutiva das identidades migrantes conectadas com a reflexão anterior. O transnacionalismo, por exemplo, destacou-se ao ilustrar como aspectos de similaridade podem conectar culturas e atravessar fronteiras, enquanto as marcações identitárias e a condição de fronteira trouxeram reflexões sobre os desafios da identificação por diferença, retratando a presença de estigmas e sistemas de classificação social enfrentados pelos migrantes.

A partir desse mapeamento, foi discutido como as pessoas migrantes constroem e negociam suas identidades diante das influências culturais e das pressões sociais que atravessam suas trajetórias. Foram analisadas também as estratégias de ressignificação e resistência identitárias, que expressam a fluidez e a multiplicidade que caracterizam os processos identitários no contexto migratório. Essa dinamicidade, particularmente evidente na dinâmica fronteiriça, demonstra como a mistura de influências culturais pode levar à emergência de identificações próprias e singulares que encontram um espaço próprio de existir.

O terceiro e último capítulo da monografia apresenta o momento das histórias de vida, aprofundando a análise das trajetórias de Carlos, Ana, Adriana, Luciana e Sofia. A apresentação das narrativas individuais ressaltou as principais experiências e caminhos que percorreram até chegarem em Brasília, ilustrando como a escolha metodológica pela história de vida se encaixou com a proposta da pesquisa. Cada relato revelou particularidades que expressam como as trajetórias migratórias são marcadas por deslocamentos, transformações e constantes estratégias de construção de espaço entre diferentes culturas e contextos.

Por meio do que foi relatado pelas(os) entrevistadas(os), pude apreender como cada um(a) construiu suas formas de existir, compreender e refletir sobre a condição de ser migrante. Esse percurso revela a relação intrínseca entre identidade e migração, mais especificamente, mostrou como foi possível enxergar questões identitárias nas narrativas das(os) entrevistadas(os) a partir dos aparatos teóricos mobilizados anteriormente, pensando as dinâmicas oriundas da identificação pelo similar e pela diferença, e analisando a presença do transnacionalismo, da dinâmica de marca e da condição fronteiriça nas narrativas ouvidas. Os elementos que compõem a construção identitária e os processos de identificação convergem neste ponto final, caracterizando formas de lidar com as questões identitárias que abraçam a fluidez e a multiplicidade da identidade no contexto migratório. As histórias de vida reforçam a perspectiva de que as identidades não são fixas, mas sim processos em constante transformação, moldados pelas interações sociais e culturais vivenciadas ao longo das trajetórias migratórias.

Assim, essa síntese dos capítulos consolida a principal contribuição desta pesquisa: sustentar que a identidade, longe de ser fixa, é um processo contínuo de construção e reconstrução, especialmente no contexto migratório, em que as fronteiras são simultaneamente desafiadas e transformadas. Eis o principal achado da reflexão aqui compartilhada: além de identificar questões identitárias nas narrativas migratórias e compreender a relação entre migração e identidade, evidencia-se a dinâmica da identidade. Em um contexto migratório, que atravessa culturas, a identidade não pode ser vista como estática, mas como um processo em constante transformação. À medida que a pessoa imigrante se move, sua identidade também se desloca, se adapta e é refeita.

A partir dessa perspectiva, introduzi a ideia de um “gradiente de pertencimento”, representando um pertencimento situado em um espaço intermediário, entre as fronteiras das classificações binárias. A análise do aspecto situacional da identidade revela como é possível identificar-se em diferentes níveis dentro de grupos e categorias, transitando por contextos diversos, interagindo com múltiplos grupos e, frequentemente, sendo percebido como pertencente a mais de um deles. Essa abordagem explora os entremeios dessas classificações, destacando um lugar em que não há uma inclusão ou exclusão absoluta no âmbito dessas definições e trazendo, assim, uma identificação fluida, com relações de pertencimento que assumem um caráter gradativo por estarem

em constante mudança. No contexto migratório, essa forma de compreender o pertencimento torna-se ainda mais evidente: ao transitar fisicamente por diversas situações, contextos, grupos e culturas, as identificações ultrapassam as delimitações rígidas, criando um espaço próprio e singular de relação com esses grupos, marcado por uma forma única de pertencimento.

Durante a pesquisa, além de perpassar os objetivos principais relacionados ao entendimento das dinâmicas identitárias no contexto migratório, emergiram questões que merecem ser exploradas em futuras investigações. Nesse sentido, opto por, neste momento, destacar sinteticamente alguns pontos de reflexão que não pude incorporar à realização desta pesquisa, mas que podem inspirar e se tornar estudos posteriores.

Primeiramente, debruçar-me sobre os estudos acerca do transnacionalismo despertou o interesse em aprofundar a análise do papel das organizações e associações nas relações identitárias. Investigar como tais associações influenciam processos identitários em níveis grupais e afetam simultaneamente diferentes países seria uma contribuição significativa para entender o impacto que esses laços alcançam. Embora tangenciado nesta pesquisa, esse aspecto não foi abordado em profundidade e permanece como uma promissora vertente de investigação.

Outro ponto de destaque é a interseção entre gênero, migração e identidade, que apareceu de forma pontual nas análises, especialmente ao tratar das dinâmicas identitárias de marca, baseadas em textos de autores como Dutra (2015). Considerando a relevância das questões de gênero nos estudos migratórios contemporâneos, pesquisas voltadas a investigar como mulheres migrantes lidam com estigmas, responsabilidades sociais e transformações identitárias possuem uma potência em contribuir no entendimento mais amplo das interseccionalidades no contexto migratório.

Por fim, durante a análise da centralidade da comida na história de vida dessas(es) migrantes, surgiu uma hipótese relevante a ser mencionada: seria coincidência que a centralidade da comida tenha emergido neste estudo devido ao fato de a maioria das entrevistadas serem mulheres? Essa reflexão surgiu ao considerar a importância da comida, ao ser trazida como um elemento de conexão com a cultura venezuelana, e pareceu estar mais presente nas vivências das mulheres entrevistadas. Nas falas de Carlos, a conexão com a comida se manifestava mais na forma comercial, vinculada à importância de acessar esses ingredientes no Brasil e de possibilitar que outros migrantes também tenham acesso a eles. Já na história das entrevistadas, a comida aparecia conectada à importância de prepará-la em eventos ou no dia a dia para conseguir se conectar à Venezuela e a momentos familiares. Esse tema poderia ser interessante de investigar em outra oportunidade para pensar se há uma questão de gênero entrelaçada nessa relação.

Infelizmente, devido à natureza desta pesquisa enquanto monografia, não foi possível aprofundar as questões mencionadas, sobretudo em razão das limitações de tempo e da proposta

definida para este projeto. No entanto, esses pontos podem servir como estímulos iniciais para futuras investigações, contribuindo para o avanço dessa área de pesquisa.

Assim, é notório perceber, após essa síntese do trabalho, o ponto central da pesquisa: pensar a relação identidade e migração para então tornar possível repensar as formas de identificação marcadas por categorizações rígidas, que podem resultar em papéis e imagens marginalizadas e estigmatizadas. Ao questionar essas categorias, independentemente do recorte – seja gênero, raça, sexualidade ou, como neste trabalho, nacionalidade –, emerge a oportunidade de adotar uma perspectiva que reconheça o processo dinâmico e em constante transformação das identidades.

Identidade não é algo fixo, mas sim um processo que nos acompanha ao longo da vida, sempre se reconstruindo a partir das interações sociais, dos lugares que ocupamos e de como nos definimos. Adotar uma perspectiva de identificações dinâmicas permite vislumbrar novas formas de existir e, mais importante, maneiras de lidar com sistemas que limitam. Esses sistemas podem ser desafiados por espaços de resistência e ressignificação, promovendo alternativas às classificações que, frequentemente, colocam indivíduos em posições de exclusão. Esse processo revela que as identidades são múltiplas e fluidas, e que a convivência entre culturas diferentes tem o potencial de transformar a perspectiva de categorizações rígidas.

A escolha de investigar a subversão dessas normas por meio da migração não foi por acaso. Ao pensar em pessoas que desafiam paradigmas preestabelecidos, quem mais poderia questionar e romper essa forma de se identificar do que pessoas que atravessam fronteiras terrestres e culturais, sendo influenciadas por diversas formas de viver? Ao internalizar essas influências e adaptá-las à sua própria história de vida, emergem novos mecanismos e formas de identificação a partir das tentativas de existir entre várias categorias que não se encaixam completamente, resultando na busca por equilíbrio e por um espaço no qual essa identidade múltipla possa existir. Essa dinâmica é o coração da compreensão sobre identidade e migração, reiterando a importância de estudos que desafiem os sistemas de classificação hegemônicos e proponham formas por meio das quais múltiplas pessoas possam se encaixar, respeitando as diversidades.

## Apêndice - Perguntas Guia para a História de Vida

### Perguntas básicas:

- Quantos anos tem?
- Quando que você saiu da Venezuela?
- Você veio sozinho? Veio com a sua família? Quem faz parte da sua família?
- Quando você entrou no Brasil? Como? A quanto tempo está no Brasil?
- Quando você veio para Brasília? A quanto tempo está em Brasília?
- Onde você mora?
- Você trabalha atualmente? Ou estuda? Aonde?

### perguntas para iniciar a narrativa:

- Como foi sua viagem ao sair da Venezuela e chegar ao Brasil?
- Por que pensou em vir para o Brasil?
- Como você chegou em Brasília?
- Quando chegou no Brasil e/ou Brasília, você já tinha algum conhecido morando aqui?
- Como é a sua vida aqui em Brasília? Como é o seu dia a dia?

### Dinâmicas identitárias:

(1) Como foi sua viagem ao sair da Venezuela e chegar ao Brasil?

- Como foi seu período de transição desse país para o outro, como foi a sua adaptação? Você poderia me contar se passou por alguma situação de dificuldade?
- Dentro desse movimento migratório para o Brasil, como você se conectou e se conecta com a Venezuela? Você possui familiares, amigos, conhecidos que estão na Venezuela? Continua em contato com eles (parentes, amigos ou associações que estão na Venezuela)? Como é seu sentimento e sua relação com a Venezuela depois dessa mudança?
- Como você se sente em relação ao pertencimento dessas duas culturas/ dois países que você conviveu? Já passou por algum momento pessoal que você tentou se definir e entender essa condição?

(2) Como é a sua vida aqui em Brasília? Como é o seu dia a dia?

- E com os venezuelanos aqui da cidade, vocês mantêm um convívio? Algum grupo de auxílio ou alguma associação em que você participa? Foi possível construir uma comunidade de apoio entre vizinhos ou conhecidos venezuelanos?
- Por você ter vivido e experienciado as culturas e costumes desses dois países, existem momentos que esses grupos/essas pessoas te consideram algo diferente deles?

- Em algum momento vivendo aqui no Brasil, você sentiu um desencaixe ou se sentiu marginalizado pelos traços, comportamento ou alguns aspectos culturais que se destoam da realidade brasileira?
- A sua nacionalidade já te impediu de conseguir alguma coisa aqui no Brasil? Você já sofreu alguma discriminação por ser de outro país? Alguém já te expôs nesses momentos apontando a sua nacionalidade?

## Referências Bibliográficas

- ACNUR. **Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados**. Disponível em: <[http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao relativa ao Estatuto dos Refugiados](http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao%20relativa%20ao%20Estatuto%20dos%20Refugiados)>. Acesso em: 01 fev. 2024.
- ACOSTA, D.; BLOUIN, C.; FREIER, L. F. La emigración venezolana: respuestas latinoamericanas. **Documento de Trabajo**, nº 3 (2ª época), Madrid: Fundación Carolina, 2019.
- ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. In: **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**, vol. 13, 2005 [1987], pp. 704–719.
- BECKER, H. S. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1965].
- BERTAUX, D. L'approche biographique, sa validité méthodologique, ses potentialités. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, LXIX, 2, 1980, pp. 198-225.
- BRASIL. **Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial da União**, Brasília, 25 maio 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm). Acesso em: 05 fev. 2024.
- CARREIRO, J. Dinâmicas transnacionais protagonizadas por Associações de Migrantes Guineenses em Portugal. In: **ISCTE - Repositório do Instituto Universitário de Lisboa**, 2007.
- HACHEM, Z. Região Centro-Oeste. In: **Relatório Anual OBMigra 2024**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2024, pp. 52-67.
- COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016, pp. 99-127.
- DUTRA, D. Marcas de uma origem e de uma profissão: trabalhadoras domésticas peruanas em Brasília. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 28, n. 73, abr. 2015, pp. 181-197.
- DUTRA, D. **Migração internacional e trabalho doméstico - Mulheres peruanas em Brasília**. 1ª ed. São Paulo: OJM & CSEM, 2013.

FLICK, U. Pesquisa qualitativa e quantitativa. In: FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009, pp. 39-49.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In.: BAUER, M.W. & GASKELL, G. (org.) **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 64-89.

GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; SZANTON BLANC, C. De imigrante a transmigrante: teorizando a migração internacional. **Cadernos CERU**, série 2, v. 30, n. 1, 2019, pp. 349-394.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1988].

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

GUÉRIOS, P. R. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos (UFPR)**, v. 12, p. 9-34, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. Quem precisa da identidade?. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014, pp. 110-144.

HEIDEGGER, M. O princípio da identidade. In: **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, pp. 8-23.

IMDH. **Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania**, v. 16, n. 16. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Imigração Venezuela-Roraima: evolução, impactos e perspectivas**. Brasília, 2021. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>. Acesso em: 05 fev. 2024.

LEVITT, P.; SCHILLER, N. G. Conceptualizing simultaneity: A transnational social field perspective on society. **International Migration Review**, 2004.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo decolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, 2014, pp. 935-952.



MARTINO, A.; MOREIRA, J. A política migratória brasileira para venezuelanos: do “rótulo” da autorização de residência temporária ao do refúgio (2017-2019). **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 28, n. 60, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006009>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MARTINS, H. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

OIM. **Direito Internacional da Migração: Glossário sobre Migrações**. Genebra: Organização Internacional para as Migrações, 2010.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 01 fev. 2024.

ROTERMEL, A. T. *et al.* Como começou a crise na Venezuela? **Politize!** Joinville/SC, 10 jan. 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/crise-na-venezuela/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. O. Teoria das Migrações Internacionais. In: **XII Encontro Nacional da ABEP**, Caxambu, out. 2000, GT de Migração, Sessão 3 - A migração internacional no final do século.

SASSEN, S. **The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow**. New York, Cambridge University Press, 1988.

SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014, pp. 77-109.

SIMMEL, G. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983 [1908].

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014, pp. 2-76.